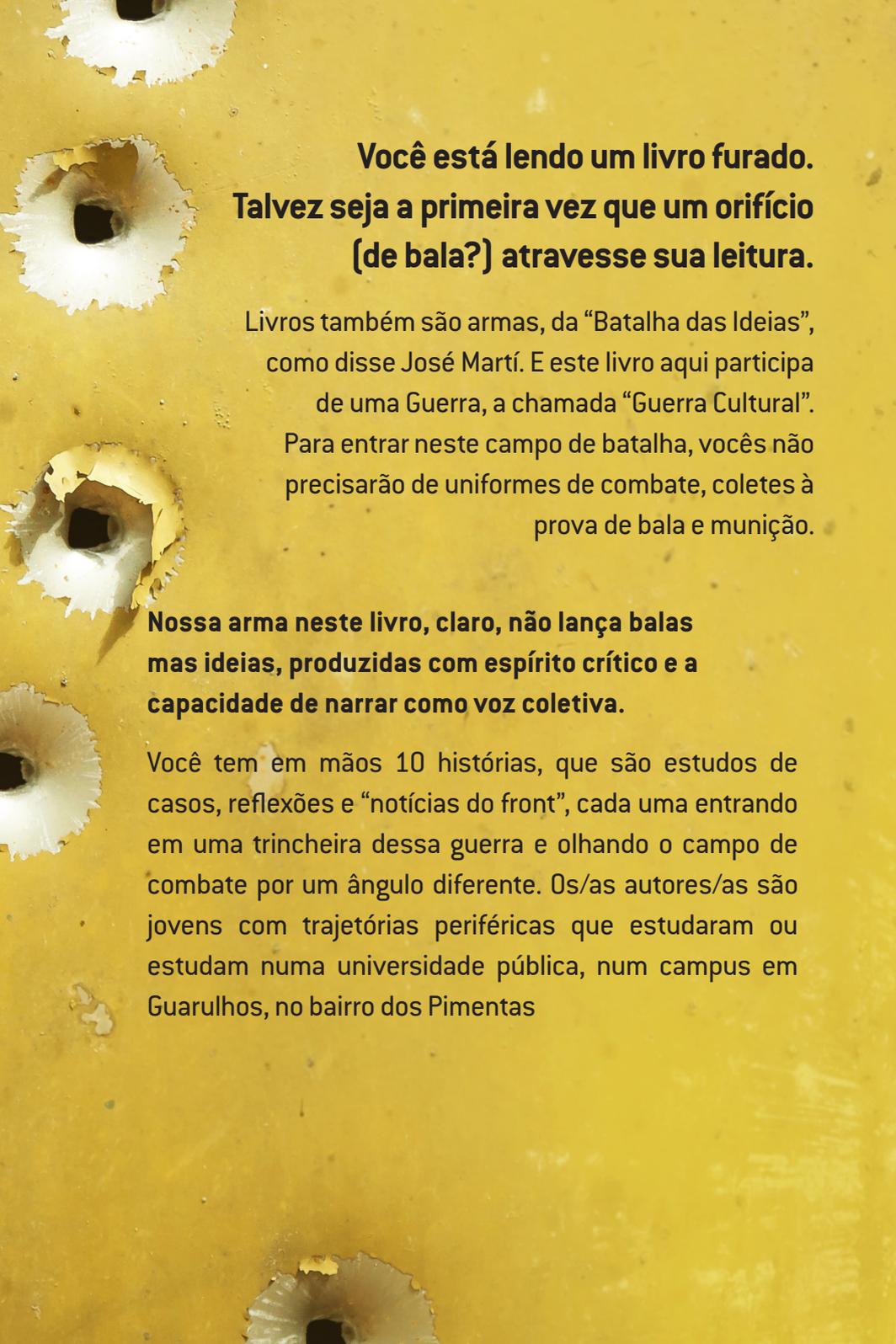


organizadores

Pedro Arantes André Okuma Amauri Eugênio Jr.

GUERRAS CULTURAIS

NA ASCENSÃO (E QUEDA?)
DO BOLSONARISMO

The background is a solid yellow color with several circular holes of varying sizes, resembling bullet damage. The holes are scattered across the page, with some showing white, jagged edges. The text is centered and written in a bold, black, sans-serif font.

**Você está lendo um livro furado.
Talvez seja a primeira vez que um orifício
(de bala?) atravesse sua leitura.**

Livros também são armas, da “Batalha das Ideias”, como disse José Martí. E este livro aqui participa de uma Guerra, a chamada “Guerra Cultural”. Para entrar neste campo de batalha, vocês não precisarão de uniformes de combate, coletes à prova de bala e munição.

Nossa arma neste livro, claro, não lança balas mas ideias, produzidas com espírito crítico e a capacidade de narrar como voz coletiva.

Você tem em mãos 10 histórias, que são estudos de casos, reflexões e “notícias do front”, cada uma entrando em uma trincheira dessa guerra e olhando o campo de combate por um ângulo diferente. Os/as autores/as são jovens com trajetórias periféricas que estudaram ou estudam numa universidade pública, num campus em Guarulhos, no bairro dos Pimentas

Há quem goste de surpresas, eu pessoalmente dispensei. O cenário político desde 2013 me fez gostar ainda menos delas. Muitas vieram por uma direita renovada, assustadoramente de massas, versada em estratégias inovadoras de difusão ideológica.

O livro que você tem em mãos é quase um manual dessas surpresas. São dez análises, em diferentes temáticas, investigando a forma e a tática de ação fascista para difundir e tornar hegemônicas suas ideias.

Já no primeiro capítulo, com o famigerado “kit gay”, vemos como táticas de enxame e desinformação foram capazes de deitar de joelhos campanhas tradicionais. Na alça de mira fascista estavam ressentimentos e preconceitos avivados pela crise econômica, sobretudo entre os homens, como bem demonstra o segundo capítulo.

Mas nem só de guerra de movimento vive eles vivem. Os capítulos seguintes apresentam como montaram uma posição forte no mundo dos “gamers” e religiosos; como ameaçaram educadores supostamente doutrinadores e impuseram o medo nas escolas; articulando audiovisual e arquitetura para afirmar poder. Tudo isso, mesmo que de forma não estritamente combinada, forneceu uma visão de mundo que fazia sentido para seus correligionários atuarem na guerra.

Além da leitura dos textos, muito bem articulados entre si, vale muito a pena se debruçar sobre os exemplos. O livro é repleto de imagens comparativas que ilustram os argumentos e ajudam o leitor a visualizar detalhes (alguns grotescos) desse campo de batalha.

Para os que estudam, é uma excelente referência empírica e crítica. Para os que se surpreenderam e gostariam de entender o que rolou, um ótimo ponto de partida. Para os que lutam, uma contribuição para que os surpreendidos, daqui pra frente, sejam eles.

Gabriel Simeone é educador popular e membro da coordenação do MTST.

[texto de orelha do livro impresso]

organizadores

Pedro Arantes

André Okuma

Amauri Eugênio Jr.

GUERRAS CULTURAIS

NA ASCENSÃO (E QUEDA?)
DO BOLSONARISMO

Da eleição de 2018 ao 8 de janeiro de 2023

inverso

INVERSO | Compreender o Brasil destes últimos anos e o que temos pela frente é uma tarefa urgente. O selo **Inverso** da Editora Hedra acolhe jovens autores que estão abrindo caminhos e colocando novas questões, desafiando a produção acadêmica e editorial tradicional. **Inverso** permite não apenas ver por outro ângulo, de baixo para cima, da periferia ao centro, mas por outra métrica da palavra escrita. Cada edição tem um projeto gráfico único e dará espaço para novas vozes, de jovens universitários ou não, com seus coletivos de pesquisa e de mobilização, que somem no desafio de interpretar e lutar no país estranho que nos cerca. Na linha de frente está a articulação sempre explosiva entre cultura e política, arte e combate, produção de imaginários e formas de poder. A juventude está fortemente envolvida nesses embates e é decisiva para que possamos decifrá-los e desenredá-los num caminho emancipador. Por isso, no **Inverso** terão voz e vez. A coleção conta com ebooks gratuitos e direitos autorais com a licença Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0, que permite que as obras sejam baixadas e compartilhadas livremente desde que mencionada a autoria e não seja feito uso para fins comerciais. As tiragens impressas dependem de apoios de fomento obtidos para cada proposta, para que possam ser vendidas a preços populares.

Editor | Felipe Musetti

Conselho Editorial | André Castro, Douglas Barros, Jade Percassi,
Joana Salém, Pedro Fiori Arantes, Sílvia Viana

Projeto gráfico | Camila Dias

Foto da capa | Adriano Machado

Revisão | Amauri Eugênio Jr., André Okuma e Pedro Fiori Arantes

ISBN | 978-65-983541-0-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro: SP, Brasil)

Guerras culturais : na ascensão (e queda?) do bolsonarismo : da eleição de 2018 ao 8 de janeiro de 2023 / organizadores Pedro Arantes, André Okuma, Amauri Eugênio Jr. -- São Paulo : Inverso, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-65-983541-0-7

1. Brasil - Política e governo 2. Bolsonaro, Jair Messias, 1955- 3. Ciência política 4. Democracia - Brasil 5. Direita e esquerda (Ciência política) I. Arantes, Pedro. II. Okuma, André. III. Eugênio Jr., Amauri.

24-208478 CDD:320.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Política 320.981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EDITORA HEDRA LTDA.
Av. São Luis, 187, Piso 3, Loja 8
01046-912 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 30978304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br
Foi feito o depósito legal.



Este livro contou com o apoio do
Centro de Estudos Sociedade,
Universidade e Ciência da Unifesp

SUMÁRIO

- 5 Prefácio**
Jade Percassi
- 9 Introdução: Decifra-me ou Devoro-te**
Pedro Arantes, André Okuma e Amauri Eugênio Jr.
- 13 Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista**
Pedro Arantes, André Okuma, Alexandre Vilas Boas e Isabel Barboza
- 29 Rambonaro: Masculinidade Tóxica e Corpos-Bombados**
Amanda Feo
- 45 Jogos de fúria: ressentimento, opressão e adrenalina gamer**
Rebeca Nieves e Amauri Eugênio Jr.
- 63 Escola sem partido: Paulo Freire, professores e estudantes na mira extremista**
Patricia Pinheiro de Paula
- 79 Dog whistle: propaganda nazifascista na comunicação bolsonarista**
Isabella Mendes Marques dos Santos e Amauri Eugênio Jr.
- 97 Inimigos e os dois Messias na pintura de Lucy Billhardt**
Maria Luiza Meneses

- 113** **Audiovisual e arquitetura no Projeto de Poder Evangélico**
Ana Beatriz Tavares Barbosa e André Okuma
- 131** **Os (des)caminhos da direita segundo a Brasil Paralelo**
André Okuma e Fernando Frias
- 147** **8/1: A rebelião dos manés ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília**
Pedro Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
- 169** **8/1: Fé e Fúria em Brasília**
Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
- 185** **Bibliografia comum**
- 190** **Créditos das imagens**
- 195** **Os/as autores/as**

Prefácio

Jade Percassi*

“É um tempo de guerra, é um tempo sem sol”. Mas diferentemente dos anos de chumbo, em que a canção de Edu Lobo e Guarnieri foi forjada e cantada por Bethânia, no tempo em que nos foi dado viver, falar de flores e árvores não significa silenciar sobre todas as injustiças; muito pelo contrário, parece ser o caminho possível para superá-las. Isso porque chegamos à encruzilhada histórica da crise estrutural do capitalismo, em que o sistema de acumulação com base na exploração dos seres humanos e da natureza tornou-se insustentável do ponto de vista político, econômico, social, ético e ambiental.

Em todo o mundo, avançam processos de devastação da natureza e de retrocessos de direitos sociais e trabalhistas conquistados historicamente, numa velocidade e intensidade que o mecanismo de disfarce ou camuflagem pela ideologia não dá mais conta de esconder. A exclusão e segregação de parcela considerável das pessoas de condições mínimas para uma vida digna ocorre à luz do dia e sem pudor, como efeito colateral dos esforços transnacionais para salvar a concentração de riquezas e privilégios. A destruição de florestas e ameaças a biomas inteiros para extração de recursos segue a todo vapor, ignorando solenemente as evidências do colapso ambiental e climático.

No Brasil não é diferente. Com uma economia dependente da monocultura de commodities para exportação, explodem os casos de trabalho em condições análogas à escravidão e conflitos violentos no campo na mesma medi-

* **Jade Percassi** é educadora popular, pesquisadora, artista, militante e mãe. Bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela FFLCH USP, mestrada e doutora em Educação pela FE USP, pós-doutoranda em Saúde Pública na Unifesp. Integra o Coletivo Nacional de Cultura do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), a Frente de Literatura Palavras Rebeldes e o grupo musical As Cantadeiras. Participou do Grupo de Estudos sobre Guerras Culturais que deu origem à disciplina eletiva da Unifesp e a este livro.

da em que passam a boiada, a queimada e os venenos. Enquanto retrocedemos à condição de neocolônia exportadora de matéria-prima, uma operação midiática, de guerra cultural, mobiliza cifras astronômicas para convencer a sociedade de que o agro é pop, é tech, é tudo.

As empresas do agronegócio adotaram a indústria cultural como parte de sua estratégia para propagar valores, significados, símbolos, ideias e ideologias que justifiquem o seu modelo, tornando-se sedutor, produzindo uma imagem invertida do que realmente é. Atuam produzindo livros infantis para serem distribuídos nas escolas, patrocinam escolas de samba, financiam novelas, produtoras e apresentações musicais, feiras de autopropaganda, entre tantas outras atividades. E assim como o agronegócio limita as possibilidades do tipo de cultura que será produzida, a indústria cultural controla os tipos de produto cultural que circulam em seu sistema para serem consumidos pela população. A versão atual do sertanejo tem sido chamada de “agronejo”, uma fusão sintomática, em que o produto cultural é também commodity como uma “soja musical”.

Política, economia e cultura não se separam ao longo da história. A relação dos seres humanos com a natureza, com a posse e o domínio da terra, as formas de organização do trabalho com a terra, sempre estiveram ligadas aos processos econômicos e políticos de luta de classes. Não foi só o campo popular que percebeu isso. O capitalismo faz agitação e propaganda desde que passou a ter consciência da dimensão simbólica, do fetiche da mercadoria e da sociedade do espetáculo que ele mesmo produz.

A cultura assumiu progressivamente uma dimensão estratégica na luta de classes e na disputa por um projeto de sociedade, não apenas por meio de ideias e valores, mas também de práticas. No caso brasileiro, isso se dá essencialmente entre dois projetos antagônicos, tendo cada um deles seus desdobramentos nas esferas econômica, tecnológica, social e produtiva.

O agronegócio, como projeto de desenvolvimento capitalista para o campo, estabelece uma produção sem agricultores, sem cuidado com a natureza e com a vida. No lugar das relações comunitárias e associativas entre famílias agricultoras, impõe-se a superexploração do trabalho; a terra se resume a mais uma mercadoria, as sementes não se reproduzem, enquanto uma infinidade de

agrotóxicos contaminam os solos, as águas, os animais, as pessoas, os alimentos. Ao mesmo tempo, rodeios, shows de música “agroneja”, grandes eventos e feiras agropecuárias vêm inviabilizando e substituindo formas de sociabilidade ribeirinhas, camponesas, caipiras, quilombolas e indígenas.

O contraponto a esse projeto se expressa na luta pela reforma agrária, entendida não apenas como processo de democratização do acesso e desconcentração fundiária, mas uma mudança nos aspectos culturais da vida no campo. Como projeto cultural, seu desafio está em construir condições para a emancipação humana, criando outra sociabilidade no campo, livre de exploração e opressões de gênero, raça, orientação sexual, religiosidades; confrontando um agronegócio fortalecido pelo capital financeiro, pelo coronelato local, pelas empresas transnacionais, pelo monopólio da mídia e pela indústria cultural.

Uma das condições para esta disputa entre projetos é a compreensão de sua importância para o conjunto da sociedade, do campo e da cidade, não somente como um meio de resolução de problemas econômicos, sociais e políticos, mas também como resposta ao agravamento da crise ambiental e da ameaça à saúde pública representadas por esse modelo de produção. A função social da terra e dos bens da natureza precisam ser debatidos amplamente, para que se consolide uma nova matriz produtiva e cultural, com outros padrões de desenvolvimento, de consumo e de relação com a natureza. O agronegócio não produz comida e segurança alimentar, mas mercadorias, combustíveis, farelo para a produção de ração ou pasta para celulose. São as famílias camponesas que respondem pela produção de alimentos para o combate à fome, atuando como guardiões da biodiversidade, da saúde da terra, das sementes e da vida no planeta. Mas essa compreensão, para se tornar ampla, depende de ações para fazer chegar as informações às pessoas, sobretudo nas cidades.

Nessa forma de enfrentamento, um dos maiores desafios é a ampliação do cultivo de uma nova consciência, de novos valores e relações sociais entre os seres humanos e com a natureza. Os acampamentos e assentamentos, centros de formação, escolas do campo e cooperativas são espaços privilegiados para germinar essa nova cultura, partindo de um modelo produtivo onde a terra

cumpra sua função social, o trabalho seja fundamentado na cooperação e na agroecologia. Uma cultural diversa, plural, rica, vivida e enraizada em saberes e tradições populares e ancestrais, que combate a indústria da monocultura capitalista e sua sociedade do espetáculo.

Esse talvez seja o ponto central das guerras culturais em curso: a batalha das ideias tem lastro na materialidade da vida. Para enfrentar politicamente a produção estética carregada de valores vinculados ao projeto do capitalismo, que se utiliza dessa dimensão do sensível em sua disputa pelo imaginário da sociedade, é necessário, além da elaboração teórica e das lutas concretas, uma produção simbólica capaz de atravessar as barreiras construídas repetidamente



pela extrema direita no último período, para causar impactos de estranhamento e de desnaturalização do agronegócio exportador como forma única de desenvolvimento de nosso país — e dando visibilidade às experiências alternativas que já existem, despertar nas pessoas novamente a esperança, a possibilidade de imaginar e construir novos caminhos.

Introdução

Decifra-me ou Devoro-te

Pedro Arantes

André Okuma

Amauri Eugênio Jr.

Você está lendo um livro furado. Talvez seja a primeira vez que um orifício (de bala?) atravesse sua leitura. Livros também são armas, da “Batalha das Ideias”, como disse o pensador cubano José Martí. E este livro aqui participa de uma guerra, a chamada “Guerra Cultural”. Para entrar neste campo de batalha, vocês não precisarão de uniformes de combate, coletes à prova de bala e munição.

Shot, que em inglês significa tiro, é também o nome que se dá à tomada/plano de câmera em uma gravação, ou seja, o momento entre o “Ação” e o “Corta”. A referência se dá pelo fato da câmera se parecer com uma arma – que ela de fato é. O nosso campo de batalhas será sobretudo o da imagem que, a partir da internet, dos memes, da fotografia, da TV, do cinema, dos games, da arquitetura, constituem munição visual que é disparada como rajadas de metralhadora em nossa direção.

Nossa arma neste livro, claro, não lança balas, mas ideias, produzidas com espírito crítico e a capacidade de narrar como voz coletiva. Você tem em mãos 10 histórias, que são estudos de casos, reflexões e “notícias do front”, cada uma entrando em uma trincheira dessa guerra e olhando o campo de combate por um ângulo diferente.

Os/as autores/as são jovens com trajetórias periféricas que estudaram ou estudam numa universidade pública, num campus em Guarulhos,

no bairro dos Pimentas. São alunas/os de graduação ou pós-graduação que já vêm acompanhando essa guerra há algum tempo: em grupo de estudos, numa disciplina eletiva, pesquisas e orientações, e atuando em coletivos e movimentos. Foram, quase todas/os, autoras/es de um caderno de estudos produzido em 2022, o Guerras Culturais em Verde e Amarelo (ebook disponível gratuitamente na internet). Um professor ajudou nessa parada, um daqueles professores que a direita chama de “doutrinador”, “comunista”, “gayzista” — mas ele foi só o estopim de uma vontade coletiva de pensar autonomamente e decifrar enigmas.

Que enigma é esse? Os movimentos sociais, as periferias, os trabalhadores, a esquerda, demoraram para perceber a irresistível ascensão da extrema-direita, seus métodos de organização, agitação, propaganda, combate, ódio e mentiras. Na eleição de 2018, não tivemos tempo para fazer frente, nem sabíamos como, pois não entendíamos como a guerrilha comunicacional (em parte subterrânea) da extrema-direita, sem tempo de TV e grandes apoiadores, obteve a vitória esmagadora de

Bolsonaro. Logo depois tivemos que entender como fazer frente e se opor ao seu governo, que contou com amplo apoio da burguesia brasileira (não apenas do agronegócio) e de todos os tipos de negócios e negociatas (de pastores a madeireiros, de grileiros a políticos do centrão), além das forças de repressão de Estado e milícias. E ainda veio a pandemia de Covid-19. Essas forças sombrias e tragédias somadas estavam prontas para devorar, para nos devorar. Os alvos dos “patriotas” e “cidadãos de bem” (e do vírus) éramos nós: trabalhadores, jovens periféricos, indígenas, negros, feministas, LGBTQIAP+, sem-terra, sem-teto, professores, estudantes, artistas, cientistas, ambientalistas, presos, idosos e doentes... No governo, a direita radicalizada veio para devorar e destruir tudo que via pela frente: o meio ambiente, a cultura, a educação, a ciência, a saúde, os direitos humanos, as reservas indígenas, as instituições e serviços públicos e nossa frágil e incompleta democracia.

Um dos caminhos para fazer frente a isso era decifrar o mais rapidamente possível o enigma desta esfinge assustadora. Cada um, em cada lugar e movimento, em cada canal ou sala de aula, em cada praça e conversa de bar, atuamos para entender o que estávamos vendo, sofrendo e enfrentando. O esforço foi de muitos, sobretudo as mulheres, negro/as, jovens e pobres, que derrotaram o neofascismo brasileiro, mas que segue vivo, não nos iludamos.

Podemos dizer, sem exageros, que as realidades online e offline estão em disputa no que a extrema-direita vê como um misto de guerra cultural, com guerra santa e guerra híbrida militar, na qual estão em jogo corações e mentes de seus seguidores. Mais do que isso, o objetivo final de quem conduz o rebanho radicalizado é construir uma realidade paralela na qual seja aceitável dizer que $2+2=5$, que fatos são narrativas e teorias da conspiração similares ou até mesmo inspiradas no QAnon sejam acriticamente aceitas como verdade. Vide a tentativa de desacreditar e assassinar as reputações dos movimentos sociais, mídia, das universidades e da área científica – ciências exatas, da vida ou humanas, tanto faz – e de qualquer um que se recuse a embarcar numa visão de mundo delirante, reacionária, antipública e antissocial. Visão que alimenta um novo padrão de dominação e de luta de classes, não esqueçamos, a extrema-direita não anda desacompanhada. O (neo)fascismo é um “freio de emergência” do capitalismo, que o utiliza para recobrar sua capacidade de comando e lucro sem se colocar diretamente à vista.

Este livro-como-arma, mesmo baleado, resiste e convida para que juntos sigamos produzindo teoria e prática: observando, refletindo, discutindo, resistindo, imaginando, criando. Além de decifrar, que é tarefa fundamental, nos cabe agora fazer, propor alternativas, de preferência concretas e visíveis, que mudem a vida das pessoas, para de novo sentir afeto e vislumbrar futuro, para pensar com autonomia e agir por justiça, igualdade e fraternidade. Afinal, uma parcela da população também foi devorada, eles sim, mais do que nós: na sua capacidade de pensar, amar, se informar, agir por uma sociedade melhor, com menos ódio, violência, farsa e tragédia.

Não queremos ninguém devorado, queremos devorar conhecimento, queremos sair dessa guerra entre nós, de povo contra povo, para lutar o verdadeiro combate: contra o capitalismo, que segue empilhando vitórias e devastações. Enquanto a sociedade se bate, famílias se dividem, pessoas se matam, pessoas passam fome e dormem na rua, lá estão eles, em seus prédios espelhados e com ar-condicionado, em seus carros blindados, condomínios e restaurantes de luxo, iates, jatinhos e resorts, acompanhando o dinheiro acumulado crescer, aqui, no exterior e em paraísos fiscais. Enquanto a sociedade polarizada se engalfinha, eles seguem ganhando, impondo sua agenda, juros

e lucros a Lula ou Bolsonaro, entesourando sem parar. É esse, sobretudo, o enigma a ser decifrado: a luta, meus caros, não é só contra o fascista, o patriota e o fundamentalista cristão, é contra os que, sem sujar as mãos, derramar uma lágrima ou suar uma gota, seguem no comando do jogo enquanto matam-nos por motivos fúteis e falsos.

A luta contra a extrema-direita é apenas um dos rounds. A esfinge segue apresentando enigmas, não nos iludamos. Ao final, quem está a devorar nossas vidas, trabalhadores, animais e florestas, enfim, o planeta inteiro, é o capitalismo, sem freios e sem quem o pare. E ele é o grande empreendedor da Guerra Cultural que nos subordina a todos a seus padrões de consu-



mo, desejo e espetáculo. Por isso, meus caros, fiquemos atentos, nos organizemos, estudemos e nos mobilizemos. Não é apenas o "cão do fascismo" quem nos ataca, mas também o que o velho barbudo chamou de "moinho satânico" do capitalismo.

Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista¹

Pedro Fiori Arantes

Isabel Barboza

Alexandre Vilas Boas

André Okuma

A vitória surpreendente de Bolsonaro, Witzel e figuras similares, com suas tropas de militantes alimentando pulsões regressivas e revanchistas, deu-se em grande medida graças a capacidades discursivas e visuais de arregimentação pela extrema direita, subestimadas por seus adversários. A artilharia de comunicação microbiana e viralizada que vimos operando em 2018 (e nos anos anteriores) é fruto de uma máquina de subjetivação reacionária, excitada e paranoica que vinha sendo montada em redes sociais e na *deep web* há uma década ou mais, dentro e fora do Brasil. Esse sistema massivo e pulverizado de produção e circulação de imagens e materiais de comunicação, sem compromisso algum com a verdade, com a multiplicação de materiais de agitação, propaganda e histeria conectadas em “correntes” teve um efeito incendiário e fulminante.

A operação, a princípio, não foi comandada por uma equipe de publicitários da campanha oficial, mas descentralizada em pequenas *bibocas digitais* produtoras de símbolos, slogans, vídeos e memes que preparavam munições e multiplicavam mensagens por meio de grupos com afinidades, já constituídos ou mapeados por algoritmos, e recebiam apoio de robôs para produzir uma tempestade nas redes. Bibocas e multiplicadores vivos ou bots, arremessavam material nas redes para nichos mapeados pelas poderosas empresas que gerem

¹ Esta é uma versão resumida de um artigo escrito em junho de 2021 e publicado na Revista Eco-Pós da UFRJ, em novembro de 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27710

mananciais de dados sobre milhões de usuários e seus perfis, permitindo que as mensagens alcançassem, na selva digital, os receptores corretos, sensíveis àquela pregação. Cria-se, assim, uma trama que envolve microprodutores locais e super-corporações globais, própria à nova “economia da atenção” e à transfor-



**ATUARAM NUMA VERDADEIRA
GUERRILHA CULTURAL DE
AGITPROP, CONECTANDO MILÍCIAS
MEMÉTICAS COM O CAPITALISMO
DE DADOS, ARREMESSANDO
COQUETÉIS-MOLOTOV
NA FORMA DE
PROJÉTEIS VISUAIS,
MENTIRAS E ÓDIO,
QUE A ESQUERDA NÃO**

mação de nossa relação com imagens, narrativas e fatos, num regime de pós-verdade que tem alterado a natureza da política.

O sistema atuou como uma verdadeira *guerrilha cultural* de “agitprop” (agitação e propaganda) da direita, conectando milícias meméticas com o capitalismo de dados das bigtechs, arremessando coquetéis-molotov na forma de projéteis visuais e reiteração de mentiras e ódio, que a esquerda não soube compreender a tempo, e contra o que nem teve a

capacidade de fazer frente². Essa estratégia atuou na lacuna de controle público que nem mesmo experientes marqueteiros eleitorais, acostumados com a voracidade do meio publicitário, estavam preparados para detectar em tempo real. Enquanto PT, PSDB e partidos tradicionais estavam confiantes em armas pesadas, caras e centralizadas do marketing profissional e tempo abundante de TV, a artilharia ligeira de guerrilha na selva de comunicação alternativa das rede sociais amparadas por bigdata levou clara vantagem, com disparos frenéticos de mensagens apelativas, preparadas por ativistas-gamers-combatentes da extrema-direita.

A vitoriosa saga da fábula do “kit gay” e da “mamadeira de piroca”

“Kit gay”, “kit piroca”, “kit homossexual”, “kit pedofilia” e mais uma lista de denominações homofóbicas foram termos amplamente utilizados pela

² Evidentemente que a vitória da extrema-direita em 2018 não é apenas fruto de estratégias discursivas e visuais e sua propagação em rede, tema deste artigo, mas de conjunturas internacionais e locais, em especial a aposta que as elites fizeram na oposição radical ao petismo-lulismo, levando-as ao bolsonarismo.

máquina de propaganda bolsonarista. A própria autoria da denominação “kit gay” é atribuída a Bolsonaro quando, em 2011, passou a combater uma suposta campanha oficial para difundir a “ideologia de gênero” e “induzir crianças ao homossexualismo” nas escolas³. Em 2018, a extrema-direita bateu incessantemente em Haddad com essa narrativa, e as notícias sobre o suposto “kit gay” (que nunca existiu⁴) ganharam manchetes e capas dos principais jornais e revistas do país. A velocidade com que essa pseudo-notícia era propagada a partir de aparentes evidências, como a do livro *Aparelho Sexual e Cia.*⁵, sempre apresentado por Bolsonaro, deu verossimilhança à falsificação. A eficácia da ação de guerrilha discursiva foi notória: em novembro de 2018, o site Congresso em Foco informava que 84% dos eleitores de Jair Bolsonaro acreditavam na existência do “kit gay”⁶. Algumas das matérias que vinham a público revelavam um material produzido de forma tão grosseira, que bastava um olhar atento para que se percebesse que algo estava fora do lugar, pois tratava-se de uma tática de “trollagem”.

O que há de fato é que, anos antes, enquanto Haddad ainda nem mesmo havia ocupado o cargo de Ministro da Educação (entre 2005-12), foi instituído o Programa Brasil Sem Homofobia⁷, de iniciativa não governamental, em parceria com entidades civis e ONGs, com o apoio do Governo Federal e a aprovação da Unesco. Havia a intenção de distribuir nas escolas apenas um caderno de orientação sobre o programa, destinado aos professores. Nenhum material até ali foi proposto e muito menos distribuído diretamente para crianças. Então, como nasceu a polêmica? Em 2011, o então

3 Matéria na Rádio Jovem Pan: “O Haddad criou o kit gay”. Disponível em <<https://jovempan.com.br/eleicoes-2018/presidenciais/o-haddad-criou-o-kit-gay-diz-jair-bolsonaro.html>> Acesso em 11/08/2023.

4 Em entrevista ao Jornal Nacional. “TSE diz que “kit gay” não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa”. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/tse-diz-que-kit-gay-nao-existiu-e-proibe-bolsonaro-de-disseminar-noticia-falsa/>> Acesso em 11/08/2023.

5 De autoria da escritora francesa Héliène Bruller e do cartunista suíço Zep. No Brasil, traduzido e publicado pela Cia. das Letras em 2007, o livro estava recomendado para adolescentes acima dos onze anos.

6 Segundo pesquisa da IDEIA Big Data/Avaaz, e mesmo 10% dos eleitores de Haddad acreditavam na mentira. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>> Acesso em 11/08/2023.

7 Disponível em <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf> Acesso em 10/08/2023.

Bolsonaro em entrevista ao *Jornal Nacional*, em 2018, e atacando Haddad, em 2012.

[Crédito: Reprodução / TV Globo / Divulgação]



As imagens com
“mamadeiras
de piroca”
proliferaram-se
em 2018. Ao lado,
foliões usando as
mamadeiras no
carnaval de rua em
2019.

[Crédito: site E-farsas e
Catraca Livre]



Deputado Jair Bolsonaro começou a divulgar que o livro *Aparelho Sexual e Cia.* fora distribuído para crianças de seis anos e seria “uma porta aberta para a pedofilia”⁸.

Em diversos vídeos entre 2011 e 2018, Bolsonaro e filhos aparecem indignados, geralmente aos berros, anunciando terem desvendado a “ditadura gayzista” que seria instaurada pelo PT. Também mentiram sobre a dimensão do fato, pois foram comprados apenas 28 exemplares pelo Ministério da Cultura, e não houve distribuição em massa pelo MEC nas escolas, como alegavam¹⁰. O extinto MinC, por meio da PNLD¹¹, distribuía o material para bibliotecas públicas, mas, diante da confusão gerada, o programa foi paralisado e suspenso. Apesar de conduzida pelo MinC, a atribuição a Haddad foi uma estratégia calculada, tendo em vista seu crescimento político na eleição a Prefeito de São Paulo, em 2012. Os jornais, na época, criaram factoides, foram brandos e omissos na investigação, ao tratar do assunto com pouca clareza e favorecendo a ambiguidade¹². Suas manchetes não noticiaram o programa com o respeito e a importância que merecia, ao contrário, assumiram a alcunha do “kit gay” de forma jocosa, contribuindo para a impopularidade de Haddad.

Junto a essa construção fantasiosa, outras imagens ganharam força por meio de vídeos e fotografias, memes que foram veiculados diariamente, em que aparecem mamadeiras com um bico anatômico de borracha em forma de pênis. São as popularmente chamadas “mamadeiras de piroca”, que foram replicadas à exaustão na reta final de campanha presidencial de 2018. Surgiram

8 Em vídeo realizado pelo site Nova Escola no ano de 2016, as mentiras de Bolsonaro são analisadas e desmontadas frase a frase. A falsificação da história que tanto dano causou para a esquerda não era, assim, algo novo, imprevisível. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rpUnNjE8ztU>> Acesso em 11/08/2023.

9 Parte desse discurso homofóbico sobre a suposta “ditadura gayzista” é um subproduto das falas de Olavo de Carvalho como se pode ver no vídeo “Movimento Gay e Lavagem Cerebral” em seu canal no Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=4eAeVRQR0pI>> Acesso em 11/08/2023.

10 Apenas 28 exemplares destinados à bibliotecas foram adquiridos pelo MinC. “Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’”. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html> Acesso em 11/08/2023.

11 O Programa Nacional do Livro Didático é responsável pela compra e distribuição de materiais pedagógicos e literários em apoio aos professores.

12 Kit gay é suspenso após pressão” faz referência ao material do programa como o “kit gay” e anuncia, inclusive, a preocupação com o futuro político de Fernando Haddad. Disponível em <<https://agora.folha.uol.com.br/brasil/ult10102u921036.shtml>> Acesso em 11/08/2023.

modelos diferentes em tamanhos, formatos e cores. Em um dos vídeos, uma mão masculina segura uma dessas mamadeiras e diz:

Olha aqui ó, vocês que votam no PT, essa aqui é a mamadeira distribuída na creche; olha a marca aqui, ó, tá vendo? Distribuída na creche para o seu filho. Com a desculpa de combater a homofobia. Ó o bico como é, ó! Tá vendo? O PT e Haddad pregam isso prá seu filho, ó, para combater a homofobia. Tem que votar em Bolsonaro, rapaz. Bolsonaro que é prá fazer o filho da gente homem e mulher. O PT e Haddad, Lula, Dilma, só quer isso aqui para os nossos filhos, ó! Isso faz parte do Kit Gay, invenção de Haddad, viu?¹³



As baterias da guerrilha de comunicação estiveram fortemente voltadas para esse “escândalo” perverso, procurando sua eficácia política, como ocorreu na campanha de Trump com o *Pizza Gate*¹⁴. A pizzaria Cometa em Washington, frequentada por políticos Democratas e artistas, foi anunciada como local de aliciamento de menores, tráfico de pessoas e pedofilia. O coordenador da campanha de Hillary Clinton e a própria candidata foram acusados de frequentarem o local e coordenarem a rede. A mentira grosseira, de natureza conspiratória, passa a circular incessantemente pelas redes sociais e aterroriza uma parte da população norte-americana, induzindo o voto em Trump. Donos do restaurante foram ameaçados de morte e um sujeito armado tentou invadir a pizzaria alegando querer fazer uma “auto-investigação”¹⁵ para libertar as crianças — acabou preso e condenado a quatro anos de prisão.

A insistência no “kit gay” e na “mamadeira de piroca” são versões do *Pizza Gate*, angariando ganhos políticos similares. No caso da mamadeira brasileira, o objeto grotesco e perverso ganhou por fim um sentido pop e tropicalista,

13 O vídeo original publicado antes das eleições foi retirado do ar e republicado em 2019 por ativistas interessados, um dos divulgadores da farsa do “kit gay” nas redes sociais e apoiador da campanha de Bolsonaro, o militar Jorge Riguetto, foi condenado a 12 anos e 11 meses de prisão em regime fechado por pedofilia e distribuição de pornografia infantil na internet. Disponível em <<https://www.viomundo.com.br/politica/militar-que-acusou-haddad-por-kit-gay-e-condenado-a-12-anos-por-distribuir-pornografia-infantil.html>> Acesso em 11/08/2023.

14 A *fake news* foi determinante para o resultado das eleições nos Estados Unidos. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/opiniaio/q-anon-pizzagate-e-as-idiossincrasias-das-teorias-da-conspiracao-por-paula-schmitt/>> Acesso em 11/08/2023.

15 Notícia veiculada à época pelo *The Washington Post*. Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/news/local/wp/2016/12/04/d-c-police-respond-to-report-of-a-man-with-a-gun-at-comet-ping-pong-restaurant/>> Acesso em 11/08/2023.

ao se tornar, ironicamente, um adereço quase dadaísta de carnaval nos blocos de rua em 2019 — já tomado como fantasia lúdica de denúncia da fake news. Irritado com o assunto, Bolsonaro passa a atacar o carnaval como festa promíscua com seu famoso pronunciamento sobre o “golden shower”¹⁶.

O delírio da cruzada contra a “ditadura gayzista” tem fundamentos psicológicos, como os já estudados por Freud e seu discípulo William Reich. Em sua obra *Psicologias de massas do fascismo*, um estudo pioneiro de 1933, Reich sugere que o impulso ao comportamento autoritário é sintomático da repressão da sexualidade infantil pela família e pelas instituições, e também de uma escolha ideológica antagônica à condição e aos interesses da classe trabalhadora. Esta, quando exposta a um ambiente de crise (econômica, moral etc.), acaba escolhendo o aprofundamento da ordem repressora e não o seu oposto, o socialismo e a liberdade. Ou seja, trata-se de uma “psicologia reacionária” (p.17), derivada do “medo da liberdade” (p.29), fruto de um recalque da sexualidade — uma saída regressiva, que internaliza a ordem e a repressão como se fossem auto-impostas (pelo superego), e não socialmente construídas. Ou seja, a revolta contra os impulsos reprimidos não implode a ordem, a família, o capitalismo, mas reitera seus regimes de autoridade, controle e violência. O “kit gay”, a “mamadeira de piroca” ou a “ditadura gayzista” podem ser compreendidos como dispositivos simbólicos falsificados que deflagram as pulsões de ódio, misoginia, homofobia, vontade de ordem e desejo bárbaro das massas em sua psicologia regressiva.

Teatro do opressor: a quebra da placa em homenagem a Marielle

Sobre o teto de um carro, em Petrópolis, uma semana antes das eleições, Rodrigo Amorim, Daniel Silveira e Wilson Witzel, empunham a placa quebrada em homenagem a Marielle Franco como um troféu. Silveira e Witzel estão com a camisa amarela “meu partido é o Brasil”, o primeiro, anabolizado, faz poses e selfies, o segundo, ergue o punho e urra. Em fotos da performance, a placa partida é exibida por Amorim e, entre seus dois pedaços, aparece o rosto de Bolsonaro estampado na sua camiseta negra, como se o novo líder da direita, pela força de sua imagem, rompesse a placa e a vida de Marielle.

16 Dada a repercussão negativa, “Bolsonaro retira posts sobre golden shower do ar”, conforme publicado em *Catraca livre*. Disponível em <<https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-retira-posts-sobre-golden-shower-do-ar/>> Acesso em 11/08/2023.

A necroperformance exala testosterona, anabolizantes e pulsão de morte – os machos primevos animam a horda.

Na performance de Amorim, Silveira e Witzel, a mulher subjugada não está presente nem em corpo nem em imagem, mas mediada por um objeto originalmente concebido como uma intervenção em sua homenagem: uma placa de rua, na qual Marielle é apresentada como “vereadora, defensora de direitos humanos e das minorias, covardemente assassinada”. A placa fora colada originalmente sobre outra placa de rua, na praça Floriano Peixoto, na Cinelândia, no centro do Rio. De cima do carro, os três homens brancos celebrando a morte da mulher negra, gritam: “Acabou PC do B [comunistas], acabou PSOL [socialistas], acabou essa porra aqui [aponta para placa de Marielle], agora é Bolsonaro, porra!!!” No chão, a turba de camisas da seleção ressoa o urro: “Lula, ladrão, seu lugar é na prisão”. Depois do ato, que lhe rendeu a eleição como deputado estadual mais votado no Rio, Amorim emoldurou a placa quebrada e a exhibe em seu gabinete ao lado de diplomas pessoais. Silveira, ex-PM que acumulou 60 sanções disciplinares e 80 dias de reclusão por mau comportamento¹⁷, é eleito um dos 12 deputados federais do PSL pelo Rio. O então desconhecido juiz Witzel, que estava com 7% das intenções de voto, em uma semana após o ato, chega em 8 de outubro a mais de 40% dos votos.

Marielle, encarnada na placa, e novamente vítima de violência, é a encarnação do corpo insubordinado a ser combatido: mulher, negra, favelada, lésbica, ativista de direitos humanos, socialista, liderança política em ascensão. Ela, como inimigo interno intolerável, representava tudo que a nova direita, em sua cruzada moral reacionária, odeia e considera ameaçador. A encenação com a placa quebrada, uma nova imolação, remete aos rituais de violência sádica contra negros fugidos e capturados, chibatados nos pelourinhos. Os “good citizens” (lembramos, nome de jornal da Ku Klux Klan) sobre o carro e na plateia, participam de um “delírio ativo” em um ritual de “violência sádica” de sujeitos imbuídos da condição salvadores da pátria e da família, combatentes numa “guerra redentora” (AB’SÁBER, 2018).

É uma cena de um teatro grotesco de opressores, o avesso do que Augusto Boal, por exemplo, propunha em seu *Teatro do Oprimido* (1980), que exercitava ensaios de emancipação coletiva. Ali, reencenaram e reiteraram o poder de mando dos homens brancos e das elites sobre a história, sobre os corpos e sobre

¹⁷ Disponível em <<https://www.intercept.com.br/2020/08/12/daniel-silveira-deputado-pm-licenca-medica-expulsao/>> Acesso em 11/08/2023.



**Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel
no ato da quebra da placa com o nome de
Marielle Franco, em 2018.**

(Crédito: Reprodução / Instagram)



o destino do país – produzindo vídeos e imagens que circularam freneticamente pelas redes sociais em transe na celebração do inimigo aniquilado. A cena tem caráter misógeno, racista e violento. Os “cidadãos de bem”, candidatos nas eleições daquele ano, “contracenam” com uma mulher assassinada. Ao tratar da psicologia de massas às vésperas da ascensão fascismo, Freud denominou essa pulsão de “forma primeva da sociedade humana”, como “horda governada irrestritamente por um macho forte” (FREUD, 2011).

Esses três heróis da extrema direita carioca, contudo, dois anos e meio após o ato que lhes rendeu notoriedade e votos, encontram-se em situação menos confortável. Rodrigo Amorim, autodenominado “soldado de Flávio Bolsonaro” (de quem foi candidato a vice-prefeito do Rio, em 2016), foi investigado e é acusado de receber sem trabalhar, além de acumular cargos ilegalmente como funcionário fantasma¹⁸. Já Daniel Silveira, investigado no inquérito das Fake News, foi preso em flagrante em fevereiro de 2021 e mantido na prisão por unanimidade pelo STF por produzir vídeos com discurso de ódio, incitação de violência contra membros da Corte e apologia ao AI-5¹⁹. A Câmara dos Deputados manteve a prisão de Silveira por 364 votos contra 130²⁰. O caso mais emblemático, contudo, foi o de Witzel. Em maio de 2020, o governador e sua esposa foram alvos da Operação Placebo da Polícia Federal. Em agosto, Witzel foi afastado do cargo de governador do Rio pelo STJ, acusado de crime de corrupção e desvio de dinheiro em contratações da Secretaria de Saúde do Rio durante a pandemia²¹. Em abril de 2021, Witzel tornou-se o primeiro governador na história a perder o cargo por impeachment²².

O Capitão B: Bolsonaro como herói pirata da indústria cultural norte-americana

Talvez não seja coincidência que desde 2016, grande parte dos filmes de maior bilheteria no Brasil e no mundo eram de super-heróis. O imaginário de

¹⁸ Disponível em <<https://blogdoberta.com/2019/05/31/historias-rodrigo-amorim-deputado-mais-votado-rj/>> Acesso em 11/08/2023.

¹⁹ Disponível em <<https://catracalivre.com.br/cidadania/por-unanimidade-stf-mantem-prisao-em-flagrante-de-daniel-silveira/>> Acesso em 11/08/2023.

²⁰ Depois de condenado a 9 anos de prisão pelo STF, Bolsonaro assina indulto a Daniel Silveira em 21 de abril de 2022. Em 10 de maio de 2023 STF derruba o indulto e Silveira volta à prisão.

²¹ Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/28/stj-witzel-afastamento.htm>> Acesso em 11/08/2023.

²² Disponível em <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/witzel-sofre-impeachment-e-perde-o-cargo-de-governador-do-rio-30042021>> Acesso em 11/08/2023.



**Capitão B:
na charge de Gabriel Renner
e em montagem anônima.**

invencibilidade e a fábula maniqueísta desses filmes que embalam e adrenalizam multidões passou a contaminar cada vez mais a política. Em 2018, ano da eleição, novamente sete das dez maiores bilheterias do cinema foram filmes de super-heróis²³.

Talvez não seja coincidência que a primeira figura pública no Brasil nesses anos a ser exaustivamente encarnada em corpos de super-heróis, antes mesmo de Bolsonaro, tenha sido o juiz Sérgio Moro. O ‘Super Moro’, em capas de revistas e em bonecos infláveis, foi se consolidando como um dos justiceiros favoritos da extrema-direita ascendente. Seu inimigo, o então ex-presidente Lula, é simultaneamente retratado não apenas como presidiário, pixuleco, como também um dos monstros mitológicos enfrentados por Hércules, a terrível Medusa (em capa famosa da Revista Veja, pirateando o quadro de Caravaggio)²⁴.

Verificada a eficácia desse modelo de comunicação simplista e infantilizado dos super-heróis e vilões da cultura de massa transportados para a política — fenômeno previsto por Walter Benjamin há quase um século atrás, indicando afinidades entre o universo Disney e políticos midiáticos —, durante a campanha de 2018, Bolsonaro passou a ser incorporado em corpos com super-poderes. Os memes produzidos nas bibocas digitais de guerrilha cultural e com sua característica estética amadora da pirataria adolescente de “trocar as cabeças”, proliferou Bolsonaro, fantasiado com roupas, capas e escudos coloridos. As tentativas de “encaixá-lo” em um determinado super-herói nem sempre funcionaram, até que se definiu que, se para Moro caíam bem as roupas e pose de Super-Homem, para Bolsonaro, o melhor seria o Capitão América. Provavelmente a associação devido ao fato de Bolsonaro ser também um Capitão, ainda que um capitão acusado de ato terrorista e posto na reserva.

A transposição do Capitão A para o Capitão B nem sempre é bem executada. Não apenas cores e brasão de república no lugar da estrela americana transformam o super-herói pop em um sub-herói kitsch, mas também a própria montagem revela um lado precário da pirataria, com a cabeça de Bolsonaro em tamanho desproporcional. Além disso, a máscara do Capitão original é retirada na falsificação, para mostrar o rosto do candidato.

²³ Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2018/12/cinema-confira-os-10-maiores-sucessos-de-bilheteria-de-2018-cjq58yh10nk301rfu1158rf.html>> Acesso em 11/08/2023.

²⁴ Disponível em <<https://journals.openedition.org/cp/2262?lang=pt>> Acesso em 11/08/2023.

Moro e Bolsonaro passam a ser repetidamente apresentados em manifestações como heróis, e estimulam uma família com outros parceiros super-heróis. Pegando carona nos grandes sucessos de bilheteria, forma-se assim uma “Liga da Justiça” verde e amarela, “Os Vingadores” de Brasília, ou ainda, uma *família* de super-heróis representando os valores da família brasileira contra os vilões encarnados por Dilma-guerrilheira deposta, Lula-jararaca rumo à prisão, Haddad-pedófilo do kit gay.

É curioso notar que na família de super-heróis apresentados na imagem acima, na qual Sérgio Moro é o Super-Homem, Bolsonaro é Capitão América, General Mourão é Hulk, Joice Hasselmann é Mulher Maravilha, e o astronauta Marcos Pontes é Homem de Ferro, dois abandonaram o time da “luta contra o mal” e os outros dois seguem quietos e em geral insatisfeitos com a conduta do capitão, que mantém a liderança verborrágica e escatológica.

Não é casual que em 2019, o filme *Vingadores Ultimato*, da Marvel-Disney, ocupou 80% das salas de cinema no Brasil²⁵. Um público acostumado pela indústria cinematográfica a narrativas simples, cheias de efeitos especiais que explodem na tela em uma edição rápida seguida de grandes *close-ups*, foi adestrado também no campo da política a acreditar em soluções similares, mesmo sabendo que super-heróis não existem no mundo real. Depositar seu voto em um meme de candidato fantasiado de super-herói se torna uma solução perturbadoramente plausível em uma sociedade cuja imaginação política e elaboração narrativa foram transformadas no deserto do real do universo blockbuster. Se as super-produções norte-americanas abundam em efeitos especiais e virtuosismo técnico, na narrativa real, no nosso caso, com cópias piratas degradadas e ainda mais assombrosas, somos impelidos a participar de uma trama de ‘filme B’, encenada por um Capitão B.

Nos filmes de super-heróis, como estórias infantilizadas e gratificantes, destituídas de contradições e conflitos internos, ocorre “um processo dialético no qual, a despeito de qualquer esforço para construção de visões de mundo (propositais ou não), os espectadores só consomem o que reconhecem e desejam” (MARTINS, 2018, p. 206). As afinidades entre a indústria capitalista de cinema e o fascismo em geral foram amplamente discutidas por Walter Benjamin, como mencionamos. Tal como o “camundongo Mickey”,

²⁵ Disponível em <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/vingadores-ultimato-estreia-ocupando-80-das-salas-de-cinema-do-brasil-23619245.html>> Acesso em 11/08/2023.



O Capitão B e sua família de heróis na pirataria verde-amarela.

(Autoria desconhecida)

o “político profissional” faz cada vez mais uso da imagem reproduzida tecnicamente para chegar às massas (1985, p.183). A indústria do cinema, por isso, estimulou nas massas “concepções ilusórias” e mobilizou seu “poderoso aparelho publicitário” para “corromper e falsificar seu interesse original” e sua “consciência de classe” (p.185). Não nos estendermos no conhecido argumento de Benjamin, lembremos que a câmara cinematográfica e a montagem permitiram reproduzir e falsear com realismo os procedimentos de “sonho coletivo e delírio psicótico”, autorizando o cinema a “introduzir uma brecha na verdade” sobre o mundo. De certa forma, eleger e acreditar na figura do Capitão Bolsonaro como defensor do Brasil contra todo o mal é uma prática que a cultura de massas já promoveu antes, noutros tempos e com outros personagens, ao transmutar a pregnância da imagem heroica em política de massas.

Como já previra Benjamin, a “estetização da política é a prática do fascismo”, que embala a “autoalienação” das massas a ponto de “lhes permitir viver sua própria destruição como um prazer estético” (p.196).

**ALÉM DA CAPACIDADE DE
FALSIFICAR E MENTIR,
A EXTREMA-DIREITA
APRENDEU A ASSOMBRAR
E TRANSGREDIR, SE
APROPRIANDO DO CARÁTER
PROGRESSISTA E LIBERTADOR
DA ARTE. A
TRANSGRESSÃO
LIBERTÁRIA
PARECE
ESTAR SENDO
USURPADA PELA
DIREITA, MAS A FAVOR DA
ORDEM.**



Transgressão reacionária

A *guerrilha cultural e estética de combate* bolsonaristas configuram um campo visual e narrativo de acerto de contas da nova-velha direita com seus pesadelos persecutórios: do fantasma comunista novamente assombrando às pautas identitárias e de gênero que ameaçam a pátria e a família brasileira — fantasias de um mal perversor que nunca se extingue e precisa novamente ser combatido com bala, bíblia, prisão, tortura e guerra simbólica.

Além da capacidade de falsificar e mentir, a extrema-direita avançou noutro campo, o de “assombrar e transgredir”, em geral associado a um certo caráter progressista e libertador da arte. A transgressão libertária parece estar sendo “usurpada pela direita”, afirma o crítico de arte Hal Foster (2020), mas

a favor da ordem, ou melhor para celebrar o “retorno à ordem” repressora, no sentido de Reich, clamando por reação — nesse sentido, uma *transgressão reacionária*. É, assim, a favor da restauração dos valores morais do patriarcado, do conservadorismo, do poder das elites brancas e proprietárias, transfiguradas em super-heróis por meio de montagens mais ou menos precárias, incompetentes e imaginativas. Heróis de uma fábula que incide no real, que representam a “libertação”, estimulam a catarse dos que se desvencilham das ameaças representadas por partidos e movimentos sociais, corpos e práticas das esquerdas, de negros, mulheres, gays, indígenas etc.



Compreender as estratégias de comunicação, simbolização e paranoias de parte da população brasileira (e mundial) certamente será tarefa importante para a reinvenção da política progressista e sua capacidade de estimular a imaginação para a transformação social. Para tanto, superar as narrativas simplistas, maniqueístas, falsificadoras e preconceituosas também é um desafio para o campo da esquerda.

Rambonaro: Masculinidade Tóxica e Corpos-Bombados¹

Amanda Feo

Em um país com alarmantes taxas de desigualdade², como é o caso do Brasil, crises econômicas são ainda mais perturbadoras na vida dos indivíduos. Desse modo, são poucas e limitadas as políticas que garantam direitos e amparem os trabalhadores nas crises conjunturais e estruturais³. Na contramão da perspectiva de bem-estar social, os interesses de setores economicamente hegemônicos fazem passar suas supostas soluções para as crises: reduzir, flexibilizar ou suprimir direitos, cortar recursos voltados à educação⁴ e saúde⁵, entre outras medidas que visam diminuir o tamanho do Estado e, como consequência, o cuidado com a população. As crises produzem, desse modo, indivíduos acuados, amedrontados e deprimidos.

Em uma sociedade machista e patriarcal, que reitera o papel provedor do pater família, o trabalhador homem sentirá especialmente o impacto da crise. Sua frustração e fragilidade serão exploradas pela extrema-direita. Sem trazer soluções materiais concretas, ao contrário, a direita tem a intenção de fazer com esse sujeito uma cooptação psicológica, que lhe é apresentada como autoajuda – ou coaching – para que possa retomar o lugar do “macho forte”⁶.

As narrativas, performances, um certo tipo de corpo e comportamento aparecerão como ilusão compensatória para o desmanche do mundo do

1 O presente capítulo é desenvolvimento do texto anterior realizado com Bruna Andrade, *Masculinidade tóxica e o corpo-bombado bolsonarista*, em *Guerras Culturais em Verde e Amarelo*, Unifesp, 2022.

2 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59557761>

3 <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/06/14/acordo-com-patrao-que-reduz-direitos-trabalhistas-prevalece-sobre-a-lei-entenda.ghtml>

4 <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/11/29/glossario-da-crise-no-mec-saiba-o-que-e-corte-bloqueio-empenho-e-outros-terminos-essenciais.ghtml>

5 <https://www.brasildefato.com.br/2022/12/29/em-quatro-anos-de-bolsonaro-area-da-saude-perdeu-verba-qualidade-e-capilaridade>

6 FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 84 – 92.

trabalho e a insuficiência da proteção social e da garantia de direitos. Esse homem-macho, pronto para a guerra cotidiana, de todos contra todos, como um retorno ao estado de natureza – um estado pré-social e pré-político. Esse macho teria o direito de fazer tudo o que fosse necessário para sua própria sobrevivência, por isso atuaria sem freios, a ponto de se tornar o que hoje chamamos de “tóxico” para a vida em sociedade e para qualquer contrato social que garanta o bem comum e a igualdade.

Masculinidade tóxica e os “papéis” de gênero



Um sistema em que perpetua o patriarcado, que garante a dominação masculina branca, classista e heterossexual sobre tudo e sobre todos⁷, agora estaria em decadência por abrir espaço para minorias sociais se afirmarem e reivindicarem seus direitos. O incômodo, que nem sempre é algo consciente e de origem certa, trazido por essa alteração se escora em um sentimento de nostalgia pelo passado perdido. Assim, pode-se ver a defesa da ideologia conservadora e tóxica, que concorda com a manutenção dos valores macho-orientados.

A masculinidade tóxica é caracterizada pelo conservadorismo, agressividade e violência exacerbada, abrange uma série de comportamentos e rituais de iniciação que enfatizam normas de gênero – neste caso, o masculino. A reprodução dessas normas tornou-se intrínseca à vivência masculina, logo, quem não performa socialmente esses parâmetros é visto – e posto – como uma existência desconforme, como se sua não conformidade representasse uma quebra dos padrões e falta de afinidades. Nesse contexto, essa performance adquire natureza ritualística e/ou artística.

Mesmo não sendo necessariamente um ideal individual, continua sendo reproduzida, como consequência, a manutenção dessa performance alimenta essa neurose coletiva, muitas vezes às custas da exclusão do indivíduo de seu grupo caso ele não participe dela.

Existem muitas regras que compõem a “caixa do homem”⁸, como ideias de que “homem não chora”, “homens são pegadores”, códigos de vestimenta,

7 Posto que o homem branco também exerce sua dominância sobre outros homens não-brancos, o que não significa que homens não-brancos também não sejam dominantes em outras situações sociais.

8 Kátia Bizan analisa as “normas” de gênero que compõem a “caixa do homem”, mostra como esse comportamento tóxico oprime homens e mulheres e leva a maior taxa de feminicídio [BIZAN, 2020, passim].

entre outras regras que chegam ao extremo da violência. Toda a sociedade é afetada por esses padrões que são agressivos, glorificam o poder, sexistas, racistas, homofóbicos e misóginos. Isso pode levar a transtornos psicológicos e até mesmo à morte, muitas vezes acompanhado de impunidade do agressor.

A busca pela satisfação dessa performance ritualística culmina em um estado de autoafirmação enquanto “macho forte”. Portanto, não basta simplesmente ser homem – e branco, cisgênero, heterossexual e rico. É necessário, pois, exercer o papel de forma assertiva, como dominante, poderoso e viril.

Crise no trabalho e na família: reatividade masculina

A instabilidade e crises no mundo do trabalho evidenciam a frustração masculina, principalmente nas camadas populares. Em paralelo, homens brancos, cis, heterossexuais e de camadas abastadas nem sempre passam por essa experiência e continuam a exercer livremente seu privilégio na sociedade⁹.

Observamos que, após a aprovação da (anti)reforma trabalhista em 2017¹⁰, ampliaram-se os níveis de exclusão econômica e social de diversos grupos sociais devido à validação institucional das modalidades intermitentes de emprego, agravando a condição profundamente desigual já existente no Brasil. Esse contexto desloca o homem, agora sem suporte dos direitos trabalhistas, para uma disputa contínua por trabalho e sempre competindo entre si. E, com isso, ele deixa de ser a fonte predominante da renda familiar¹¹.

A incerteza socioeconômica trazida por essa “reestruturação”, o sub-emprego e desemprego, juntamente da falta de bem-estar social, que garantiria os direitos básicos sobre alimentação, moradia, saúde, segurança e educação dos cidadãos, fragiliza o poder simbólico de valentia, proteção e heroísmo do ideal masculino.

Os papéis desempenhados pelos gêneros consistem em uma construção social, estabelecidas historicamente e que se naturalizam popularmente. “Ou seja, ao serem naturalizados, eles cumprem a sua função política de instrumentos

9 NOGUEIRA, C; MIRANDA, M. A (re)produção das masculinidades hegemônicas- homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. In: Interterritórios: Revista de Educação. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil. v. 3, n. 5, p. 120-140, 2017.

10 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm

11 A quebra da exclusividade na obtenção de renda não é um fenômeno recente, de acordo com Nogueira e Miranda [2017], estudos sobre as “mulheres chefes de família” datam desde os anos 1970.

de imposição ou de legitimação da dominação” (MIRANDA; NOGUEIRA, 2017, p. 128). Assim, o homem, que antes exercia, a partir de um imaginário de gênero e cristão, a figura paterna de chefe provedor de recursos financeiros – alguém racional, prático, protetor, detentor da razão e do conhecimento –, agora se vê sem trabalho fixo, sem renda e sem o protagonismo na estrutura familiar.

Nesse cenário, em que os papéis de homem e mulher se misturam ao assumirem a posição de provedores de renda, as mulheres rompem com seu molde social de mãe cuidadora, responsável pelos saberes do lar e guardiã das condições ideais para a educação e saúde dos filhos. Conforme o homem perde o seu lugar central na família, e acredita também perder seu posto de dominância na sociedade, vê-se acuado, sem autoestima e vulnerável ao discurso de retomar seu protagonismo perdido. Isso o levará ao mundo da masculinidade tóxica.

Enquanto essas transformações permitem que mulheres e outras minorias possam se afirmar para além da submissão e moldes sociais, os homens trabalhadores se encontram em estado de confusão de sentimentos de frustração e ressentimento, ao “perder” seu espaço simbólico, econômico e social na sociedade, e podem até não perceber que os sentimentos em que estão envolvidos vêm dessa macroestrutura capitalista. Os homens de outras classes sociais também são reativos a respeito das mudanças da estrutura social, mas ainda se encontram em um lugar mais privilegiado e dominante.

Em que medida a crise do mundo do trabalho no capitalismo neoliberal culminará em um tipo de masculinidade reativa, tóxica, misógina, racista, homofóbica e depressiva? Como este trabalhador frustrado será instado a assumir o papel de um soldado em uma guerra de sobrevivência e fazer brotar em seu coração, mente e músculos o imaginário de macho selvagem? E quem serão os inimigos-alvos desse guerreiro, quando conectado a outros machos bombados e liderado por um “pai” da horda?

Internet e a assemblage estranha de Rambonaro

Enquanto agente transformador da comunicação e compartilhamento de informações, a internet propicia alto alcance comunicativo não só pela facilidade de acesso, como conceitos de horário e distância geográfica tampouco importam no acesso.

As relações na internet são personalizadas, nas quais podemos gerir de quem e sobre o que receber informações e outros conteúdos que nos são sugeridos levam em consideração os nossos interesses manifestados nas redes sociais, formando um ciclo vicioso de comunicação. Então, o homem que expressa sua frustração online e segue outros iguais que fazem o mesmo, tem mais chance de receber conteúdos que correspondam a suas insatisfações e ressentimentos. Essa característica é explorada pelo bolsonarismo, que cria materiais oportunistas para promover um mecanismo de escape e de manipulação ideológica, propondo falsas saídas. Assim, impulsiona a busca virtual e real por “machos fortes”, que retomariam “o comando” sobre suas vidas.

Em uma propaganda personalizada que satisfaz o desejo inconsciente de poder e testosterona, *Rambonaro* (imagens 1 e 2) e seu corpo musculoso surgem nas redes em uma montagem esquisita e barata¹². Podemos observar a inserção da imagem da cabeça de Jair Bolsonaro em corpos musculosos, fortes e invencíveis, sem camisa ou com pouca vestimenta, destacando seus músculos enquanto segura uma arma. Essas montagens são acompanhadas por frases destrutivas direcionadas a determinados grupos (ou de forma genérica, para completar a composição). Pode-se perceber que essas imagens são construções simbólicas de fácil assimilação e de alta carga ideológica, que apontam para a manutenção do privilégio masculino.

As mensagens de *Rambonaro* foram selecionadas, organizadas e controladas para que a construção de sentido dessas imagens pudesse produzir, enfim, efeito apenas em um grupo determinado. Primeiramente, a imagem de Jair Bolsonaro como líder poderoso, ressaltado pelo corpo bombado que ajuda a aproximar o público à ideia de ser forte e protetor da nação (de quê? Das ameaças!). Além disso, a representação exagerada dos músculos exalta a ideia

O BOLSONARISMO CRIA MATERIAIS OPORTUNISTAS PARA PROMOVER UM MECANISMO DE ESCAPE E MANIPULAÇÃO IDEOLÓGICA. ASSIM, IMPULSIONA A BUSCA VIRTUAL E REAL POR “MACHOS FORTES”, QUE RETOMARIAM “O COMANDO” SOBRE SUAS VIDAS.



12 Homens que se orgulham de sua masculinidade tóxica ficam mais à vontade com a precariedade estética, pois não é masculino se preocupar com isso (Cf. LIMA-SANTOS; SANTOS, 2022, p. 1090).

RAMBONARO

EM DESTRUINDO O COMUNISMO

GIOVANI
FALCONE 



“Rambonaro” em montagem digital.

[Crédito: Giovane Falcone / Facebook]

“Rambonaro I” em outra
montagem digital.

[Crédito: MohicanDogs]

de um corpo incansável, disposto a tudo pela salvação de aliados (os de bem!) e destruição dos inimigos (quem? Eles!), indo além da noção de corpo sadio e transformando-se em um arquétipo masculino megalomaniaco; as montagens incluem armas e mensagens destrutivas, enaltecendo o poder que possuem. Enfim, trata-se do “culto a figuras masculinas fortes, musculosas, militares, sem sentimentos, com alta capacidade de empunhar armas e utilizar de meios violentos para obter seus objetivos é uma máxima nessas comunidades” (PEREIRA; GAMAS, 2021, p.228), enaltecendo seu potencial ameaçador e evocando símbolos falocêntricos.

A violência está em cada canto da imagem de Rambonaro: promove o irracional, a sanguinolência e a morte como elementos fascinantes. Os símbolos oferecem compreensão dos desejos de reconquistar o poder perdido em apelo de superioridade moral. O uso de armas como extensão do corpo e poder masculino e falocêntrico tem respaldo na ideação machista que “consagra o falo como arma masculina e a sua exaltação como elemento que dá molde à virilidade, basta-lhe o falo, ereto e pronto, para que a dominação aconteça” (PEREIRA; GAMAS, 2021, p. 229).

Ao alegar a posse e uso de recursos bélicos como meio de proteção do lar contra possíveis ameaças, sugere um papel fora do tradicional provedor e protetor. Agora é um vigilante/herói do Bem, em que “desde muito cedo o menino aprende que o herói que ele tanto admira é homem e que, se for necessário, ele precisa usar da violência para conseguir salvar ‘o seu mundo’ dos ‘vilões’ que não o deixam ‘ganhar’ à sua maneira” (BIZAN, 2020, p.230).

Contraditoriamente, o símbolo de potência viril, dada a reencenação pirata do herói norte-americano, dá a ele uma autoridade falsificada e desprovida de identidade própria. Não há dúvidas quanto à subalternidade neocolonial de Bolsonaro em relação ao complexo militar-industrial-cultural estadunidense. Até no campo estético a bajulação é gritante – e constrangedora (ARANTES et al., 2021).

Bancada dos marombados e privilegiados: soldado Silveira

Ao analisar a imagem de Rambonaro, vemos um corpo atlético, jovem, disposto e que acredita na preservação dos valores conservadores. No entanto, o Bolsonaro do mundo real não apresenta o mesmo físico emblemático; por isso, surge um dublê para encenar o corpo bombado-bolsonarista na vida real, uma figura alegórica da política brasileira: Daniel Silveira.

Daniel Silveira, ex-policial militar, em seus seis anos na PM do Rio de Janeiro acumulou 60 sanções disciplinares e 80 dias de reclusão por mau comportamento¹³. Entre os motivos das punições ao ex-PM estavam, sobretudo, gravações e postagens ofensivas durante o patrulhamento, “vídeos que lhe deram popularidade e o incentivaram a mudar de carreira”¹⁴. “As gravações lembravam programas policiaiscos, com exposição de suspeitos presos ou mesmo mortos. Não agia como um policial, mas como um participante do BBB”, comentou um sargento entrevistado pelo site *The Intercept Brasil*. Silveira foi um dos 12 deputados federais eleitos pelo PSL (atual União Brasil) no Rio em 2018, e integrou a “tropa-de-choque” bolsonarista. Recém-eleito, votou em favor de medidas provisórias do desmatamento (MP 867/2018)¹⁵, da Grilagem (MP 910/2019)¹⁶ e do Projeto de Lei 3723/2019¹⁷, relativo à posse de armas, e outra referente à anistia de dívidas de igrejas¹⁸. Além disso, apresentou um PL para instituir o *Dia Nacional em Memória das Vítimas do Comunismo no Brasil*¹⁹. Negacionista, Silveira recusou-se a usar máscara de proteção individual em um avião durante a pandemia – nesse episódio, a tripulação da aeronave precisou pousar para o parlamentar ser retirado pela PF²⁰.

Em sua foto, vemos um quadro de um soldado segurando uma arma com a frase “Brasil acima de tudo” embaixo. Essa frase esteve quase coberta pela pequena representação de *Díscobolo*, do escultor grego Míron²¹. Pode-se ver à direita uma bandeirinha do Brasil e uma ilustração de

13 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/17/como-pm-daniel-silveira-teve-60-sancoes-disciplinares-diz-documento-da-corporacao.ghtml>

14 <https://theintercept.com/2020/08/12/daniel-silveira-deputado-pm-licenca-medica-ex-pulsao/>

15 <https://www.wwf.org.br/?70902/Nota-de-repudio-ao-relatorio-da-MP-n-867-que-pretende-a-revisao-do-Codigo-Florestal>

16 <https://terradereitos.org.br/noticias/noticias/riscos-da-medida-provisoria-da-grilagem-mp-910-e-tema-de-debate-da-serie-direitos-humanos-em-foco/23296>

17 <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/140042>

18 <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/com-aval-de-bolsonaro-congresso-anistia-divida-bilionaria-de-igrejas/>

19 <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=222190>

20 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/27/gol-chama-pf-e-impede-que-deputado-federal-embarque-sem-mascara-em-aviao-focinheira-ideologica-diz-parlamentar.ghtml>

21 A extrema direita tem uma relação histórica de retomada dos valores do passado e, na arte, isso representa a volta para a Antiguidade Clássica como símbolo do que é belo, direito e erudito (KURTZ, 1999, passim).



Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, deputado estadual pelo Rio de Janeiro, mostram a placa em homenagem a Marielle Franco quebrada: troféu da extrema-direita.

[Crédito: Reprodução / VEJA]

Daniel aparece fazendo pistola com as mãos em seu gabinete no Congresso Federal.

[Crédito: Reprodução / Facebook]

Nossa Senhora. Por fim Daniel Silveira está no centro da foto, sorrindo, exibindo os músculos e também “fazendo arminha” com as mãos. A foto carrega as mesmas mensagens complementares: retomada dos valores da família, poderio armamentista e exaltação do poder. Todavia, ao estar mais alinhada à realidade, parece até ser mais despretensiva que a montagem de Bolsonaro como Rambo.

Mas Daniel Silveira não é despretensivo. Seu corpo representa todo tipo de privilégio e dominância que há na sociedade. Em 2018, meses após a execução da então vereadora Marielle Franco e de Anderson Gomes, motorista da parlamentar²², Silveira apareceu em um ato de apoiadores de Bolsonaro e esbravejou em euforia, mostrando que a placa de homenagem a Marielle estava partida ao meio.

Existe um prazer mórbido e gratificante na destruição da placa de Marielle Franco. Trata-se de modalidade de violência física e simbólica contra ela e tudo o que ela representa, sendo um crime de racismo, misoginia e LGBTfobia. Ali, não só Marielle e mulheres foram silenciadas, mas, todas as minorias que são consideradas, por eles, inferiores ao líder macho forte. A ação poderia ter sido um presságio²³ do desgoverno que viria nos anos seguintes, em que as diretrizes de Direitos Humanos e a Constituição Federal de 1988 foram constantemente desrespeitadas.

A imagem de Marielle foi associada à criminalidade²⁴, na intenção de apagar o seu legado de projetos sociais, iniciativas políticas e resistência. Assim, a extrema-direita tenta desqualificar sua existência e a de todos que ela representa. Marielle representa “a encarnação do corpo-sujeito indócil e insubordinado a ser combatido” e o “inimigo interno intolerável”, pois encarnava tudo que a extrema-direita, em sua cruzada moral reacionária, odeia e considera uma ameaça (ARANTES et al. 2021).

22 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pf-abre-inquerito-para-apurar-mortes-de-vereadora-marielle-franco-e-motorista-anderson-gomes/>

23 “A repercussão foi exatamente a que eu imaginava”, disse Silveira, no carro que o levava ao Congresso. “O recado era muito simples: não permitir que, em nome de uma ideologia, possam vandalizar e tomar um território público.”, Silveira tenta camuflar a situação com um tom de neutralidade, mas seu sorriso e punho erguido da foto mostra outra coisa. [cf. revista piauí, 2019, edição 154.]

24 <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/apos-publicar-fake-news-sobre-marielle-franco-desembargadora-sera-processada>

O resgate do soldado Silveira pelo capitão Bolsonaro

Daniel Silveira foi preso em flagrante em fevereiro de 2021 e mantido na prisão por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal por produzir vídeo com discurso de ódio e incitação de violência contra membros da Corte e apologia ao AI-5²⁵, sendo investigado dentro do inquérito das fake news – o deputado era profícuo produtor de mentiras e ofensas²⁶. A Câmara dos Deputados manteve a prisão de Silveira por 364 votos contra 130. De dentro da prisão, Silveira assinou mudança do PSL para o PTB, de Roberto Jefferson, e chorava quase todos os dias. Depois de um mês na cadeia, recebeu autorização para ficar em prisão domiciliar com tornozeleira. Em abril de 2022, o então parlamentar é finalmente julgado pelo STF e condenado a oito anos e nove meses de reclusão, retornando à prisão²⁷.

Três dias depois da determinação judicial, Bolsonaro assina um indulto (perdão), prerrogativa presidencial por meio da qual ele extinguiu a pena e multa de Silveira²⁸. Libertado, o então deputado federal torna-se símbolo do macho-bolsonarista sem freios, sem responder à justiça, liberado para retornar às fileiras da milícia digital.

Apesar de Silveira ser o modelo real do corpo inabalável e tóxico, quem possui o verdadeiro poder é Bolsonaro. Foi ele quem impediu que a ordem do ministro do STF Alexandre de Moraes levasse Daniel Silveira à prisão. Esse ato de “salvamento” resultou em uma somatória de símbolos entre Silveira, soldado das fake news, e o ex-presidente, detentor do poder maior, porém com corpo envelhecido e enfraquecido²⁹, não deixaria seu soldado na mão. A associação simbiótica de ambos para fugirem do julgamento do Supremo Tribunal Federal é vista pelos bolsonaristas como um ato heroico, fazendo frente à conduta punitivista da suprema corte.

Assim é que, na imagem “até o último mito”, vemos Bolsonaro carregando o seu soldado ferido, em uma cena de guerra. Isso demonstra,

25 <https://www.camara.leg.br/noticias/728380-deputado-daniel-silveira-e-preso-por-or-dem-do-ministro-alexandre-de-moraes/>

26 <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/veja-video-que-levou-daniel-silveira-a-prisao-por-criticas-ao-stf.shtml>

27 <https://www.conjur.com.br/2022-abr-20/stf-condena-silveira-anos-meses-prisao-perda-mandato>

28 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61187280>

29 Frequentemente retratado como dependente de cuidados médicos, especialmente após o incidente da facada durante sua campanha eleitoral e as subseqüentes cirurgias.



Daniel Silveira sendo preso pela Polícia Federal. Ao lado, Bolsonaro resgata o "soldado Silveira" ferido no campo de batalha, alegoria para o pedido de anistia/ indulto ao deputado.
(Créditos: Reprodução / Redes Sociais / O Globo)

BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS.

ATÉ O ÚLTIMO MITO

CAPITÃO BOLSONARO

713 curtidas

manato_es HONRA. princípio que leva alguém a ter uma conduta proba, virtuosa, corajosa, e que lhe permite gozar de bom conceito junto à sociedade.

sobretudo, que o verdadeiro e único herói seria Bolsonaro. É o capitão-presidente quem resgata o soldado Silveira e, desse modo, é ele o único capaz de retomar os valores da Pátria, Deus e família, defender os seus contra as injustiças, solucionar os demais problemas³⁰ e colocar a sociedade nos eixos.

O corpo sacrificial: do corpo bombado a corpo bombardeado

No seu mais recente ato de apelo à nação, Bolsonaro se deixa fotografar por João Menna sem camisa, mostrando as cicatrizes resultantes da facada sofrida no atentado do qual foi vítima, em 6 de setembro de 2018 e cirurgias posteriores. Desde então, Bolsonaro utiliza esse evento como um artifício para mostrar-se como vítima e mártir da democracia brasileira. A imagem foi divulgada pelo ex-Secretário de Comunicação e atual assessor particular do ex-presidente, Fabio Wajngarten, em 30 de junho de 2023, no mesmo dia em que Bolsonaro foi tornado inelegível por 8 anos pelo TSE. A reação a esta condenação e a outras que provavelmente virão, novamente o uso da estratégia de vitimização e comoção para disfarçar os seus crimes³¹. Vemos aqui o corpo “real” do capitão-herói, não mais fantasiando um corpo-bombado em operação de montagem, como em Rambonaro. Como se agora ele contasse a todos (e em especial seu público cativo), que mais do que músculos inflados, o que seu corpo mostra, são as “feridas de guerra”, um corpo bombardeado. O heroísmo, aqui, é contado pelas marcas sacrificiais de combate. Seu abdômen é apresentado como uma trincheira de guerra, com as falhas e cortes que mostram resiliência. Os olhos encaram o observador, mostrando determinação, sem baixar a cabeça.

Na foto também se vê uma pulseira com o escrito “Apocalipse 12:11”, versículo da Bíblia que trata do sacrifício da vida de Jesus por amor, para evitar

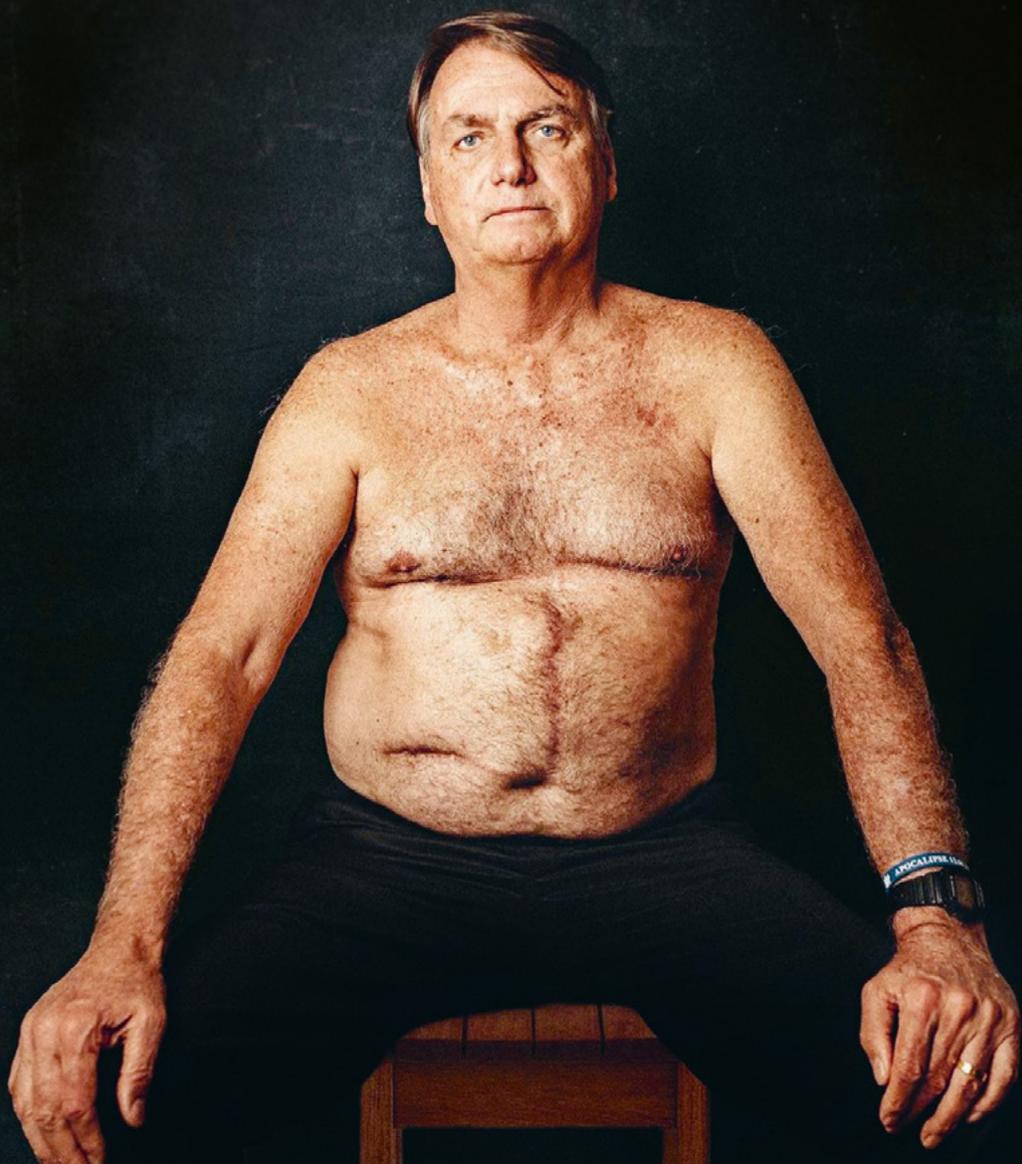
30 Problemas como a corrupção que não chegou a ser solucionada, mas foi bem utilizada pela família Bolsonaro em seus próprios escândalos econômicos.

31 https://www.youtube.com/watch?v=Fo_hWjBAv7U



BOLSONARO SEM CAMISA MOSTRA-SE COMO VÍTIMA E MÁRTIR DA DEMOCRACIA BRASILEIRA. VEMOS O CORPO “REAL” DO CAPITÃO-HERÓI, SÃO AS “FERIDAS DE GUERRA”, UM CORPO BOMBARDEADO. O HEROÍSMO, AQUI É CONTADO PELAS MARCAS SACRIFICIAIS DE COMBATE.

Entre o mártir e o algoz,
o corpo bombardeado do capitão,
em foto de João Menna.



o domínio de Satanás. Assim, Bolsonaro se apresenta e é lido por parte de seus “fiéis”. Longe dos símbolos evocados na imagem, Jair não é Messias e tampouco sacrificou-se para que o Bem sobreviva. Seu governo atacou ativamente a população, em especial minorias, indígenas, negros, idosos e as instituições da República, produziu um morticínio negacionista na pandemia de Covid-19, além das tentativas de golpe de Estado, reiteração de mentiras, falsificação de documentos, apropriação indébita de bens públicos, contrabando, entre outros crimes. Agora, que começa a ser julgado por seus atos, essa foto inusual (e polêmica) foi divulgada como uma “resposta”, mesmo calado, de que a guerra continua e que o capitão e suas cicatrizes mostram que é apenas uma batalha, entre outras. E que triunfará.

Conclusão

A extrema-direita unifica ideais ultraconservadores e essencialmente neoliberais para perpetuar a condição desigual e tóxica nas relações sociais, mas se aproveita de vulnerabilidades socio-políticas, que podem ter sido causadas por seu próprio governo e conduta. Em decorrência disso, constrói narrativa de identificação e pertencimento para o grupo dos insatisfeitos e prejudicados com o ataque aos seus “direitos”. A reação masculina à crise, especialmente nos homens trabalhadores que enfrentam a frustração decorrentes da instabilidade econômica e desse modo são explorados, culmina em uma espécie de cooptação psicológica apresentada como autoajuda, oferecendo uma ilusão compensatória para a desestruturação do mundo do trabalho e a falta de proteção social. No entanto, é necessário apontar o oportunismo do bolsonarismo, que se utiliza de materiais para promover mecanismos de escape e manipulação ideológica, propondo falsas saídas.

Ainda, é importante refletir sobre quem se torna o alvo desse descontentamento e como essa masculinidade reativa é liderada por um “pai” da herda. Ao passo que alguns procuram um alento e concordância nessa narrativa, os outros enfrentam o medo de tentar existir em meio da dominação masculina. Mas, quando existe um líder maior conivente com a necropolítica³², os seus seguidores não precisam se preocupar.

32 <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>

Afinal, se o ex-presidente, enquanto homem de família, experiente, maduro, um mito e um profeta, compartilha das mesmas ideais, então ele só poderia guiá-los para o lado certo: que é de Bem, por meio do qual é possível salientar “que a imagem do salvador une os homens pois há um objetivo para lutar: reerguer a nação. Nele são reunidas as esperanças, emoções e desejos de todo um país” (NIGRO; SANTANA; GOVEIA, 2019, p.10).

Daniel Silveira, como um de seus seguidores, é uma extensão do corpo e poder de Bolsonaro, na vida real ou digital, em que a associação do ex-parlamentar “ao atual presidente da República fortalece a ideia de que estes ataques fazem parte de uma política agressiva de grupos organizados que reforçam o discurso ‘bandido bom é bandido morto’” (NASCIMENTO, 2022, p. 9), mostrando como aqueles que estão sob a sua tutela têm liberdade, proteção e impunidade para “reerguer” a nação custe o que custar.

Por fim, aos corpos indóceis e considerados ameaças, a mensagem é: os atos autorizados aos cidadãos de bem podem lhes custar a vida. É assim que Jair Bolsonaro lidera sua “horda primeva”, como “macho forte”, mesmo que ferido. São as cicatrizes reais da batalha que mostram o heroísmo sacrificial, sinalizam quem é o líder e que a guerra continua.

Jogos de fúria: ressentimento, opressão e adrenalina gamer

Amauri Eugênio Jr.
Rebeca Nieves

O que vem à sua mente quando ouve falar na comunidade *gamer*? É provável que você tenha alguma percepção ou pré-julgamento a respeito de jogos online e de *gamers*, seja positiva ou não, com base em estereótipos. É possível que a imagem de um *gamer* médio no seu próprio imaginário seja de um adolescente ou de homem jovem – na casa dos 20 e poucos anos, talvez –, de classe média, branco e que passe uma parte significativa do seu cotidiano trancado em seu quarto ou em casa.

Apesar da construção social que induz imaginar o ambiente *gamer* dominado por homens brancos jovens de classe média, levantamentos estatísticos e estudos qualitativos mostram outra realidade. De acordo com a *Pesquisa Gamer Brasil 2022*¹, que contou com 13.051 participantes de 27 unidades federativas, 51% de pessoas adeptas de jogos eletrônicos são mulheres ante 49% de homens. Em âmbito racial, 49,4% de *gamers* são negras/os, ao passo que 46,6% se autodeclararam brancas/os. Quando se fala em divisão etária, 56,8% de *gamers* têm entre 16 e 29 anos, 24,1% estão com idades entre 30 e 29 anos e, por fim, pouco mais de 19% têm mais de 40 anos.

Em paralelo, um estudo encomendado pela Brasil Game Show (BGS) ao Instituto Datafolha destaca que o público *gamer* ultrapassou, em 2020, a marca de 67 milhões de pessoas. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, a maioria de *gamers* está situada na região Sudeste (44%), ao passo que 28% estão no Nordeste. Na sequência 13% moravam no Sul e, por fim, nas regiões Norte (8%) e Centro-Oeste (7%).

1 Mapeamento divulgado na Pesquisa Game Brasil 2022, da Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais (Abragames). O estudo está disponível em: <https://tinyurl.com/y7rfw7z7>.

Tais dados confrontam de modo intenso a perspectiva boyhood, mapeada no estudo *Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers*², feita pelo Laboratório de Impacto Gamer (Liga), da Purpose. Um dos pontos abordados nesse estudo é a lógica boyhood, apresentada pelo teórico Derek A. Burril, que associa a relação de homens com videogames como uma espécie de retorno à infância. Desse modo, “os videogames no século 21 servem como um modo de regressão, uma máquina de tecnostalga que permite a fuga, extensão e utopia, um espaço longe do feminismo,



A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO AMBIENTE GAMER DOMINADO POR HOMENS BRANCOS E HETEROSSEXUAIS FUNCIONA COMO ANTESSALA PARA COMPORTAMENTOS TÓXICOS CONTRA GRUPOS

imperativos de classe e deveres familiares, assim como responsabilidades políticas e nacionais.” (BURRILL:2, *apud* LIGA:27)

A construção cultural segundo a qual o ambiente *gamer* é dominado por homens brancos – e heterossexuais – funciona como antessala para comportamentos tóxicos e de ódio contra grupos considerados dissidentes³. Para esse público, mulheres, pes-

soas negras, LGBTQIAPN+ e pertencentes a demais grupos minorizados são consideradas invasoras. Basta dizer que uma das consequências disso é o fato de mulheres jogarem online usando o próprio nome – ou um codinome que remeta ao gênero feminino – é visto como um ato de resistência, pois um pseudônimo neutro ainda tem funcionado como uma espécie de manto de invisibilidade para mulheres evitarem assédios realizados pelo público masculino⁴.

A realidade não muda muito quando se fala em demais grupos minorizados. Um estudo conduzido pela organização Take This, voltada ao debate sobre saúde mental na esfera *gamer*, e por professores do Departamento de

2 A pesquisa *Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers*, do Laboratório de Impacto Gamer (LIGA), da organização Purpose, realizou entrevistas com cem *gamers* ao redor do Brasil para compreender as suas inclinações sociopolíticas e a relação com jogos eletrônicos. O estudo pode ser acessado em: <https://tinyurl.com/ym6hp4cn>.

3 *Streamers enfrentam machismo no universo gamer*. UFBP, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyuy6ux7>.

4 *Elas no controle do jogo*. Vice Brasil, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/ybskpkpt>.

Psicologia da University of Texas at Austin (EUA) mostra que “a fusão com a cultura *gamer* é, unicamente, preditivo da apresentação de resultados perniciosos, incluindo racismo, sexismo e endosso a comportamentos extremos”⁵. Ainda sobre o estudo, a diretora de pesquisa da Take This, Rachel Kowert, destacou, em entrevista à *Vice News* em outubro de 2022, como a identificação em nível pessoal com a identidade *gamer* aparentava refletir no que se chama de cultura *gamer* tóxica. “Tudo o que sabemos existir em espaços *gamers* parece ser internalizado por quem se identifica, com grande proximidade, como parte da comunidade em questão.”⁶

Este estudo pode, mesmo apresentando dados e percepção perenes sobre a toxicidade do ambiente *gamer*, ser considerado uma gota no grande mar da opressão nesse ambiente. Uma pesquisa do Escritório de Contraterorismo da Organização das Nações Unidas (ONU) feita com 622 *gamers* e lançada em 2022 mostrou pontos ambivalentes. Se, por um lado, episódios de misoginia, racismo, xenofobia e homofobia ocorriam com regularidade na esfera *gamer* e, de acordo com argumentações de quem foi entrevistado, “poderia ser usado como trampolim para atores extremistas de ultradireita”⁷, havia pontos de atenção – em resumo, para não haver o risco de se jogar a água da tina com um bebê dentro. O mesmo estudo destaca a identificação de efeitos positivos, “de modo mais proeminente pelas conexões de apoio social e a construção de comunidades, mas também por facilitar o relaxamento, escapismo e diversão. Para além disso, videogames podem funcionar como ferramentas para o desenvolvimento de habilidades, educação e superação de desafios.”⁸

Diante desse cenário e dos sinais trocados identificados quando se fala na esfera *gamer*, é necessário estudar esse campo, assim como os efeitos sociais

5 *Not just a game: Identity fusion and extremism in gaming cultures*. Take This; University of Texas at Austin, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/58rk827p>.

6 *People Who Identify as ‘Gamers’ More Prone to Racist, Sexist Behavior: Study*. *Vice News*, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/ycys6y8y>.

7 *Examining the Intersection Between Gaming & Violent Extremism*. ONU: <https://tinyurl.com/44y5mu28> [2022: 14].

8 *Examining the Intersection Between Gaming & Violent Extremism*. ONU: <https://tinyurl.com/44y5mu28> [2022: 22].

identificados nele, como a dinâmica de jogos, em especial FPS⁹ e até mesmo elementos estéticos. Ao dialogar com o filósofo francês Jacques Rancière, pode-se considerar que uma imagem nunca está sozinha ao se considerar um dos pontos inerentes a jogos FPS, que consiste na eliminação de inimigos. Isso porque o estilo em questão pode ser considerado pertencente “a um dispositivo de visibilidade que regula o estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção que merecem. A questão é saber o tipo de atenção que este ou aquele dispositivo provoca.” (2012: 96)

Existências dissidentes e alvos de opressão



Qualquer pessoa interessada em jogos eletrônicos que não se adegue ao imaginário *gamer* se torna um alvo potencial de ondas de ataque realizadas por quem se veem como hegemônico nesses espaços – como se pode imaginar, homens jovens, brancos cisgêneros e heterossexuais. Essa dinâmica dialoga com o episódio conhecido como Gamergate¹⁰, no qual ataques e ameaças de teor misógeno contra jornalistas e profissionais mulheres da indústria foram instrumentalizados politicamente por atores da alt-right – ou extrema direita, como preferir.

O contexto sociocultural entre uma parcela significativa de *gamers* está diretamente relacionado à normalização e retroalimentação de comportamentos tóxicos. Esse é um dos pontos do artigo *Conservadorismo e masculinidade tóxica na cultura gamer: Uma aproximação a Magic: The Gathering*,

9 FPS é a sigla para First Person Shooter (“Atirador em Primeira Pessoa” em tradução livre da língua inglesa). Essa modalidade de jogo consiste em simular, por meio de estrutura estética e imagética, que o jogador se comporte como atirador em um determinado contexto proposto pelo jogo. Alguns exemplos consistem em games como *Doom*, *Counter Strike* e *Call of Duty*. Saiba mais na reportagem *FPS: conheça o significado e jogos de sucesso nos esports*, do portal GE, da Globo: <https://tinyurl.com/4a529sde>.

10 O Gamergate consistiu em campanha online de ódio em 2014 contra a desenvolvedora de games Zoë Quinn motivada por ataques iniciados por seu ex-namorado – à época, ele havia alegado que Quinn teve um caso com um jornalista da área para obter avaliação positiva em um jogo do qual ela estava à frente. A campanha contra a desenvolvedora teve veemente componente misógeno, uma vez que as ofensas girava em torno da falsa premissa segundo a qual ela só obteve destaque por ter feito insinuações de cunho sexual e de sua defesa ser baseada em vitimismo justamente por causa de seu gênero. O episódio foi usado como recurso narrativo pelo portal de extrema-direita Breitbart News, cujo diretor-executivo era Steve Bannon, também estrategista da campanha eleitoral que culminou na vitória de Donald Trump contra Hillary Clinton na corrida presidencial nos EUA, em 2016.

publicado em 2021 pelos pesquisadores Thiago Falcão, Tarcízio Macedo e Gabriela Kurtz¹¹.

O estudo identificou elementos comuns ao componente misógino entre *gamers* independentemente do jogo, pois “esses ambientes isolados de proteção hierárquica racial, que espaços (e situações) de jogo podem com relativa facilidade encenar, produzem expectativas brancas para o conforto racial na medida em que, simultaneamente, limitam a capacidade de tolerar o estresse racial – e, acrescentemos, de gênero e classe” (página 271).

Por meio deste caldo cultural predominantemente masculinizado, o sociólogo e pesquisador Jamie Woodcock destacou na obra *Marx no Flipperama* que “*gamers* operam dentro de culturas complexas e desenvolvidas que emergem diretamente dos jogos e também do ato de jogá-los coletivamente. A massificação do jogar significou, talvez, a perda da identidade isolada do ‘*gamer*’” (2021: 165 e 168).

Ainda segundo Woodcock, *gamers* homens podem, por exemplo, participar de competições contra jogadores de regiões diversas “sem medo de assédio ou de tratamento injusto por causa do seu gênero.” Alguns dos fatores para a hostilidade presente nas redes sociais dialoga com corpos dissidentes na esfera *gamer*: “as implicações de gênero sexistas nos jogos eletrônicos, juntamente com o profundo problema de representatividade de raça, sexualidade e outros, são importantes pontos a serem considerados.”

Aqui é importante destacar nuances geográficas. O posto de maior mercado *gamer* em escala global é dos EUA, que registraram, em 2022, US\$ 46,4 bilhões arrecadados, enquanto a China angariou US\$ 44 bilhões e o Japão, US\$ 19,1 bilhões. Em termos populacionais, a China tem 744,1 milhões de jogadores, ao passo que os EUA têm 209,8 milhões e o Japão, 77,1 milhões¹². Já o caso brasileiro, de acordo com o mesmo ranking, apresenta um contexto curioso: se o país é o décimo maior mercado *gamer* do mundo, com US\$ 2,6 bilhões registrados em 2022, ele tem a terceira maior população *gamer* em escala global, com 102,6 milhões de pessoas adeptas.

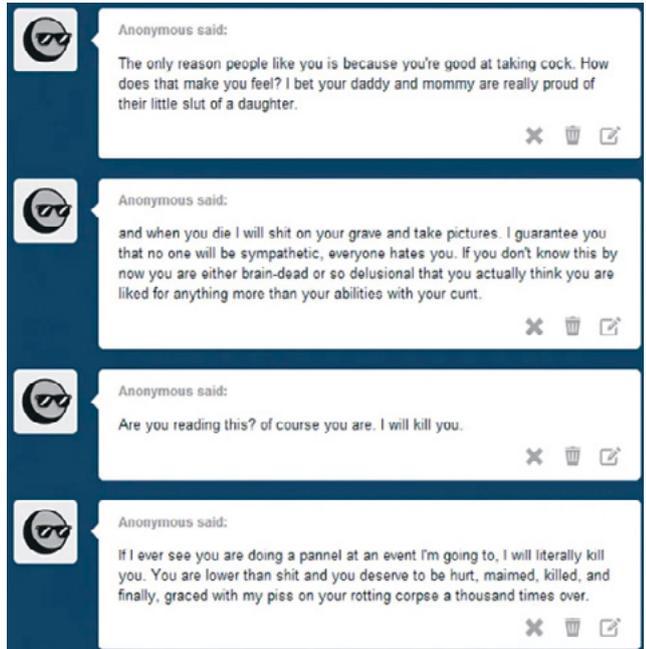
Todavia, pode-se notar a existência de clivagem do Norte Global quando se fala em países de origem de profissionais desenvolvedores e desenvolvedoras

¹¹ O artigo *Conservadorismo e masculinidade tóxica na cultura gamer: Uma aproximação a Magic: The Gathering* pode ser acessado em: <https://tinyurl.com/n5pv3chf>.

¹² Dados da consultoria global de mercado *gamer* Newzoo. Acessível em: <https://tinyurl.com/as2kph3f>

Mensagens de ódio direcionadas a Zoë Quinn em 2014, à época do Gamergate. O teor dos ataques, em tradução livre do inglês, contém forte teor misógino, ao associar a ascensão profissional de Quinn à sua vida sexual, assim como ameaças de morte.

(Crédito:
Tumblr/
Intelligencer/
New York Magazine)



Adaptação feita por jogadores de GTA com Jair Bolsonaro como personagem do jogo, trajado com faixa presidencial e metralhadora.

[Reprodução / Mods GTA SA]



da indústria *gamer*. De acordo com dados de 2021 da International Game Developers Association (IGDA), 39% vêm dos EUA. Na sequência, 12% são originários do Canadá; 8% e 6%, respectivamente de Finlândia e Suécia; Reino Unido e Austrália correspondem ambos a 5% da força de trabalho desse mercado e a Alemanha, a 4%¹³.

Ainda, de acordo com dados da *Pesquisa da Indústria Brasileira de Games 2022*, 68,7% de quem trabalha com desenvolvimentos de jogos são homens, ante 29,8% de mulheres e 1,5% de pessoas não-binárias¹⁴. Em âmbito mundial, a realidade é ligeiramente diversa, mas ainda aponta para predominância masculina. Segundo estudo realizado pela IGDA, 61% das pessoas participantes do levantamento declararam-se como homens, enquanto 30% afirmaram-se como mulheres. Ainda, pouco mais de 8% das pessoas respondentes autodeclararam-se como não-binárias ou com gênero fluido¹⁵.

Como se pode supor, o ambiente *gamer* apresenta traços em sua organização inóspitos para quem foge desse padrão demográfico. Um exemplo nefasto dessa lógica é a vida de Zoë Quinn, desenvolvedora e alvo de incontáveis ataques de ódio – e ameaças de morte – no infame Gamergate. Em seu livro, *Crash Override: How Gamergate (Nearly) Destroyed My Life, and How We Can Win the Fight Against Online Hate*, Quinn destaca que se “você for membro de um grupo demográfico constantemente visto como alvo – mulher, pessoa negra, pessoa trans ou a combinação entre esses ou demais grupos marginalizados –, e algumas pessoas que quiserem alguém igual a você fora da ‘internet’ delas decidem entre elas fazer da sua vida um inferno” (QUINN, 2017: 2 e 3).

Ataques contra mulheres as fazem buscar por técnicas de autoproteção que, simbolicamente, podem ser vistas como normalização de ambiente tóxico para elas e demais corpos dissidentes. De acordo com um estudo realizado pela fabricante de computadores Lenovo, 59% de mulheres usam nomes neutros quanto ao gênero ou até mesmo masculinos para não se tornarem alvos de assédios durante jogos por causa do gênero¹⁶.

13 Pesquisa acessível em: <https://tinyurl.com/5b4n6vt9>

14 Os dados demográficos relativos a gêneros foram obtidos na Pesquisa da Indústria Brasileira de Games 2022, da Abragames. O estudo está disponível em: <https://tinyurl.com/ts9n6te4>.

15 Estudo disponível em: <https://tinyurl.com/5b4n6vt9>.

16 Os dados foram identificados em estudo realizado pela consultoria de marketing Reach3 Insights em parceria com a gigante de tecnologia Lenovo. O material pode ser acessado em: <https://tinyurl.com/35ssrz8h>.

Esse ponto é destacado pela pesquisadora Gabriela Birnfeld Kurtz em sua tese de doutorado, na qual se propõe a compreender as dinâmicas relativas à violência simbólica de gênero em jogos online. No estudo, ela considera que “o fato de as mulheres se esconderem nos jogos acaba por vezes tornando a violência mais invisível, pois os homens não são expostos ao fato de estarem jogando com alguém do outro gênero. Apesar de vários relatos, ainda é difícil comprovar que estas situações ocorrem.” (KURTZ, 2019: 61)

Ao dialogar com a perspectiva proposta por *gamers* mulheres, a pesquisa *Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers* identificou a existência de seis perfis de *gamers*¹⁷, que variam entre perfis socialmente críticos e outros que, por meio do humor – ou da zoeira sem limites –, normalizam discursos com teor discriminatório.

Opressão à brasileira

Durante a campanha presidencial de 2018, *gamers* compuseram, ao lado de *nerds*, *hackers* e *haters*¹⁸, uma das bases de apoio para a candidatura de extrema-direita do à época postulante Jair Bolsonaro. De acordo com a antropóloga Isabela Kalil, esse grupo teve papel importante para a construção da imagem de Bolsonaro como “mito”, dialogando com estética jovem e descontraída, em contraposição ao que consideravam como fruto de perspectiva politicamente correta. (2018: 15).

Nesse caso, o grupo composto por *nerds*, *gamers*, *hackers* e *haters*, de acordo com Kalil, costumavam agir “geralmente de forma organizada” e “fazer campanhas de assédio online contra perfis progressistas, feministas,

17 De acordo com a pesquisa *Identidade Gamer*, há seis perfis de *gamers*: questionadores, para quem “os games são reflexo da sociedade estruturalmente injusta e desigual [p. 57]; harmônicos, que evitam conflitos e consideram que “o universo *gamer* é, fundamentalmente, democrático” [p. 61]; ocasionais, que jogam eventualmente, dizem “escutar todos os pontos de vista antes de assumir alguma posição” e “acham que estar em cima do muro é sinal de prudência” [p. 65]; escapistas, para quem a “pulsão de vida está na relação com seus iguais: seus amigos [do mundo físico e do virtual] são sua fortaleza [p. 69]; memeiros, grupo que tem restrições a questionamentos e problematizações, e para quem “os games são um território potencialmente divertido [p. 73]; e finalmente os medalheiros, cujo perfil é mais competitivo e que vislumbra “enxergar os frutos do seu esforço e sonham, um dia, serem reconhecidos por isso” [p. 77].

18 Esta classificação é relativa a um dos grupos mapeados pela antropóloga Isabela Kalil na pesquisa *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro?* (FESPSP, 2018). O estudo pode ser acessado em: <https://tinyurl.com/525x37mb>.



Reprodução do jogo Bolsomito 2k18, no qual o então candidato à presidência aparece agredindo impunemente integrantes de grupos minorizados, como pessoas negras, mulheres, LGBTQIAPN+ e integrantes de movimentos sociais.

[Crédito: Divulgação / BS Studios]

Jair Bolsonaro, em publicação no Twitter como aceno à comunidade gamer.

[Reprodução / twitter.com/jairbolsonaro]



Motociata virtual organizada por jogadores de GTA para a campanha de Jair Bolsonaro em 2022.

[Reprodução / twitter.com/jairbolsonaro]



lésbicas e gays”. Vale dizer que esses segmentos – eram – e continuam a ser – considerados como reflexo do que se considera politicamente correto e, por isso, devem ser silenciados.

Para manter – e ampliar – a base de apoio composta por *gamers*, em especial, Bolsonaro realizou, durante o seu governo com aspirações autoritárias, acenos variados a esse grupo. Alguns episódios com esse teor estiveram presentes em uma publicação em seu perfil no Twitter, em 2019, literalmente com a mensagem “um forte abraço, *gamers*”. Pode-se considerar que esta publicação foi uma manifestação de *dog whistle*¹⁹, ao analisar-se a relação prévia entre ele e esse segmento.



Bolsonaro publicou também, na mesma época, um vídeo em sua conta no Instagram na qual aparecia se divertindo com um jogo em FPS, atirando em oponentes. Para além do aceno aos *gamers*, o contexto e a perspectiva adotada por Bolsonaro durante o mandato (2019-2022) remetem à normalização do apagamento de oponentes, seja em caráter simbólico ou literal, por meio da glorificação do uso de armas. O dispositivo em questão provocou, simultaneamente, efeitos empáticos entre *gamers* apoiadores de Bolsonaro, para além do *dog whistle*, a normalização de ataques contra dissidentes para demais grupos.

Apesar da normalização do apagamento simbólico de oponentes por meio da estética *gamer*, a dinâmica adotada posteriormente pelo governo Bolsonaro na condução do governo federal contra a pandemia de Covid-19, assim como a consequente banalização da barbárie por meio das mortes de centenas de milhares de cidadãs e cidadãos durante o período de emergência sanitária, culminaram em queda significativa de seu apoio entre *gamers*²⁰.

19 A lógica *dog whistle* (“apito de cachorro” em tradução livre do inglês) consiste em estratégia por meio da qual o teor das publicações consiste em mensagens cifradas, cujos contexto e significados são desconhecidos da maioria das pessoas alcançadas, mas é voltada a uma parcela significativa composta por pessoas familiarizadas à gramática e aos significantes de um determinado grupo. Um exemplo pontual neste caso pode ser conferido na reportagem *Bolsonaro posta vídeo se divertindo em jogo de tiro: ‘forte abraço gamers’*, do site *Poder 360* [disponível em: <https://tinyurl.com/yz4vjvyu>]. Para saber mais detalhes sobre a estratégia *dog whistle*, leia o capítulo *Dog whistle: propaganda nazifascista na comunicação bolsonarista* deste livro.

20 Quadro contextualizado na reportagem *Bolsonaro perde apoio entre gamers*, uma de suas bases mais sólidas desde o início, da Folha de S.Paulo. Conteúdo disponível em: <https://tinyurl.com/2wcek33c>.

Para mitigar esse cenário, o governo Bolsonaro tentou, em 2022, fazer acenos à comunidade *gamer* a partir de ações como a redução na alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para consoles²¹. Até mesmo motociata *gamer* – ou melhor: um simulacro de carreata no jogo *Grand Theft Auto* – fez parte de sua rotina em 2022, quando esteve no papel de candidato à reeleição²².

Se o bloco apoiador de Bolsonaro teve comportamento até mesmo mais estridente, um grupo de desenvolvedores desenvolveu a cartilha Lula Play. O documento colocou em pauta propostas de políticas públicas a serem implementadas no universo *gamer*²³. Dessa vez, os acenos mais veementes à comunidade *gamer* não foram suficientes para os seus objetivos, uma vez que sua candidatura foi derrotada no segundo turno por Lula. Essa iniciativa pode também ser lida, ao lado de outras medidas, como indícios de prática de abuso de poder político e econômico²⁴.

Estudo de caso: *The Last of Us 2*

O contexto opressor identificado dentro do universo *gamer* ganha proporções mais veementes conforme aumenta a popularidade de um determinado jogo. Pode-se dizer que esse é o caso de *The Last of Us 2*. Afinal, trata-se daquele que é considerado o jogo com mais prêmios de “título do ano” na história segundo a NDGame²⁵. De acordo com o levantamento, o game desenvolvido pela produtora Naughty Dog obteve 259 prêmios em 2020²⁶, superando o jogo *The Witcher 3: Wild Hunt*, que obteve 258 troféus em seu lançamento, em 2015.

21 A estratégia usada por Jair Bolsonaro para atrair *gamers* durante a campanha eleitoral de 2022 é contextualizada na reportagem *Em evento, Bolsonaro faz gesto de aproximação com o público gamer*, do *Valor Econômico*. Confira em: <https://tinyurl.com/yhmde3nt>.

22 *Bolsonaro viraliza com carreata virtual em GTA no perfil oficial*. Voxel, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc3j4pcp>.

23 Mais informações sobre a cartilha Lula Play em: <https://tinyurl.com/yc4pf4bv>. A íntegra do documento está disponível em: <https://tinyurl.com/9vsqb7b5>.

24 Indícios de abuso de poder econômico cometidos pela campanha de Jair Bolsonaro foram identificados ainda no fim de 2022. À época, o site Exame publicou a reportagem TSE abre investigação contra Bolsonaro por abuso de poder político e econômico, disponível em: <https://tinyurl.com/5n97dw49>

25 Saiba mais na reportagem *The Last of Us 2, jogo mais premiado da história, alcança novo marco*, do site TechTudo: <https://tinyurl.com/3m8dwczf>

26 Saiba mais detalhes na reportagem *The Last of Us 2: jogo de 2020 é o mais premiado da história*, do portal TechTudo: <https://tinyurl.com/uyz8ss5t>



**Personagem Abby, vilã de *The Last of Us 2*.
Abaixo, Ellie e sua namorada Dina, no mesmo jogo.**
[Créditos: Jogo *The Last of Us 2*, PS4]



Desse modo, *The Last Of Us 2* tornou-se também o jogo mais premiado da história dos videogames.

Todavia, esse fato não pareceu ser suficiente para driblar os haters. Entre as inúmeras reclamações está o fato de a protagonista Ellie ser lésbica e ter uma antagonista mulher, Abby. Segundo a roteirista do jogo, Halley Gross, a vilã é “*puro músculo, um caminhão*”²⁷.

Devido à expectativa quanto ao lançamento de *The Last of Us 2* à época, parte de seu conteúdo foi vazado por hackers meses antes de sua estreia – o primeiro ocorreu em 26 de abril de 2020²⁸. Esse incidente desencadeou mais críticas sobre o seu teor político no jogo. Mesmo assim, no agregador *Metacritic*²⁹, a produção obteve nota 95 em 100.

No mesmo período, o jornal britânico *The Guardian* descreve o jogo como “inovador e poderoso”³⁰, ao passo que o Washington Post o chamou de “um dos melhores videogames já criados”³¹. Todavia, há muito que aprender sobre a cultura dos jogos e como as pessoas operam de forma reacionária.

A personagem Ellie é a responsável por desenvolver toda a narrativa contada. É ela quem leva o jogador de um canto para o outro no enredo, ao ser apresentada desde o primeiro jogo como a chave para todo o desenrolar da trama. Então, faz sentido ela mesma ser a protagonista de uma sequência aclamada. Mas não é dessa forma que alguns jogadores e fãs do enredo compreenderam, justamente por estarem acostumados com o homem “forte, sem sentimentos, dominador das armas e lutas”, assim como muitos dos personagens historicamente presentes nos consoles desse arco narrativo, como *The Witcher* e *God of War*.

No entanto, dentro desse universo *gamer*, a reclamação principal é a *invasão de pautas mais sérias* no ambiente que era para ser supostamente

27 Saiba mais detalhes na reportagem *'The Last of Us Part 2' é eleito o jogo do ano na Game Awards 2020*, do F5, site da Folha de S.Paulo: <https://tinyurl.com/mrxkn75d>

28 Contexto sobre o vazamento disponível em: <https://tinyurl.com/mtwdb5te>

29 O site *Metacritic* pode ser considerado uma versão para games do *Rotten Tomatoes*, portal voltado ao ranqueamento e à classificação de filmes com notas dadas por usuárias/os. Confira em: <https://www.metacritic.com/>.

30 Crítica publicada pelo *The Guardian* está disponível em: <https://tinyurl.com/pw57f7fn>.

31 Confira o review publicado pelo *The Washington Post* em: <https://tinyurl.com/hrs4jcy4>.

prazeroso e de lazer, lembrando-os de conceitos ainda rejeitados por eles³² – no caso, relativos a temas defendidos pelo campo progressista e relativos ao enfrentamento a desigualdades em âmbitos racial, de gênero, social, entre outras.



**QUANDO OS USUÁRIOS VEEM
O SEU HABITAT NATURAL
AMEAÇADO, PASSAM A
EXCLUIR A DIVERSIDADE
DESSA 'SOCIEDADE
IMAGINÁRIA'. FORÇAM
ESSES GRUPOS
A PAPÉIS
SUBALTERNOS
OU PEJORATIVOS
ATÉ O LIMITE DA SUA**

Dessa forma, quando os usuários veem o seu habitat natural ameaçado, passam a excluir a diversidade dessa “sociedade imaginária” que criaram, caso não corresponda adequadamente às suas expectativas. Ou seja, forçam esses grupos a papéis subalternos ou pejorativos idealizados por homens brancos cis, até o limite da sua eliminação.

Isso reforça que a representatividade nos jogos deve ser cada vez mais disseminada, uma vez que o mundo dos jogos, por ser uma mídia de notório alcance e influência³³, tem como dever incluir, apresentar a diversidade, assim

como aceitar a existência das pessoas nesses espaços, sejam como protagonistas, sejam como jogadoras. Vale destacar que, nesse quesito, o jogo apresenta sub-representação de personagens negras e negros – e essa dinâmica foi também repetida na série homônima e inspirada no jogo, lançada em 2023 pela *HBO*.

A banalidade do ódio

Um aspecto central a ser levado em consideração quando se fala no caldo cultural tóxico relativo à realidade *gamer* diz respeito a não recorrer a expedientes simplistas ou reducionistas, como eleger como “vilões” jogos online, em virtude de algum aspecto narrativo violento.

32 Esta perspectiva dialoga com o conceito de *boyhood*, mapeada no estudo *Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers*, feita pelo Laboratório de Impacto Gamer (Liga), da Purpose. A mudança de chave nesse cenário, por meio da crescente presença de mulheres na cena *gamer*, é também contextualizada nesta reportagem publicada no site da Microsoft: <https://tinyurl.com/yc6j4ww4>.

33 A *Pesquisa Game Brasil 2022* entrevistou 13.051 pessoas, entre as quais 74,5% afirmaram ser adeptas/os de jogos eletrônicos. Ainda, o estudo detectou que mulheres são a maioria *gamer* no Brasil (51%), ao passo que 49,4% de quem joga é negra (37,7% parda e 12,1% preta). Confira mais detalhes sobre o estudo em <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/pt>.

Essa perspectiva é uma espécie de antessala para o pânico moral. De acordo com Salah Khaled Jr., pode-se dizer que o pânico moral vem à tona “quando um segmento da sociedade acredita que o comportamento ou as escolhas morais de um dado grupo social – ou mesmo uma mídia ou produto cultural específico – representam um risco significativo para a sociedade como um todo: pânicos morais podem facilmente emergir de confrontos culturais dentro de uma dada sociedade.” (KHALED JR., 2018: 47)

Nesse sentido, a bola da vez quando se fala em pânico moral é o aplicativo de troca de mensagens em texto e áudio Discord, popular entre jovens e jogadores online. Assim como ocorre em demais plataformas³⁴, o Discord tornou-se tema de reportagens diversas sobre denúncias de episódios violentos diversos³⁵ e disseminação de conteúdo supremacista³⁶.

Um fator preponderante para o estado das coisas diz respeito a problemas estruturais de moderação. De acordo com reportagem veiculada em abril de 2023 pela *Agência Pública*, a plataforma apresenta falhas gritantes de moderação de conteúdo em português. Esse ponto foi apontado na reportagem, em que Thiago Tavares, presidente da organização SaferNet Brasil, considera a análise de conteúdo como absolutamente precária: “Eles não conseguem aplicar os termos de uso corretamente e os canais de interlocução no Brasil com as instituições que trabalham com os sistemas é ou precário ou inexistente.”

Como se pode imaginar, uma vez que a moderação é falha ou inexistente, conteúdos e atos de ódio e criminosos passam a acontecer em progressão geométrica. Um exemplo é a prisão de um jovem em julho de 2023, cujo nome não será citado neste capítulo para evitar o que se chama de “efeito contágio”, ou seja, não nomear, tampouco mostrar imagens de agressores, para não lhes dar notoriedade resultante de episódios violentos³⁷. Essa prática tem sido adotada por veículos jornalísticos após recentes casos de atentados cometidos contra escolas.

34 *Redes sociais estão excluindo contas inautênticas; entenda porque isso acontece.* CNN, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/3bchycf7>.

35 *Rede sem lei: no Discord, criminosos violentam e humilham meninas menores de idade.* G1 [Fantástico], 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/ystd3bw3>.

36 *Discord desobedece às próprias regras e permite conteúdo violento e extremista.* Agência Pública, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/2uep7cn9>.

37 *Imprensa brasileira debate e redefine cobertura de ataques para evitar efeito contágio.* *Folha de S. Paulo*, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/6ntj27vw>.

Esse jovem foi detido após ter sido identificado como o principal suspeito de ter criado e ser o administrador de um grupo no Discord no qual práticas como ameaças, agressões e abusos virtuais contra vulneráveis eram normalizados e incentivados. Durante a prisão, além de agir como se tais atos fossem banais e consequências do exercício pleno de liberdade de expressão – em âmbito deturpado –, o nível de deboche e ironia durante a entrevista e o tratamento contra os agentes que o detiveram demonstrava o que, ao emprestar o conceito usado por Hannah Arendt para descrever o depoimento do burocrata nazista Adolf Eichmann narrado pela filósofa no livro *Eichmann em Jerusalém*, pode ser entendido como a banalidade do mal.

Durante um vídeo analítico sobre o episódio em questão veiculado no canal Meteoro³⁸, do YouTube, o jornalista e streamer Marcellus Vinícius³⁹ apontou o ethos visível entre usuários de canais como o Discord e *gamers*: o sentimento de frustração, a misoginia e o ódio contra corpos dissidentes em meios como esses. “Você junta predominantemente homens jovens, brancos, héteros e cis(sexuais), e muitas pessoas dentro desse meio, mal-intencionadas, vão aliciando e trazendo discurso cada vez mais perigoso e problemático para pessoas que têm frustração muito grande, que têm algum ressentimento ou até raiva, e não sabem para onde projetar. Grupos neonazistas e fascistas souberam aproveitar esse ressentimento”.

Como reverter esse cenário?

Por óbvio, episódios como os mencionados anteriormente mostram que não há uma solução única ou simples, pois se trata de um contexto marcado por variáveis diversas, mas com premissa baseada na misoginia. Uma linha de ação óbvia passa pelo combate a discursos de ódio por parte de plataformas de streaming.

Mesmo com a Twitch adotando ações como a criação de política antiassédio e contra conduta de ódio⁴⁰ e o banimento de bots disseminadores de

38 *Pelos piores crimes, ele ri das vítimas. Meteoro* (YouTube), 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BKIWclmceHw>.

39 https://www.twitch.tv/marcellus_v/about

40 A plataforma Twitch especificou regras para conduta em sua comunidade na Política antiassédio e contra conduta de ódio. Disponível em: <https://tinyurl.com/29dvfupm>. Esta ação dialoga com outra iniciativa da mesma plataforma, por meio da qual 15 milhões de bots de ataque de ódio foram banidos em 2021. Confira reportagem do site *Observatório de Games* disponível em: <https://tinyurl.com/mryd?s8b>.

discurso intolerante, a postura leniente de big techs ante a episódios com esse perfil chama a atenção. Alguns exemplos abrangem tanto a postura adotada por tais empresas quanto iniciativas para regular as suas respectivas atividades⁴¹.

Outra medida abrange coibir práticas como o *griefing* – ações deliberadas de jogadores para perturbar demais pessoas no mesmo contexto⁴². Uma das modalidades de *griefing* consiste na intimidação, cujo objetivo é “causar sofrimento emocional com o uso de insultos, spam intencional, intrusão espacial, interrupção de eventos, perseguições e ameaças. Ele se torna claro quando um jogador ou mais pede que o outro pare com seu comportamento, mas este não obedece e continua.” (FOO E KOIVISTO, 2004 *apud* KURTZ, 2019: 102).

É necessário considerar também a urgência de o campo progressista participar do cotidiano da esfera *gamer*. Em entrevista ao site da Fundação Tide Setubal, Flávia Gasi, jornalista, escritora, diretora de narrativa e estrategista do Laboratório de Impacto Gamer, falou sobre a necessidade de o campo estar presente em tais espaços e dialogar com os grupos que lá estão. Essa lógica foi identificada pela extrema-direita – vide os acenos feitos por Bolsonaro aos *gamers* e relatados no decorrer deste capítulo. “O objetivo de uma boa educação não é fazer a pessoa pensar igual a você, mas abrir a cabeça para a possibilidade de pensamento. Isso é a educação de verdade: dar ferramentas para a pessoa entender o mundo do jeito como ela quer, mas com mais nuances. O objetivo é criar espaços de sociabilidade mais inclusivos e democráticos, com mais debate”⁴³.

Entretanto, outros aspectos devem ser levados também em consideração. Um deles passa, inegavelmente, pela estrutura da indústria. A concentração da origem de desenvolvedores em países do Norte global retroalimenta

41 A postura de gigantes tecnológicas, como Meta (controladora de Facebook e Instagram) e Alphabet (Google) contra o PL 2630 consistiu em, mais do que criticar e questionar, no uso de informações distorcidas, lobby ostensivo entre parlamentares e indícios de abuso de poder econômico por meio de investimentos milionários para veicular propagandas com informações imprecisas e sem lastro na realidade contrárias ao projeto de lei em questão. Confira a coluna do jornalista José Roberto de Toledo veiculada no UOL sobre o lobby das big techs [<https://tinyurl.com/45yxaas8>] e reportagem do jornal *O Globo* sobre gastos milionários com anúncios [<https://tinyurl.com/3u6bbj2p>].

42 A análise sobre *griefing* é um dos pontos centrais da tese de doutorado feita por Gabriela Birnfeld Kurtz, “*Respeita aí! os discursos e a subversão das regras como manifestações de violência simbólica de gênero nos jogos digitais Dota 2 e League of Legends* (UFRGS, 2019).

43 Entrevista concedida por Flávia Gasi ao site da Fundação Tide Setubal, em maio de 2023, sobre a pesquisa *Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers*. Confira em: <https://tinyurl.com/mrxmzt9v>.

vieses diversos, passando por variáveis sociais, geográficas, religiosas, ideológicas e de gênero.

Uma voz crítica à postura altamente política e neoliberal, porém embalada com verniz puramente tecnológico, às gigantes tecnológicas, é a do pesquisador bielorruso Evgeny Morozov. Ao associar essa realidade à estrutura do mercado *gamer*, ele considera ser extremamente importante “entender as deficiências da nossa crítica de tecnologia atual”. (2018: 26)

Logo, ainda em bases monetárias, Morozov defende que é necessário tratar não apenas da economia política – vale reforçar que ele se refere ao Vale do Silício, mas o tema contém pontos de contato perenes com a indústria *gamer*. Logo, deve-se tratar “também de seu papel cada vez mais preponderante na arquitetura fluida, e em constante evolução, do capitalismo global contemporâneo.” Ou seja: a mudança da perspectiva econômica vigente adotada, baseada em pressupostos geopoliticamente hegemônicos e com componente importante identitário – leia-se branco, heterossexual e masculino –, é um passo para a redução da toxicidade no ambiente *gamer* e o consequente fortalecimento de segmentos sociais considerados como dissidentes.

Escola sem partido: Paulo Freire, professores e estudantes na mira extremista¹

Patricia Pinheiro Antunes de Paula

A educação é um pilar fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade justa e democrática. No entanto, nos últimos anos, observa-se a ascensão de um perigoso programa ideológico conhecido como Escola sem Partido. Sob a fachada de proteção dos estudantes contra abusos, essa proposta representa, na verdade, uma visão regressiva da extrema-direita com propósitos de negar a liberdade de ensino própria à pedagogia e distorcer e limitar a relação aluno-professor.

O movimento Escola Sem Partido (ESP), que já foi uma Associação, depois tornou-se um programa e tentou virar uma lei, foi criado em 2004 pelo procurador do estado de São Paulo, Miguel Nagib. Apesar de existir desde então, ele adquiriu maior força e visibilidade a partir de 2014 com os apoios da família Bolsonaro, Olavo de Carvalho, Bia Kicis, entre outros integrantes da ala reacionária, como parte da agenda das Guerras Culturais no Brasil. O movimento se declarava uma “iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação política-ideológica das escolas brasileiras”². Também se identificava como “uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária”³. Segundo seus defensores, existe a necessidade de se protegerem do que eles entendem como *doutrinação ideológica*. Eles afirmam que “um exército

¹ Esta é uma versão ampliada de um artigo escrito e publicado na revista Guerras Culturais em Verde e Amarelo em dezembro de 2022. Disponível em <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66086>

² Miguel Nagib em escolasempartido.org

³ *Ibid.*



**O ESCOLA SEM PARTIDO É
UM PROGRAMA IDEOLÓGICO
PERIGOSO PARA A EDUCAÇÃO,
QUE REFLETE A
PERSPECTIVA DA
EXTREMA-DIREITA
COM O INTUITO
DE REJEITAR A
PEDAGOGIA DO ENSINO
E DISTORCER A DINÂMICA
ALUNO-PROFESSOR.**

organizado de militantes travestidos de professores abusam⁴ da liberdade de ensino para forçar a sua própria visão de mundo aos alunos, ao martelar ideias de esquerda na cabeça dos estudantes. Ideias essas que pregam contra “a civilização ocidental, o cristianismo, os valores cristãos, a igreja católica, a burguesia, a família tradicional, a propriedade privada, o capitalismo, o livre mercado, o agronegócio, o regime militar, os EUA, etc”⁵. Para eles, as principais vítimas

dessa prática de doutrinação “são jovens inexperientes, imaturos, incapazes de reagir intelectual e emocionalmente a um professor que esteja determinado a fazer sua cabeça”⁶.

O ESP abriu três frentes de ação: nas esferas política, jurídica e educacional. No plano político, com a polarização da população e o apoio de agentes da extrema-direita, o movimento ganhou visibilidade e defesa de parte da sociedade. Debates acalorados e *lives* de apresentação introduziram as pessoas às premissas do ESP e encontraram eco em alguns grupos. Políticos, influencers e religiosos

convocaram seus seguidores a fiscalizar a atuação dos professores em sala de aula, sendo orientados a denunciar qualquer tentativa dessa *doutrinação*.

Por meio das mídias sociais, a estratégia do movimento consistia em incitar famílias e estudantes a vigiarem docentes em sala de aula, e estimular alunos a filmarem suas aulas com smartphones para garantirem e reunirem provas de *doutrinação* nas escolas. Nesse caso, por *doutrinação* entenda-se toda e qualquer informação que seja desalinhada daquela fornecida pelas famílias dos estudantes, muitas vezes sem qualquer formação confiável nas áreas e conteúdos questionados.

Tais vídeos têm dupla função no contexto do movimento ESP: a primeira, é cercear a liberdade de cátedra de professores, ameaçando-os e denunciando-os ao site do ESP, às secretarias de Educação e até mesmo ao Ministério Público. A partir deles são demandadas sanções que vão desde a suspensão,

4 *Ibid.*

5 Miguel Nagib em escolasempartido.org

6 *Ibid.*

Cartoon divulgado no perfil do Escola Sem Partido.
(Autoria desconhecida)



Autoria: Jota Camelo.



exoneração/demissão de docentes e até mesmo a detenção. A segunda é o uso dos vídeos como material de propaganda político-ideológica, marcada pelo discurso de ódio e pelo pânico moral, para divulgação em grupos e canais conservadores e de extrema direita nas mídias sociais, e a consequente perseguição e linchamento público de docentes e instituições educacionais em todos os níveis de ensino.



Em meados de 2014, com a mídia e as redes sociais responsáveis pela apresentação mais ampla do movimento à sociedade, propostas de lei com essas premissas começaram a tramitar nas Câmaras Municipais, Estaduais e Federal. Ocorreu um movimento conservador coordenado que tinha a intenção de inundar a esfera legislativa com diversos projetos que reuniam temáticas semelhantes às da ESP, o que gerou a popularização do assunto nas mais diversas camadas sociais. E foi pelas mãos de congressistas membros da Frente Parlamentar Evangélica quando, em 2014, o controle contemplado pelo ESP se tornou uma proposta de emenda constitucional no Congresso Nacional, após quase 10 anos da sua criação e no bojo da discussão e da votação do Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024. Essa proposição, além de ampliar o debate e o conflito público em torno do assunto, também resultou em uma série de projetos de lei em âmbito estadual e municipal por todo o Brasil. A maioria desses projetos foi liderada por legisladores ligados a grupos religiosos evangélicos, com o objetivo de estabelecer o ESP como política pública nos diversos sistemas de educação do país. Neste contexto, o movimento é entendido como parte de um projeto de sociedade que busca restabelecer uma religião específica – no caso, uma vertente de cristianismo fundamentalista –, como a força central organizadora da vida social e das instituições, incluindo o Estado e a escola, por meio da educação das novas gerações. Nesse sentido, a escola tem se tornado um campo relevante de disputa simbólica e política, pois é lá onde os princípios de educação, sociabilidade e controle moral dos corpos, comportamentos e condutas são estabelecidos.

Mesmo com uma variedade de proposições, o movimento idealizou uma proposta de lei específica, que tornaria obrigatória em todas as salas de aula do ensino fundamental e médio a fixação de um cartaz com os seis

deveres⁷ do professor – o objetivo era indicar aos alunos os seus direitos. E ainda que projeto de lei ter sido considerado inconstitucional⁸, o ESP teve sucesso em influenciar a educação por outros meios. Diversos ministros da Educação defenderam premissas iguais à do movimento, aplicando-as nas decisões relacionadas a definições pedagógicas da política educacional. Deste modo, mesmo sem uma lei específica, o ESP influenciou decisões do MEC. Ou, como disse Jair Bolsonaro quando questionado no cercadinho: “Já botamos isso sem lei, já está já está impresso em livros e cadernos o que o aluno tem direito. Se o professor quer falar que o PT é legal, então o aluno pode falar o contrário sem ser perseguido”⁹.

De ideólogo a desertor

Quando analisamos o discurso do ESP, é inevitável lembrar do ideólogo da extrema-direita brasileira, Olavo de Carvalho (1947-2022). Ele foi um dos principais responsáveis pela formação de uma geração de ativistas de extrema-direita (incluindo os filhos do ex-presidente), da indicação de Bolsonaro como candidato e da concepção do seu plano de governo. Olavo de Carvalho considerava que a educação, a cultura e mesmo grande parte da mídia estavam dominadas pela esquerda desde o fim da ditadura militar. Segundo ele, em seu livro *A Nova Era e a Revolução Cultural* (de 1994 e ampliado em 2014), a esquerda teria desistido da luta armada contra

7 O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos, com o objetivo de cooptá-los para esta ou aquela corrente política, ideológica ou partidária; não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas; não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas; ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito; respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções; não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

8 O projeto de lei 867/2015 foi considerado inconstitucional em julho de 2016 pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão do MPF (Ministério Público Federal). E em agosto de 2020, o Supremo Tribunal Federal criou jurisprudência ao declarar inconstitucional uma lei estadual 7800/2016 de Alagoas com a mesma temática, por violar o direito à educação com o alcance pleno e emancipatório e os princípios constitucionais da liberdade de ensinar, de aprender e do pluralismo de ideias.

9 Rodolfo Costa em “Bolsonaro defende Weintraub e diz que Escola sem Partido está em operação” publicado em 18/12/2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/12/18/interna_politica,815051/bolsonaro-defende-weintraub-e-que-escola-sem-partido-esta-em-operacao.shtml

a ditadura e adotado uma tática de inspiração gramsciana para se apossar das instituições, mentes e corações do povo brasileiro, realizar uma “gigantesca lavagem cerebral” (p.63) e conquistar a hegemonia cultural para chegar ao poder pela via democrática, de forma silenciosa e subreptícia. Por isso, Olavo, como os militares, estavam decididos de que o novo campo de batalha não era mais o terreno convencional, mas a cabeça das pessoas e, dentro dela, a educação. Assim, caberia às forças reacionárias bloquear o avanço da esquerda nesse campo, desmascarar sua ideologia comunista e anti-cristã dos professores e materiais didáticos, e dar “um giro de 180 graus na cosmovisão do senso comum” (p. 79). Olavo, desse modo, tornou-se uma das grandes inspirações dos ativistas do ESP.

O que muitos não sabem é que, apesar de indicar discípulos como ministros da Educação do governo Bolsonaro, e que defendiam as premissas do movimento ESP, ele mesmo mudou de ideia. Mudou de ideia a respeito da forma como a *doutrinação* seria combatida e não da existência dessa *doutrinação* em si. Vejamos o que houve. Inicialmente, conforme vídeos publicados em seu canal no *YouTube*, Olavo de Carvalho fazia a defesa do movimento ESP e era um dos seus principais garotos-propaganda. Em um vídeo em 2016, ele conclamou seus seguidores a preencher uma pesquisa sobre o projeto a pedido de um deputado e sempre ridicularizou a reação de professores ao projeto “por desespero de perderem suas boquinhas”¹⁰.

Em 2018, Olavo começa a questionar a tática legislativa e de denúncia do ESP, não pelas premissas, mas pela forma como o movimento escolheu para fazer sua oposição. Em um vídeo, ele critica o uso do recurso ‘projeto de lei’ para fazer o que deveria ser feito inicialmente na esfera do convencimento, da formação intelectual. Ao fim, ele ainda afirma que o ESP não faria sentido, pois considera absurdo o movimento esperar que professores, por força de lei, de censura ou de denúncia, reproduzam uma opinião diferente da que acreditam. Em suas palavras: “Você cria uma situação de pânico. Então, aqueles mesmos que são os culpados pela situação opressiva nas universidades [e escolas], eles passam a posar de vítimas de uma perseguição e quem ajudou eles a fazer isso foram vocês, turminha da Escola Sem Partido. Vocês não entendem coisa nenhuma de combate cultural.”¹¹

10 Olavo de Carvalho em vídeo ‘Aviso ao Escola Sem Partido’ publicado em 15/11/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qySuenfRkDk&t=26s&pp=ygUbYXZpc-28gYW8gZXNjb2xhIHNibSBwYXJ0aWRv>

11 *Ibid.*



Olavo de Carvalho em live em defesa do Escola Sem Partido em 2016. E post do empresário da Havan, Luciano Hang, por ocasião dos 100 anos de Paulo Freire, em setembro de 2021.

[Créditos: Reprodução / YouTube e Revista Fórum]

QUEM FEZ MAIS PELA EDUCAÇÃO DO BRASIL?

Paulo Freire



3%

Chinela havaiana azulinha



97%



Os alvos do Movimento Escola Sem Partido

Um dos principais alvos do movimento é o renomado educador brasileiro Paulo Freire, transformado no “inimigo a ser combatido”. Suas ideias e metodologias revolucionárias, que buscavam promover uma educação crítica e libertadora, são constantemente atacadas pelos defensores do Escola Sem Partido. Sua obra tem como base a conscientização dos alunos sobre a realidade social em que vivem, encorajando-os a se tornarem agentes de transformação de si e do mundo que os cerca. A ideia de educação emancipadora, que traz independência crítica às massas, pressupõe a liberdade do educando e do educador. Ou seja, parte de uma premissa segundo a qual o educando é capaz de diferenciar informações e fazer análise crítica do conteúdo que o educador ensina. Os conservadores se opõem a essa premissa, defendendo que os educandos são influenciáveis e doutrináveis, incapazes de se defender da opressão e doutrinação do educador. Essa lógica é exageradamente simplista, pois reduz o papel do professor a um simples transmissor de conteúdos escolares e não um educador. Essa percepção de incapacidade do educando de refletir criticamente e tirar suas próprias conclusões é a base do pensamento do ESP. Ou seja, o ESP pensa a educação de forma regressiva e o aluno como incapaz e tutelado, no polo oposto de Paulo Freire que, este sim, acredita no estudante como sujeito em construção, progressivamente autônomo, crítico e capaz de fazer escolhas.

Patrono da educação brasileira, Paulo Freire, estabelecia distinção indispensável ao pensar a emancipação e a liberdade no contexto do ensino e aprendizado: falava ele de uma “educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade; ‘educação’ para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito”¹². Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), Freire apresenta sua concepção de educação como uma prática libertadora, com o objetivo de transformar a sociedade e promover a conscientização e emancipação dos oprimidos. Segundo Freire, a educação tradicional reproduz relações de opressão e dominação, perpetuando a desigualdade social. Ele propõe uma abordagem pedagógica baseada no diálogo e na problematização da realidade social, na qual educadores e educandos são agentes ativos na construção do conhecimento. A obra enfatiza a importância da conscientização crítica, na qual

12 FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Ed. Paz e Terra LTDA. Av. Rio Branco, Rio de Janeiro. 1967. Pág. 36.

os oprimidos se tornam conscientes das estruturas de poder e opressão que os cercam, permitindo-lhes se tornarem sujeitos de sua própria transformação. Freire destaca a importância da cultura popular, da valorização das experiências dos educandos e da superação da dinâmica hierárquica entre educador e educando. Ele tornou-se uma referência importante para a pedagogia crítica e influenciou profundamente práticas educacionais progressistas em todo o mundo, especialmente em contextos de luta por justiça social e igualdade.

No entanto, os extremistas que defendem o ESP tentam retratar as abordagens de Freire como uma forma de doutrinação ideológica. Essa visão distorcida busca minar os avanços educacionais conquistados ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito à formação de cidadãos críticos e participativos. Ao invés de promover um ensino que estimule o pensamento crítico e a diversidade de opiniões, o programa busca impor uma visão única e limitada, alinhada com a agenda conservadora.

Além de atacar Paulo Freire e suas contribuições para a educação, o movimento ESP também busca cercear a autonomia dos professores. Sob o pretexto de combater supostas *doutrinações*, esse programa propõe vigilância constante nas salas de aula, monitorando e punindo professores que expressam pontos de vista diferentes daqueles impostos pelos defensores dessa proposta. Essa perseguição aos professores é extremamente preocupante, pois a liberdade acadêmica é essencial para o desenvolvimento de pensamento crítico e para a formação de cidadãos conscientes. Um ambiente educacional saudável deve incentivar o debate e a troca de ideias, permitindo que estudantes construam seu próprio conhecimento por meio da interação com seus educadores.

Finalmente, os estudantes também são afetados pelo ESP. Ao limitar a diversidade de perspectivas e restringir o acesso a informações que vão além do pensamento conservador, o programa compromete a formação integral dos jovens, cerceando sua capacidade de compreender o mundo de forma crítica e plural. Ao negar a pedagogia do ensino, ela tem o propósito de impor visão de mundo restrita, intolerante e, portanto, ideológica. Um pressuposto da educação é o seu exercício em um espaço de diálogo, de respeito às diferenças e de construção coletiva do conhecimento. Por meio da pluralidade de ideias e da valorização da autonomia dos estudantes são formados cidadãos capazes de pensar por si mesmos e de contribuir para uma sociedade mais justa e solidária.

Fim do Escola Sem Partido ou transição do modelo

Depois dos inúmeros reveses que sofreu, em 2019 Miguel Nagib anunciou que o movimento seria encerrado em 1º de agosto daquele ano devido à falta de apoio do então presidente Jair Bolsonaro¹³. No entanto, com premissas e discursos tão cimentados na sociedade conservadora, novos projetos de leis com o tema continuam a ser apresentados. Os que foram anteriormente aprovados são questionados na esfera jurídica. Contudo, outros recursos estão sendo mais bem sucedidos. Com a presença de conservadores dentro do Ministério da Educação à época, mudanças em materiais didáticos foram realizadas e tentativas de mudanças no currículo básico escolar, nos conteúdos das provas do ENEM, a implementação do Novo Ensino Médio do governo Temer, com redução dos conteúdos básicos (sobretudo das humanidades), e na criação de escolas cívico-militares.¹⁴

Em pelo menos dez decisões, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou inconstitucionais leis municipais e estaduais inspiradas no movimento que pretendiam usar métodos do ESP para censurar professores por abordarem em sala de aula temas como política ou sexualidade. Com sucessivas derrotas judiciais, a extrema-direita teve que repensar sua forma de luta. Como a via legislativa se mostrava difícil, o ESP voltou a ser um movimento com a intenção de fomentar a “guerra cultural” ao contrapor-se a iniciativas que buscam uma sociedade menos preconceituosa, mais igualitária e inclusiva. O espaço político-ideológico do ESP passou a ser ocupado cada vez mais por influenciadores digitais reacionários e por guerrilhas pontuais, decorrentes de temas específicos a serem combatidos.

A pesquisadora Fernanda Moura explica: “Apenas o ‘movimento’ (na verdade o dono da página Escola Sem Partido) perdeu [força] porque ele e seu ‘movimento’ acabaram se tornando descartáveis, uma vez que inúmeros

13 Miguel Nagib em entrevista a Paula Ferreira em “Escola sem Partido anuncia suspensão de atividades, e criador do movimento desabafa: ‘Esperávamos apoio de Bolsonaro’” publicado em 18 de julho de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/escola-sem-partido-anuncia-suspensao-de-atividades-criador-do-movimento-desabafa-esperavamos-apoio-de-bolsonaro-23817368>

14 As escolas cívico-militares existem no Brasil desde os anos 1990, mas se tornaram bandeira política e vedete educacional do Governo Bolsonaro, que ampliou seu número e criou uma secretaria especial com orçamento próprio para incentivá-las. Em julho de 2023, o Governo Lula anunciou a extinção dessa modalidade de ensino. <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/07/12/governo-lula-encerra-programa-de-escolas-civico-militares-de-bolsonaro.htm>

políticos ou influencers de direita com aspirações políticas se apropriaram da pauta”¹⁵. Ela continua: “Não vemos mais projetos com nome Escola Sem Partido sendo apresentados, mas projetos de censura a temáticas relativas a gênero e sexualidade na escola continuam sendo apresentados e aprovados”¹⁶. E finaliza com um alerta: “E o movimento de censura vem procurando novos alvos. Agora investem principalmente contra a população trans”.¹⁷

Outra iniciativa observada foi a de grupos de mulheres autodenominadas “mães do agronegócio”, que buscam a revisão de materiais didáticos que apresentam perspectiva desfavorável em relação ao setor, abordando temas como desmatamento, trabalho escravo e mudanças climáticas. A presidente da entidade De Olho no Material Escolar, Leticia Jacintho, manteve reuniões com os ministros da Educação e da Agricultura, além de editoras de materiais didáticos e grupos educacionais. Sobre os desdobramentos da ação, ela afirma: “Com objetividade, transparência e de forma colaborativa, estabelecemos um diálogo positivo com as editoras responsáveis pela produção de 96% dos livros didáticos do país. Entre os resultados, nossa associação já sensibilizou pais, educadores e autores, além de grandes editoras, que iniciaram o processo de atualização do conteúdo”¹⁸. Ainda assim, a entidade declara ser apartidária.

Também no meio agro, mais preocupante ainda é a ação de empresas multinacionais, que estão penetrando ambientes educacionais públicos e privados, do nível básico ao universitário, para difundir sua ideologia. Através



**DENTRE OS
DEFENSORES
DO PROGRAMA
ESTÃO PESSOAS
ÁVIDAS POR
RELEVÂNCIA NO CENÁRIO
POLÍTICO E CONTROLE
MORAL DO PENSAMENTO
CRÍTICO DE ALUNOS, UMA
CONDIÇÃO NECESSÁRIA
PARA IMPLANTAÇÃO
DE SEU PROJETO DE
PODER CONSERVADOR
FUNDAMENTALISTA.**

15 Angela Pinho em “Após derrotas de Escola Sem Partido, grupos miram gênero e críticas ao agro na sala de aula” publicado em 24 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/10/apos-derrotas-escola-sem-partido-mira-genero-e-criticas-ao-agro-na-sala-de-aula.shtml>

16 *Ibid.*

17 *Ibid.*

18 *Ibid.*

Mensagem com imagem de Hitler que foi encaminhada em grupo de WhatsApp de escola em que jovem negro sofreu racismo. Abaixo, post do grupo “Todos a uma só voz”, movimento do agronegócio. [Créditos: Reprodução / G1 e Portal Campo Vivo]



O AGRO NAS ESCOLAS
Gerando o interesse dos estudantes e apoiando os professores

PROF. XICO GRAZIANO
PROF. MARCOS FAVA NEVES

ADEMAR BATISTA PEREIRA
Presidente da Fenep

RICARDO NICÓDEMOS
Líder do Movimento Todos A Uma Só Voz

ANA VAZ
Gerente Marketing BIFFood e Embaixadora Capitalismo Consciente

ANDRÉIA BERNABÉ
De Olho No Material Escolar

MÔNICA BERGAMASCHI
Presidente do Conselho Diretor ABRACAP

WERNAS
O AGRO PARA ESTUDANTES
13.05.21 - às 13h
Inscreva-se no canal do Youtube
[/todosaumasovoz](https://www.youtube.com/todosaumasovoz)

TODOS A UMA SÓ VOZ
MÓDULO 1

da criação de programas de educação, essas companhias elaboram os próprios materiais didáticos e de apoio, e promovem a formação aos professores para a correta disseminação dele. Como explica a pesquisadora Ana Manuela Chã: “Do ponto de vista do conteúdo, esses materiais se dedicam quase sempre a exaltar o sucesso do modelo do agronegócio, trazendo versões simplistas e parciais dos processos históricos, em geral, relacionados ao tema da agricultura e a outros voltados para o meio ambiente. Os materiais acessados pela internet buscam, em geral, transmitir uma ideia do campo como espaço de produção e uma permanente preocupação com o meio ambiente e a saúde, mas ocultam as desigualdades, as relações de propriedade e de trabalho, os impactos devastadores desse modelo sobre os territórios e as populações, os processos de luta associados à questão da terra, e as alternativas que já estão sendo construídas pelos trabalhadores e trabalhadoras”.¹⁹

O uso das pautas do Movimento por outros atores

Novos projetos com pautas do ESP continuam a ser propostos nas esferas municipais, estaduais e federais, em versões decompostas. Considerando a frustração desses empenhos, a razão da insistência de alguns parlamentares não é um mero compromisso com a agenda conservadora. Uma das principais razões é pela visibilidade alcançada com a polêmica, já que projetos com forte base ideológica costumam dar notoriedade aos seus autores, servindo de palanque para angariar capital político e engajamento nas redes sociais. Para muitos, a viabilidade da pauta é irrelevante, sendo que o importante é a reação ao debate. Trata-se o famoso ‘jogar pra plateia’²⁰. Assim, o estímulo a denúncias de *doutrinação* é o início de um ciclo vicioso no qual parlamentares passam a usar as suas redes sociais para pressionar escolas, expor educadores e ativar o engajamento de seus seguidores²¹. Por um lado, esses projetos garantem apoio e votos para seus proponentes; por outro lado, consomem recursos valio-

19 CHÃ, Ana Manuela. *Agronegócio e indústria cultural: estratégia das empresas para a construção de hegemonia*. 1 ed – São Paulo: Expressão Popular, 2018, pág 65.

20 Fabiana Tostes em “Polêmica à vista: Escola sem Partido volta à pauta da Câmara de Vitória” publicado em 23 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/politica/colunas/de-olho-no-poder/2023/02/polemica-a-vista-escola-sem-partido-volta-a-pauta-da-camara-de-vitoria/>

21 Chico Alves em “Deputado usa métodos do escola sem partido e persegue professores em GO” publicado em 09 de maio de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/chico-alves/2023/05/09/deputado-usa-metodos-do-escola-sem-partido-e-persegue-professores-em-go.htm?>

sos do contribuinte em algo que não traz resultados concretos. Enquanto isso, os problemas reais da educação, que exigem uma ação mais decisiva por parte dos congressistas, são deixados de lado.

Esse modelo também é seguido por outros agentes políticos como influencers, religiosos e militares que buscam nas polêmicas das mídias sociais termômetros e oportunidades para concretizar suas intenções de parcerias ou de seguir carreira na política.

Algumas consequências do Escola Sem Partido



Mesmo com o alerta da ONU em 2017²² e todo empenho da Suprema Corte na determinação da inconstitucionalidade das propostas intervencionistas, não foi possível driblar os danos causados pelo movimento. Miriam Abramovay, coordenadora do Programa Estudos sobre Juventudes, Educação e Gênero: Violências e Resiliências da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), aponta: “As medidas repressivas que foram adotadas nos últimos quatro anos, como o Escola Sem Partido, denúncias contra professores, militarização nas escolas e polícia dentro do ambiente escolar tiveram efeito perverso na nossa educação (...) provocaram aumento da misoginia, intolerância religiosa, racismo, feminicídio, abuso sexual infantil e outros fenômenos violentos, (...) abrindo portas para o extremismo de direita e caminho para as tragédias ocorridas nas escolas brasileiras”²³.

A pesquisadora da Unicamp Ângela Soligo defende que o fenômeno da apologia “livre” e criminosa ao racismo e ao nazismo observado em escolas é reflexo do ESP e da impunidade. A doutora em psicologia e docente da pós-graduação argumenta que a contribuição do Movimento para o compor-

22 O posicionamento das relatorias especiais da ONU destaca a preocupação com a possibilidade do projeto de lei Escola Sem Partido poderia retirar das salas de aula, discussões de tópicos considerados controversos ou sensíveis, como discussões de diversidade e direitos das minorias. Aponta também o impacto de ideias conservadoras defendidas no Escola Sem Partido na definição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as competências e os objetivos de aprendizagem dos estudantes a cada etapa da vida escolar. Mariana Tokarnia em “ONU alerta para impactos do projeto Escola sem Partido na educação brasileira” publicado em 13 de abril de 2017. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/onu-alerta-para-impactos-do-projeto-escola-sem-partido-na-educacao>

23 Miriam Abramovay em vídeo do 1º Seminário Internacional sobre Segurança e Proteção no Ambiente Escolar, transmitido em 30 de maio de 2023. Disponível em: <http://youtube.com/watch?v=Mc2F45Nq0xY&t=5444s>

tamento social atual é produto da falta de profundidade e reflexão crítica sobre temas históricos nas salas de aula: “Nos últimos anos, educadores foram muito tolhidos pela ideologia do ESP. Muitas aprendizagens que poderiam ter acontecido na escola não aconteceram. Você tem jovens que não sabem o que significou o nazismo, não entendem a profundidade do racismo, desde o sequestro de negros ao desfavorecimento de negros hoje. Essas pessoas vão repetir coisas e não têm noção do que estão dizendo. A ignorância é parceira dessas manifestações criminosas”²⁴. Angela reforça que o Movimento deixou muitos professores perdidos em como abordar certas questões e, diante da onda de ataques armados contra as escolas, eles precisam levar a discussão desses temas de maneira mais enfática para a sala de aula, mesmo receosos da vigilância a que ainda estão sujeitos.

Além disso, a recorrência da pauta reforça a realidade paralela dessa concepção de *doutrinação* e serve como estratégia política para ‘empreendedores políticos’²⁵ que abraçam o combate à *doutrinação*. Tal situação cria uma oportunidade política para outras figuras tentarem tornar-se referências dessas ideias, que são altamente eficazes em gerar mobilização e repercussão. Além dessa disputa por influência, a encenação de determinadas personalidades (defensores das crianças, guerreiros contra a *doutrinação*, etc.) gera engajamento nas redes sociais, algo que pode se traduzir em votos e capital econômico, e avanço dessa agenda em diversos grupos sociais. Um maior engajamento nas redes permite a essas figuras estabelecerem relação mais profunda com seus seguidores e futuros eleitores. Dessa forma, toda a controvérsia em torno do combate à *doutrinação* torna-se fonte de lucro político e econômico para alguns, ao mesmo tempo em que impõe censura e barreiras ao conhecimento para outros. Nesse caso, o recurso mais eficaz para influenciar o debate não são os argumentos, mas sim a criação de memes viralizáveis e discursos curtos e provocativos, que conseguem desviar a atenção do argumento ao qual estão respondendo.

24 Ângela Soligo em entrevista a Patrícia Teixeira em “Apologia ‘livre’ e criminosa a racismo e nazismo em colégios é reflexo de ‘escola sem partido’ e impunidade, analisa educadora da Unicamp” publicado 16 de novembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/educacao/noticia/2022/11/16/apologia-livre-e-criminosa-a-racismo-e-nazismo-em-colegios-e-reflexo-de-escola-sem-partido-e-impunidade-de-analisa-educadora-da-unicamp.ghtml>

25 Renata Aquino em “O Escola sem Partido voltou?” publicado em 21 de março de 2023. Disponível em: <https://profscontraoesp.org/2023/03/21/o-escola-sem-partido-voltou/>

Conclusão

Compreender o Escola Sem Partido significa reconhecê-lo como um dispositivo de Guerra Cultural que, assimilado por grupos religiosos fundamentalistas, reverbera um certo tipo de ideologia religioso-política pautada pela perseguição de educadores e supressão do reconhecimento e do diálogo entre as alteridades. Sua pretensão é garantir pela força da lei ou pelo medo o apagamento da pluralidade de ideias, da liberdade e da diversidade em uma das principais instituições da vida moderna – a escola. Tal projeto oferece riscos e prejuízos severos à educação como um todo, à medida em que compromete desde as relações professores-estudantes no espaço escolar e os processos elementares de construção de conhecimento, até a própria sociabilidade e o estar-junto coletivo desses e todos os outros sujeitos em sociedade.



Dog whistle: propaganda nazifascista na comunicação bolsonarista

Isabella Mendes Marques dos Santos
Amauri Eugênio Jr.

Em 2020, o secretário de Cultura do Governo Bolsonaro achou de bom tom usar a ópera *Lobengrin*, de Richard Wagner, compositor favorito de Adolf Hitler, para se pronunciar nas redes sociais. Não demorou muito para que o plágio fosse percebido pelos internautas: o discurso de Roberto Alvim foi intensamente inspirado na fala do ministro da Propaganda nazista, Joseph Goebbels. Além do texto, toda a construção imagética do vídeo foi plagiada: o aspecto minimalista da construção do cenário, a mesa de escritório, o penteado, o olhar direto e decidido e a foto do líder/Führer acima da cabeça de Alvim carregando a aura de um ser soberano, onisciente e onipresente. A declaração de Alvim sobre o papel da arte no país também é um plágio de Goebbels: “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa [...] ou então não será nada”¹.

A ascensão de muitos líderes de inspiração nazifascistas pelo mundo durante a História se deu pelos incisivos e estratégicos métodos de propaganda. Seguindo as ideias de Theodor W. Adorno, podemos entender que a propaganda e a comunicação fascistas se utilizam incansavelmente da sensibilização psicológica através da manipulação do inconsciente (2015, p. 137-152).

Nesse regime, o discurso emocional e messiânico leva à construção do inimigo como o outro, diferente, a ser eliminado. O discurso fascista também não possui nenhum compromisso com a realidade. Assim como o moinho de vento está para Dom Quixote, o “comunismo” está para a extrema-direita.

¹ Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa onda de indignação. O Globo, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>

Segundo Adorno, a propaganda fascista considera a população como mentes e corações a serem tutelados para a ascensão ao poder. Seres sem interesses particulares, mas obedientes às ordens dadas.

A propaganda bolsonarista também não se preocupa com o compromisso com a verdade ou em trazer argumentos sólidos para embasamento de seus ideais, mas com discursos de fácil absorção – como as combinações de palavras-chave e símbolos visuais que são representativos diretos desses “valores”: Deus, pátria, família, propriedade privada, ordem, hierarquia, entre outros.

Desde o início de sua campanha, Bolsonaro adota o lema “Deus, pátria e família”. Em outubro de 2022, durante debate do segundo turno das eleições presidenciais, realizado entre ele e o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, bradou a frase com os braços levantados, como quem opera uma prece, causando desconforto em parcela dos presentes. Esse incômodo tem justificativa: “Deus, pátria e família” era o lema do Integralismo, a versão brasileira do Fascismo do entreguerras, liderado por Plínio Salgado. Outra frase adotada pelo Bolsonarismo foi diretamente inspirada na Alemanha nazista: “Deutschland über alles”, que significa “Alemanha acima de tudo”. Soa familiar?

Após a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais, o movimento golpista ganhou força, materializando-se em forma de barricadas e barreiras em rodovias, aglomerações em frente a quartéis militares enfrentando intempéries para garantir o seu direito de apoiar uma “intervenção” – federal, militar que impedisse a posse de Lula.

Essas manifestações perderam qualquer pudor em esconder a matriz neonazista. Reproduzindo um gesto similar à saudação ‘Sieg Heil’, amplamente utilizada pelo nazismo em várias das ações, em especial no estado mais conservador do país e com reconhecidas células neonazistas: Santa Catarina. Heiko Thoms, embaixador da Alemanha no Brasil, se pronunciou em sua conta no Twitter: “O uso de símbolos nazistas e fascistas por “manifestantes” claramente de extrema direita é profundamente chocante. Apologia ao nazismo é crime!”³

2 WANDELLI, Raquel. NAZISMO ESCANCARA SUA AMEAÇA: Slogan de Bolsonaro é tradução literal do lema de Hitler. *Jornalistas Livres*, 2018. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/nazismo-escancara-sua-ameacaslogan-de-bolsonaro-e-traducao-de-lema-de-hitler/>. Acesso em: 13 nov. 2022.

3 CAPITAL, Carta. Uso de símbolo nazista por ‘manifestantes’ é chocante e criminoso, diz embaixador alemão no Brasil. *Carta Capital*, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/uso-de-simbolo-nazista-por-manifestantes-e-chocante-e-criminoso-diz-embaixador-alemao-no-brasil>. Acesso em: 15 ago. 2023.

Díptico com retrato de Goebbels e do ex-secretário da Cultura Roberto Alvim.

(Fonte: El País, 2020)



Pôsteres da Alemanha nazista na década de 1930 comparada com ilustração de manifestações bolsonaristas em 2022.

(Créditos: Folha de S.Paulo / Twitter / Jornalistas Livres)



Máquina de propaganda balançando o rabo

Pode-se enumerar com relativa facilidade os episódios nos quais a Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal (Secom) operou como extensão das aspirações antidemocráticas de Bolsonaro. Alguns passam pela perspectiva negacionista adotada pelo governo durante o momento mais agudo da pandemia de Covid-19, o uso da estrutura estatal durante a campanha eleitoral de 2022, ataques contra opositores – sejam atores políticos ou figuras públicas – e tentativa de revisionismo histórico.

Em não raras vezes, a tática utilizada pelo governo Bolsonaro – em sua própria conta e por meio do perfil da Secom – dialogava com a lógica *dog whistle* (“apito de cachorro” em tradução livre do inglês). Esse termo foi designado à prática de fazer algum sinal identificado por grupos neonazistas ou supremacistas brancos, sinalizando para esses grupos que ‘estão com eles’. É uma tática que indica pertencimento, ajudando a indicar quem é do grupo e a recrutar novos participantes⁴ (LEVIN, 2022). Da mesma forma como o som do apito é perceptível apenas aos cachorros, esses sinais só seriam identificados por aqueles que fazem parte de um grupo específico, mas não pelo público geral. Ou seja, o teor das publicações consistia em mensagens cifradas, cujos contexto e significados eram desconhecidos da maioria das pessoas alcançadas, mas voltada a uma parcela significativa composta por seguidores de seu governo.

Pode-se dizer que a lógica por trás do *dog whistle* funcionou como mecanismo de radicalização de apoiadores de Bolsonaro. Uma das estratégias usadas para manter sua claque com os ânimos acirrados e em constante estado de tensão diz respeito ao antagonismo com quaisquer meios considerados integrantes de uma suposta elite intelectual e que estariam também supostamente dominados por esquerdistas – a imprensa e a academia, por exemplo.

Como isso se tornou possível? Por meio de campanha intensa e contínua para desacreditar esses setores da sociedade, cujas perspectivas eram antagônicas ao modus operandi do governo federal à época, a abordagem usada teve como foco insinuar que ambas tinham agendas dissonantes do bem comum e, em última análise, contrárias ao bem-estar populacional. Um exemplo emblemático corresponde à cruzada contra a perspectiva científica no enfrentamento

⁴ LEVIN, Renato. 'Dog whistle': a tática de extremistas que utilizam símbolos para se comunicarem. O Dia, 2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2022/02/6336647-dog-whistle-a-taticade-extremistas-que-utilizam-simbolos-para-secomunicarem.html>. Acesso em: 13 nov. 2022.

à pandemia. Em 15 de março de 2020, apenas quatro dias após a Organização Mundial de Saúde (OMS) determinar que a disseminação do vírus Sars-CoV-2 passaria a ser caracterizada como pandemia global⁵, Bolsonaro promoveu manifestação em Brasília (DF) na qual ele e apoiadores ignoraram as já vigentes recomendações para a promoção de isolamento social⁶.

Como se pode supor, o ambiente composto pelas redes sociais e aplicativos de mensagem, como WhatsApp⁷ e Telegram, formaram uma rede de retroalimentação de conteúdos inautênticos. Logo, como no caso da campanha de desinformação sobre a pandemia de Covid-19, pôde-se ver algo análogo à dinâmica de câmara de eco⁸ – ambiente informacional no qual apenas os mesmos dados têm espaço, sem haver chance de conteúdos dissonantes poderem ser reverberados.

Essa lógica remete ao conceito de *firehosing*⁹, segundo o qual diversos canais circulam, em volume contínuo e intenso, conteúdos notoriamente falsos ou distorcidos. Com isso, veículos hegemônicos passam a ser vistos como pouco ou nada confiáveis por não darem tração a esse tipo de conteúdo. Entre os diversos ataques promovidos por Bolsonaro e seus apoiadores a órgãos e profissionais de imprensa, a ponto de o Brasil ter caído no ranking de liberdade de imprensa da organização Repórter Sem Fronteiras (RSF)¹⁰, um deles chamou a atenção pela veemente tentativa de destruir reputações. Em 2021, Bolsonaro declarou, à revelia do que a realidade deixava nítido, que resolveria os problemas resultantes da Covid-19 “em poucos minutos” e usou esse cenário para fazer uma ilação contra órgãos de imprensa: “É só pagar o que os governos pagavam para *Globo, Folha, Estado de S.Paulo...*

5 OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. OPAS-ONU, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>.

6 Com apoio de Bolsonaro, manifestantes ignoram coronavírus e fazem atos pró-governo. Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr224hre>.

7 Os caminhos da desinformação nas redes sociais na pandemia. Pesquisa Fapesp, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/4pyacbfj>.

8 Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. UFF, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2dfxyrud>.

9 A tática *firehosing* (“mangueira de incêndio, em tradução livre da língua inglesa) consiste em fluxo intenso e contínuo de conteúdo falso. Essa lógica é um dos pontos importantes para compreensão sobre a realidade relativa à disseminação de conteúdos falsos e com discurso de ódio. Confira mais detalhes no artigo *The Russian “Firehose of Falsehood” Propaganda Model*: <https://tinyurl.com/2ebpnjcx>.

10 Ataques de Bolsonaro deterioram liberdade de imprensa no país, segundo RSF. Abraj, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/?wzus8tn>.

Esse dinheiro não é para imprensa, esse dinheiro é para outras coisas”.¹¹ Naquele mesmo dia, o Brasil registrara 4.211 mortes em decorrência da Covid-19.

Essa tática com verniz diversionista remeteu, parafraseando o ensaísta político italiano Giuliano da Empoli, à perspectiva de “engenheiros do caos”.

Ou seja: recorrendo às redes sociais, sem preocupação com parâmetros anco-



**A TÁTICA BOLSONARISTA REMETEU
AO QUE GIULIANO DA EMPOLI
DENOMINOU “ENGENHARIA
DO CAOS”: “O ALGORITMO OS
FORÇA A SUSTENTAR
NÃO IMPORTA
QUE POSIÇÃO,
RAZOÁVEL OU
ABSURDA, REALISTA
OU INTERGALÁCTICA, DESDE QUE
ELA INTERCEPTE AS ASPIRAÇÕES
E OS MEDOS – PRINCIPALMENTE
OS MEDOS – DOS ELEITORES.”**

rados em fatos ou na defesa da democracia, para obter mais engajamento em tais espaços e alcance perante à população por meios populistas. Desse modo, “o algoritmo dos engenheiros do caos os força a sustentar não importa que posição, razoável ou absurda, realista ou intergaláctica, desde que ela intercepte as aspirações e os medos – principalmente os medos – dos eleitores” (DA EMPOLI, 2019, p. 20).

Como a realidade insistia em reforçar, dia sim e outro também, os posicionamentos de Bolsonaro e sua claque passavam longe de qualquer parâmetro de realismo. Parafraseando

um grito entoado por seus seguidores, ele autorizava, por meio da normalização de ofensas *ad hominem*, ataques contra jornalistas, por exemplo. Um exemplo é o mencionado por Patrícia Campos Mello, repórter da *Folha de S. Paulo*, no livro *A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter Sobre Fake News e Violência Digital*.

Ao partir de sua própria experiência, quando se tornou alvo recorrente de ataques e tentativas sucessivas de assassinatos da sua própria reputação, Campos Mello destacou uma espécie de revival desejado por Bolsonaro quanto à censura e a ataques contra jornalistas realizados durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), incluindo componentes misóginos usados contra ela e demais jornalistas mulheres – tratou-se de um *modus operandi* bolsonarista.

¹¹ *Bolsonaro ataca imprensa e diz que ‘resolve problema do vírus em minutos’*. Estado de Minas, 2021. Disponível em: <https://tinurl.com/y857vjsx2>.

MP-SC investiga saudação feita por bolsonaristas.

(Créditos: Carta Capital, 2022)



**Jair Bolsonaro assiste a uma partida de futebol usando
camisa da Lazio, equipe italiana com histórico supremacista.**

(Reprodução / twitter.com/mfriasoficial)



De acordo com a jornalista, a era da perseguição havia voltado por meio das redes sociais e mídias virtuais. Logo, tratava-se de uma nova forma de censura, terceirizada para seguidores fiéis e disseminadas por bots nesses mesmos ambientes. “As jornalistas mulheres são as vítimas preferenciais. À diferença de nossos colegas homens, é muito mais corriqueiro termos dados pessoais expostos na internet, sofrermos comentários jocosos sobre nosso aspecto físico, ofensas a nossa honra e ameaças on-line que muitas vezes migram para o mundo real.” (CAMPOS MELLO, 2021: 92 e 93).

A associação entre Bolsonaro e regimes de extrema-direita nunca deixou de ser imperceptível e antecede em muito a sua declaração durante o *impeachment* de Dilma Rousseff, em que dedicou seu voto ao torturador Carlos Brilhante Ustra. Porém, durante sua campanha eleitoral em 2018 e sua trajetória na presidência, encerrada em 2022, ocorreram inúmeras ações e formas de estreitar essa relação. Quais foram, então, alguns dos momentos em que o governo bolsonarista apresentou evidências concretas que permitem a comparação entre regimes nazistas e fascistas?

O meio é a imagem (da desinformação)

Em junho de 2022, Mário Frias, ex-secretário especial de Cultura, publicou, em suas redes sociais, uma foto aparentemente inofensiva do presidente Jair Bolsonaro enquanto assistiam a uma partida de futebol¹². O que chamou atenção, no entanto, foi a camisa usada pelo presidente: ele usava a camisa do time italiano Lazio¹³, atrelado a diversas polêmicas de cunho fascista, como entoar hinos repletos de injúrias raciais e até um ‘Saluto Romano’, executado pelo ex-atacante Paolo Di Canio¹⁴, em homenagem a Mussolini. Se estavam assistindo a uma partida de futebol brasileiro por quais motivos Bolsonaro vestiria a camisa do que é considerado o time mais fascista do mundo?

Em meio à perspectiva descolada da realidade inerente ao bolsonarismo – negacionista, revisionista, diversionista e extremista, sendo tudo isso ao mesmo tempo e a gosto do freguês –, é possível dizer que demais recursos imagéticos tiveram papel central na estratégia do governo federal de criar uma

12 Mário Frias. Twitter, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/4ren5j8z>.

13 Por que Lazio, vice na Itália, é considerada o time mais fascista do mundo?. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2020/06/24/por-que-lazio-vice-na-italia-e-considerado-o-time-mais-fascista-do-mundo.htm>

14 A história do jogador fascista que virou ídolo na Itália e na Inglaterra. UOL, 2019. Disponível em: <https://blogdorafaelsreis.blogosfera.uol.com.br/2019/08/19/a-historia-do-jogador-fascista-que-vitou-idolo-na-italia-e-na-inglaterra/>

narrativa à sua forma e semelhança, sem a menor chance para haver dissensos, freios, contrapesos e espaço para o contraditório.

Quem dá indicações sobre o espaço imagético para a construção do imaginário bolsonarista é a artista e curadora Giselle Beiguelman¹⁵: as redes sociais foram o principal canal institucional de Bolsonaro – e do movimento antidemocrático capitaneado por ele –, assim como o lugar usado para construir sua imagem. Foi inclusive, segundo Beiguelman, a linguagem pela qual se escreveu a história oficial do governo encerrado em 2022 – em que pesem os indícios descobertos nos últimos meses¹⁶, cada vez mais consistentes, de que um plano golpista por pouco não foi levado a cabo.

Entre os diversos signos que mostram didaticamente como a Secom teve papel ativo no projeto bolsonarista de aspirações autocráticas, alguns têm tons que beiram o literal.

Munição imagética

Um episódio simbólico da cooptação ideológica da Secom é uma publicação feita em 2021 relativa ao Dia do Agricultor, celebrado em 28 de julho¹⁷. A pasta fez uma publicação em sua conta no Twitter, cuja foto mostrava a silhueta de um homem segurando uma arma no ambiente rural. A arte continha as legendas “28 de julho – Dia do Agricultor” e “Alimentando o Brasil e o mundo”, e foi acompanhada do seguinte texto: “Hoje homenageamos os agricultores brasileiros, trabalhadores que não pararam durante a crise da Covid-19 e garantiram a comida na mesa de milhões de pessoas no Brasil e ao redor do mundo.” Em virtude do volume de críticas e questionamentos, o post foi apagado e substituído por outro sem a imagem.

15 Giselle Beiguelman é artista e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo [FAUUSP]. A docente realiza pesquisa sobre arte e ativismo na cidade em rede e as estéticas da memória na contemporaneidade. Um de seus livros é *Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera* (UBU Editora, 2021). Mais informações sobre sua trajetória em: <https://www.fau.usp.br/docente/giselle-beiguelman/>.

16 Para além dos ataques de cincho terrorista ocorridos em 8 de janeiro, diversos indícios, que passam por planos para realizar explosões em pontos diversos e estratégicos de Brasília [DF] em dezembro de 2022, assim como mensagens e documentos coletados, mostram fortes indícios de que havia um plano para uma tentativa de golpe institucional, que passava pela hipotética decretação de uma Garantia de Lei e Ordem (GLO) por parte do ex-presidente Jair Bolsonaro. Confira mais detalhes na reportagem *Cinco razões pelas quais o 'roteiro do golpe' é o puro suco de Bolsonaro*, do UOL [2023]: <https://tinyurl.com/4mzcwj7t>.

17 Secom apaga publicação de homem armado para comemorar Dia do Agricultor. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/mr5khtp6>.

Um ponto a se considerar nesse episódio é a intersecção entre pautas caras ao bolsonarismo. Para além da defesa incondicional do agronegócio como um segmento economicamente estratégico, em que pese o *lobby* do setor contra medidas para preservação ambiental, a peça apresentou, em âmbito subliminar, a defesa do armamento populacional – bandeira apoiada também por representantes do agronegócio. Essa dinâmica dialogou com a postura adotada por Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018, quando lideranças do setor recrudesceram a oposição contra Fernando Haddad (PT), derrotado no segundo turno.

Na obra *O Ovo da Serpente – Nova Direita e Bolsonarismo: Seus Bastidores, Personagens e a Chegada ao Poder*, a jornalista Consuelo Dieguez descreve como a plataforma de Bolsonaro, a despeito de não oferecer soluções para problemas existentes no campo para além da defesa apaixonada de atos violentos, agradeceu atores do agronegócio: “Bolsonaro captou a insegurança – ou o anseio de exercer poder irrefreado em suas propriedades – do setor rural, que alegava a existência de violência no campo como justificativa para se armar. O discurso do candidato, em defesa da posse de arma – ou seja, do estabelecimento de um ‘faroeste caboclo’ –, casava perfeitamente com as pautas do setor, que pregava a defesa da propriedade a qualquer custo.” (p. 243).

A imagem usada chama a atenção também por apresentar, em caráter semiótico, uma ode ao armamento populacional e a normalização da violência contra grupos considerados opositores – neste caso, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ambientalistas e povos indígenas.

Para além da perspectiva essencialmente armamentista, a imagem representa uma espécie de guerra promovida pelo cidadão de bem – o agricultor –, por meio de significantes como a defesa da propriedade e da família contra inimigos internos – o MST ou qualquer oponente rotulado como “bandido” – ou externos, como imigrantes venezuelanos ou o espantinho do comunismo¹⁸. Segundo dados do relatório *Conflitos no Campo Brasil 2021*, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), houve aumento vertiginoso na ocorrência de episódios violentos nesse contexto: houve 6.737 conflitos no campo entre 2011 e 2015, os quais envolveram mais de 3,5 milhões de pessoas. Já entre 2016 e 2021, foram registrados 10.384 conflitos, os quais atingiram cerca de 5,5 milhões de indivíduos¹⁹.

18 *O fantasma do comunismo*. Podcast Café da Manhã (Folha de S.Paulo e Spotify), 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/2ck3h6p6>.

19 *Relatório Conflitos no Campo Brasil 2021*. Comissão Pastoral da Terra, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/fhh83yjr>.

Em paralelo, as políticas de flexibilização no acesso a armas promovidas durante o governo Bolsonaro apresentam resultados alarmantes: segundo dados do Anuário de Segurança Pública, as licenças para atividades de caçadores, atiradores desportivos e colecionadores (CACs) registraram aumento de 474% até julho de 2022. A imagem em questão permite a seguinte interpretação: apoiadores de Bolsonaro estariam também simbolicamente autorizados a combater opositores pelos meios disponíveis, inclusive com o uso de armas.

Essa compreensão pode ser transportada para diversos significantes, ao legitimar apoiadores bolsonaristas de contextos diversos a fazê-lo contra opositores. Essa lógica dialoga com uma das reflexões propostas pela antropóloga, professora e pesquisadora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Letícia Cesarino no livro *O Mundo do Aveso: Verdade e Política na Era Digital*.

Tal reflexão refere-se à bifurcação amigo-inimigo, resultante do colapso de contextos entre público e privado. “O campo público da política é englobado pela lógica privada de comunidades de destino compartilhadas apenas por aqueles reconhecidos como ‘amigos’, e que são vistas como fonte de vida, do valor, da autenticidade e da verdade: o povo, a nação, a família, a igreja etc. Elas passam a ocupar o centro simbólico das sociedades antiestruturais emergentes, que autorizam práticas às margens da legalidade.” (CESARINO, 2022, p. 77).

A dicotomia reducionista e propensa à radicalização proposta por essa peça remete a um aspecto apresentado pelo filósofo Jacques Rancière em *O Espectador Emancipado*: a representação não consiste no ato de produzir uma forma visível, ao consistir no ato de dar uma compreensão equivalente àquela pode ser vista. Nesse sentido, “a imagem não é o duplo de uma coisa. É um jogo complexo de relações entre o visível e o invisível, o visível e a palavra, o dito e o não dito.” Logo, ainda de acordo com Rancière, trata-se sempre de uma alteração que se instala numa cadeia de imagens que a altera por sua vez.”

Desinformação precoce

Outro eixo simbólico para demonstrar como a Secom foi instrumentalizada para ser um órgão estratégico para o projeto antidemocrático para o governo de Jair Bolsonaro consiste na divulgação de métodos notoriamente ineficazes para combater a Covid-19.

Publicação da Secom, em 2022, com imagem personalista de Jair Bolsonaro e mensagem em tom de campanha sobre o tratamento precoce. Abaixo, governo faz propaganda do “tratamento precoce”, charlatanismo com saúde pública.

[Crédito: Reprodução / Secom]

SecomVc @secomvc · 24 de ago de 2020

Representantes de mais de 10 mil médicos estiveram em Brasília para homenagear o Presidente @jairbolsonaro. Durante a cerimônia "Brasil vencendo a Covid-19", membros do Governo e convidados defenderam o uso da hidroxicloroquina no tratamento precoce contra o coronavírus.

///////

“ APRENDI NO MEIO MILITAR QUE PIOR QUE UMA DECISÃO MAL TOMADA É UMA INDECISÃO. VOCÊS, MÉDICOS, SALVARAM MILHARES DE VIDAS PELO BRASIL. SE A HIDROXICLOROQUINA NÃO TIVESSE SIDO POLITIZADA, MUITO MAIS VIDAS PODERIAM TER SIDO SALVAS DESTAS 115 MIL QUE O PAÍS CHEGOU NESSE MOMENTO ”

Presidente Jair Bolsonaro, em encontro com representantes de mais de 10 mil médicos no Encontro Brasil vencendo a Covid-19



Jair M. Bolsonaro

gov.br Órgãos do Governo Acesso à Informação Legislação Acessibilidade PT

Serviços e Informações do Brasil

O que você procura?

Notícias > Saúde > 2020 > 08 > Tratamento precoce contra Covid-19 é defendido por médicos para aumentar chance de cura

COMBATE CORONAVÍRUS

Tratamento precoce contra Covid-19 é defendido por médicos para aumentar chance de cura

Profissionais de saúde participaram de evento no Palácio do Planalto com Presidente Jair Bolsonaro

Publicado em 24/08/2020 19h05 | Atualizado em 30/01/2023 10h07

Compartilhe: f t w



Apesar de estudos feitos mostrarem, ainda em 2020, indícios consistentes de que a hidroxicloroquina e a cloroquina eram ineficazes no combate à Covid-19²⁰, a perspectiva adotada pelo governo federal foi veemente e politicamente negacionista, ao aderir à hipótese da imunidade de rebanho²¹ para incentivar a população a infectar-se com o vírus Sars-CoV-2. Para tanto, o uso de medicamentos ineficazes teria espaço de destaque, pois funcionaria como um mecanismo para incentivar pessoas a circularem livremente. Em outro extremo, o então presidente promoveu uma campanha contrária ao uso de máscaras²². Todavia, essa linha de atuação já era antagônica à abordagem da OMS: ainda em 2020, o órgão suspendera testes com hidroxicloroquina em virtude de riscos superiores aos supostos efeitos benéficos dos medicamentos²³, além de descartar a estratégia da imunidade de rebanho como plausível no enfrentamento à pandemia²⁴.

Para funcionar à forma e semelhança do projeto de poder, a Secom realizou publicações em contextos e formatos diversos para defender o uso de remédios ineficazes – à época, o conjunto de tais medicamentos foi chamado de tratamento precoce. Uma delas, de agosto de 2020²⁵, continha escolha estética que promovia o culto à personalidade com o uso de estrutura governamental. A imagem apresentava o tom de uma campanha eleitoral, com imagem institucional de Jair Bolsonaro destaque para uma frase dita por ele para defender o uso do chamado tratamento precoce.

Em outro material veiculado pela Secom, no site oficial do governo, consistiu em texto²⁶ com teor institucional e pressupostamente informativo segundo o qual profissionais da saúde defendiam o método ineficaz em questão para o tratamento de pessoas acometidas pela doença. A imagem escolhida para

20 *Hidroxicloroquina é ineficaz para covid-19, diz maior estudo brasileiro. VivaBem UOL*, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/yjd3ra7f>.

21 *Bolsonaro ignora vacina e apagão de dados ao defender imunidade de rebanho. UOL Confere*, 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/2sb3vab4>.

22 *Bolsonaro volta a defender desobrigação de máscara para vacinados, mas diz que decisão será de governadores. G1*, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/3w46hjja>.

23 *OMS suspende teste com hidroxicloroquina em tratamentos contra coronavírus. UOL*, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n7fcjjz>.

24 *OMS suspende teste com hidroxicloroquina em tratamentos contra coronavírus. UOL*, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/5n7fcjjz>.

25 *Secom. TWITTER*, 2020. Disponível em: <https://twitter.com/secomvc/status/1297994620299874304>.

26 *Tratamento precoce contra Covid-19 é defendido por médicos para aumentar chance de cura. Secom*, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/7xw6pmpn>.

ilustrá-lo mostrava um profissional da área médica usando uma máscara com mensagem em favor do tratamento precoce.

Para reforçar a perspectiva sobre o falseamento da realidade por parte do governo Bolsonaro, Patrícia Campos Mello destacou como o acesso a informações fidedignas e o trabalho da imprensa tornaram-se, ao lado da transparência, alvos preferenciais em detrimento de seu projeto político. Um exemplo foi a edição de uma medida provisória para fragilizar o funcionamento e a existência da Lei de Acesso à Informação (LAI). Como a jornalista exemplifica, “a medida suspendia o prazo que os agentes públicos têm para responder aos pedidos de informação, usando a epidemia como justificativa.

Mas foi derrubada por um ministro do Supremo Tribunal Federal.”²⁷



Ainda dentro da lógica exposta por Patrícia Campos Mello, qualquer tentativa revisionista para falsear a realidade perdeu efetividade diante de fatos que vieram à tona no fim de julho de 2023. De acordo com reportagem da *Folha de S.Paulo*²⁸, mais de mil relatórios produzidos por órgãos de inteligência do Governo Federal entre março de 2020 e julho de 2021 demonstraram a utilidade do isolamento social da vacinação em massa para combater a disseminação e os efeitos da Covid-19, além de terem desaconselhado o uso de cloroquina e ressaltado o risco de colapso nas redes de saúde e funerária do país. Todavia, Bolsonaro ignorou todas essas evidências e adotou postura antagônica a medidas notoriamente eficazes no enfrentamento à pandemia. Como se não bastasse, Bolsonaro e atores políticos imediatamente próximos a ele escolheram, deliberadamente, por atacar evidências científicas, assim como seus autores, e veículos de imprensa para manter a narrativa defendida por seu governo. Além disso, esses mesmos atores passaram a ser considerados como inimigos do governo e, dentro da lógica bolsonarista, traidores da pátria.

A partir do uso do *dog whistle* pelo bolsonarismo à revelia da realidade, e ao dialogar com a perspectiva apresentada por Letícia Cesarino, pode-se considerar que uma determinada publicação será interpretada de um modo pela imprensa e por demais setores relacionados à opinião pública, ao passo que seus seguidores farão outro tipo de leitura. Para Cesarino, “em seus extremos,

27 CAMPOS MELLO, Patrícia. *A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter Sobre Fake News e Violência Digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Páginas 245-6.

28 Planalto sob Bolsonaro escondeu projeções de casos e mortes na pandemia. *Folha de S.Paulo*, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/07/planalto-sob-bolsonaro-escondeu-projecoes-de-casos-e-mortes-na-pandemia.shtml>.

essa diferença de sentido se manifesta como mimese inversa”²⁹, além de que “o presidente tem plena consciência de que suas falas serão recebidas de modos diferentes por diferentes segmentos”, ao manter “sempre ambiguidade suficiente para permitir manobras de negabilidade plausível.”

Um exemplo é o incidente ocorrido em 2021 no qual Filipe Martins, à época assessor especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República, fez um gesto supremacista durante uma sessão realizada no Senado em março do mesmo ano. O gesto em questão remetia à sigla *White Power* (*Poder Branco*, em tradução livre do inglês)³⁰.

Apesar de a Secom ter sido um núcleo com papel estratégico para o projeto de poder antidemocrático de Bolsonaro, pode-se dizer que, por ora, a perspectiva revisionista adotada dentro desse contexto não foi adiante. Em abril de 2021, a Justiça Federal de São Paulo proibira a Secom de fazer publicações e campanhas defendendo o chamado tratamento precoce³¹ e determinado que influenciadores contratados para divulgar tal método³² se retratassem à época.

A PROPAGANDA E A COMUNICAÇÃO BOLSONARISTA TRAZEM INTRINSECAMENTE MENSAGENS QUE INDIRETA E SUBJETIVAMENTE EVOCAM O NAZIFASCISMO, E ISSO FAZ PARTE DE ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM AQUILO QUE DEVE OU NÃO SER EXPLICADO.



29 De acordo com Letícia Cesarino, o conceito de mimese inversa promove a divisão do mundo em dois lados antagônicos, dentro da dinâmica amigo-inimigo. No caso, de acordo com a antropóloga, “o inimigo é representado com a mesma forma, mas conteúdo invertido” (explicação disponível em <https://twitter.com/letcesar/status/1524071215027134464>). Essa lógica pode, em última análise, normalizar a desumanização de quem estiver do lado oposto.

30 MPF denuncia Filipe Martins, assessor de Bolsonaro, por gesto racista em sessão do Senado. G1, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/yc224wtp>.

31 Juíza proíbe governo de fazer propaganda de kit covid e tratamento precoce. Poder 360. Disponível em: <https://tinyurl.com/zd7e5swv>.

32 Influenciadores digitais receberam R\$ 23 mil do governo Bolsonaro para propagandear “atendimento precoce” contra Covid-19. Agência Pública, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2ybhhyf>.

Filipe Martins realiza gesto supremacista no qual emula a sigla WP.

[Crédito: reprodução / TV Senado]



Mike Godwin responde à internauta: Is it ok to call Bolsonaro a nazi?

[Crédito: Twitter (@sfmemonic), 2018, reproduzido em BOL]



Outro evento consiste em veemente tentativa de revisionismo histórico com uso de aparato estatal. Em maio de 2020, a Secom havia feito publicação em homenagem a Major Curió, torturador durante a Ditadura Civil-Militar. Em 12 de junho de 2023, a mesma pasta, agora livre da tentativa de aparelhamento estatal à qual havia sido submetida, publicou uma nota em cumprimento a uma decisão judicial como direito de resposta a esse mesmo conteúdo.³³

E aí? Pode ou não pode dar o devido nome aos bois?

Como Bolsonaro conseguiu cooptar jovens para seu regime de claros sinais nazifastistas? Adaptando-se ao gosto juvenil, o exército digital de Bolsonaro lançou, no YouTube, a estética BolsoWave: vídeos da juventude de Bolsonaro e da Ditadura Civil-Militar, embalados em uma estranha melodia lo-fi/vaporwave mixadas com falas polêmicas do presidente. São esses vídeos que ajudam a criar na juventude da extrema-direita um leitmotiv para que se mobilizem dentro dessa estética militarista e neonazista (TEODORO, 2020). O termo *leitmotiv* significa motivo condutor, um tema musical que está atrelado a uma ideia, personagem ou regime específico. Quem popularizou essa técnica foi ele mesmo, Richard Wagner, o compositor citado anteriormente.

Segundo o historiador e professor da UFRJ Michel Gherman, autor do livro *O Não Judeu Judeu: A Tentativa de Colonização do Judaísmo pelo Bolsonarismo*, deve-se “localizar os crimes produzidos pelo bolsonarismo e a partir desses crimes educar a população sobre o que efetivamente aconteceu”, como feito pela Alemanha no pós-guerra (GHERMAN, 2022). O historiador também reforça que o fenômeno de normalização de discursos extremistas, genocidas e racistas – que dialogam diretamente com a simbologia nazista –, é um dos principais responsáveis pela ascensão de Bolsonaro ao poder.

Em 1990, um jurista judeu criou a lei que busca impedir a banalização e o uso impróprio do termo ‘nazista’ ou comparações entre figuras centrais de uma discussão e Adolf Hitler – principalmente dentro dos ambientes vir-

33 Secom publica direito de resposta a postagem da gestão Bolsonaro que ofendia vítimas do torturador Major Curió. Secom, 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/mnttjvjb>.

tuais. De acordo com Mike Godwin³⁴, “à medida que uma discussão online se alonga, a probabilidade de surgir uma comparação envolvendo Hitler ou os nazistas tende a 100%”. Portanto, a Lei de Godwin é evocada nos momentos em que uma comparação com os regimes totalitários de extrema-direita é inevitável, encerrando a discussão e deixando claro que não, não estamos falando de nazismo aqui.

Ao afirmar que Jair Bolsonaro é nazista, Mike Godwin e Michel Gherman validam que todas as “má-interpretações” e “infelizes coincidências” na verdade são uma estratégia muito bem traçada e delimitada. A propaganda e a comunicação bolsonarista trazem intrinsecamente mensagens que indireta e subjetivamente evocam o nazifascismo, e isso faz parte da estratégia de convivência com aquilo que deve ou não ser explicitado. O exército de agitprop bolsonarista aprendeu a interpretar os sinais nazifascistas que estão explícitos ou implícitos na propaganda e mantém o compromisso de defendê-los a todo custo, mesmo que camuflados – como militares na selva do ódio.

34 Ao posicionar-se contrariamente às propostas do então candidato à presidência da República Jair Messias Bolsonaro, Godwin uniu-se à onda de manifestações com a hashtag #EleNão que tomou conta das redes sociais em meados de 2018. Além disso, também escreveu o seguinte o tweet: “Eu adicionei #EleNão ao meu Twitter em solidariedade à democracia brasileira. [Obrigado pelo #MarcoCivil!]”, em elogio à legislação aprovada no governo Dilma Rousseff, que garante liberdade de expressão e neutralidade na rede.” Disponível em: <https://twitter.com/sfmnemonic/status/1052528677421019138>

Inimigos e os dois Messias na pintura de Lucy Billhardt

Maria Luiza Meneses

Gênesis: de bailarina soviética a artista bolsonarista

O bolsonarismo, como todo movimento de inspiração fascista, tem como um dos modos de estabelecer vínculos afetivos entre o líder e seus seguidores o desenvolvimento de recursos estéticos que possam conectar ações, discursos e valores, auxiliando na fixação do imaginário e difusão de ideias do movimento. A relação entre o que se vê e o que se recorda é baseada em ideologias e afetos. Dentro da classe artística, historicamente surgem produções que apoiam sutil ou explicitamente governos e ideologias autoritárias, porém as obras criadas em apoio ao bolsonarismo, considerando a história política brasileira, tem especial destaque considerando os recursos visuais e discursivos eleitos pelos artistas. É o caso de Lucimary Billhardt, pintora emblemática da “estética bolsonarista”.

Muito discreta, são poucas as informações disponíveis sobre ela na internet. Sabe-se que foi bailarina durante muitos anos, tendo estudado na antiga União Soviética, onde conta ter adoecido ao tentarem convertê-la ao “comunismo”. Muda, em seguida, para a Itália, e depois França e Estados Unidos, onde lecionou balé. Nascida no Amazonas, vive no Rio de Janeiro desde que voltou ao Brasil em 2018, ano em que começa a se dedicar a pintar figuras da direita brasileira, por considerar que poucas pessoas se empenhavam neste ofício. Autointitulada artista do “cânone de direita”, Lucy publica diariamente suas pinturas digitais no Instagram e Twitter, e atua com menor frequência no Truth Social¹ e Telegram. Suas publicações são comentadas em geral por seguidores

1 A rede social foi criada pelo Trump Media & Technology Group em fevereiro de 2022, um ano após Donald Trump ter suas contas excluídas no Facebook e Twitter. O grupo tem como principal objetivo manter uma rede social “livre de censura”, situação que dizem ser frequente nas demais redes. Sobre o assunto, ver: “Google aprova que rede Truth Social de Donald Trump apareça na Play Store” – Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/12/google-aprova-que-rede-truth-social-de-donald-trump-apareca-na-play-store.ghtml>

de suas redes, que possuem a mesma linha ideológica e dizem admirar os trabalhos dela. Mas, em momentos de destaque na política nacional é comum o aumento de comentários críticos e irônicos escritos por pessoas de pólo político oposto. Frequentemente seus trabalhos são compartilhados por páginas de esquerda que apresentam suas produções com tom cômico, destacando desde a técnica até as escolhas estéticas, a composição, personagens e elementos visuais. Para além da troca esquerdista ou de artistas profissionais², seu perfil no Instagram tem menos de dois mil seguidores, apesar de algumas das suas obras já terem sido comentadas e até recebidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto³. Uma de suas pinturas em tela foi amplamente conhecida por ter aparecido em uma das lives semanais do ex-presidente, dando maior visibilidade à pintora.

Sua atuação se dá fortemente nas redes sociais, especialmente no Instagram, que no dia 11 de julho de 2023 contava com 1942 publicações, mas apenas 1940 seguidores. Poucas são as publicações sem comentários e sua interação é considerável, escrevendo legendas em primeira pessoa com suas opiniões políticas, publicando as etapas dos processos artísticos e as obras finais. Em 8 de março de 2023, declarou sua saída do Instagram uma vez que “o mundo não quer mais os que interferem com a liberdade” e comunicou que teria entrado para o “Truth Social do Trump” e que continuaria no “Twitter do Elon”.

A postagem foi acompanhada de uma ilustração digital com dois retratos de Lula, um chorando e outro raivoso, separados por um muro de pedras flamejantes. O Lula do primeiro plano usa terno e gravata, tem traços faciais distorcidos, orelhas grandes, feição entre a raiva e o espanto, olhos arregalados e vermelhos, a boca entreaberta. No segundo plano, Lula usa uma camisa vermelha, mas desta vez sua face aparece embargada, com lágrimas e linhas expressivas

2 Sobre a repercussão de Lucimary em meio à esquerda, ver “As obras dessa artista nos fizeram chorar de rir”, canal Galãs Feios. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ljq6jaV77tA> Acesso em 11 de julho de 2023.; “Artista bolsominion foge do Brasil e põe culpa em Bolsonaro”, canal Galãs Feios. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTkPZpE-4n4> Acesso em 11 de julho de 2023.; “Recordar para Esquecer: Tio Virso comenta a obra de Lucimary Billhardt”, canal do Tio Virso, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MsKLVSe7ch8> Acesso em 11 de julho de 2023.

3 Sobre o assunto, ver: “Planalto usou avião da FAB para transportar pintura de Bolsonaro” – Jornal Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/planalto-usou-aviao-da-fab-para-transportar-pintura-de-bolsonaro>

Publicações de
Lucimary Billhardt,
nas datas de 8 e 10
de março de 2023,
respectivamente,
anunciando sua saída
e permanência na rede
social Instagram.
(Crédito: Lucimary
Billhardt/Reprodução)



71 likes

lucimarybillhardt Dia 14 de Março não mais estarei aqui, a Meta está terminando, o mundo não quer mais os q interferem com a liberdade! Estou no Truth social do Trump! Estou no Twitter do Elon! Continuo na luta para um mundo melhor! Não apoio este grupo Meta!

[View all 9 comments](#)



48 likes

lucimarybillhardt Meus queridos, depois de ter recebido tantos pedidos para não sair o insta, reconsiderarei e vou ficar, os ataques não era a razão, mas darei mais 1 ano pra ver se alguma mudança venha da parte da Meta! Mesmo assim estou no Twitter, truth social e telegram! Lucyborn23! Obrigada pelo carinho de todos!

[View all 17 comments](#)

tensas. Ao seu lado, a falecida ex-primeira-dama. Marisa Letícia Lula da Silva aparece vestida de vermelho, sorrindo e olhando para ele, com um escorpião no ombro esquerdo – curiosamente com uma faixa ilegível sobre o ferrão. Entre ela e o presidente, há um animal peçonhento com chifres, uma mistura entre serpente e morcego. Atrás do casal, Gleisi Hoffmann aparece chorando, com expressões parecidas com a de Lula, também vestindo vermelho e com uma inscrição em rosa no peito, em formato de coração. Ao fundo da cena, a paisagem mostra um castelo sombrio, em tons vermelhos e pretos, com traços pontiagudos e uma lua escondida, em estilo Transilvânia.

Todo o terror da imagem obscura, acompanha a mensagem de anúncio de saída da artista do Instagram, onde se sente perseguida. A escolha por esta imagem, neste contexto, parece nos transportar para os pesadelos profundos de Lucy (e do pânico que abate parcela do bolsonarismo), ao reunir a presidente do Partido dos Trabalhadores, a ex-primeira-dama que acompanhou Lula duas vezes na subida ao Palácio do Planalto e duas vezes Lula, reeleito pela terceira vez no momento da postagem. A publicação indica o dia 14 de março como o último da artista no Instagram.

No entanto, dois dias depois da postagem apocalíptica, quatro dias antes do Juízo Final de Lucy na principal rede social, uma publicação com a ilustração de Bolsonaro (Imagem 1) esboçando uma tentativa de sorriso anuncia que a artista reconsiderou a saída e permanecerá na rede. A mudança de ideia se deu com o clamor de seus fãs e apoiadores. A imagem de Bolsonaro vestindo terno preto, camisa branca e gravata azul, com os olhos igualmente azuis e chamativos, numa tentativa de esboçar simpatia com um sorriso estampado, funciona como um sopro de esperança. A diferença técnica do desenho e a textura visível na pintura são fortes indícios de tratar-se de pintura sobre papel, ao contrário da maioria dos trabalhos digitais. Esta escolha pode indicar a relevância especial desta obra, uma vez que depois de ter adotado a técnica digital, poucas vezes Lucy fez pinturas sobre papel, tela ou papelão – pelo menos entre os trabalhos publicados nas mídias.

A representação monstruosa do inimigo político

Do conjunto de centenas de obras de Lucy publicadas na rede, é possível classificá-las ao menos em seis categorias: 1) representações de Jesus Cristo;

2) retratos de Jair Bolsonaro; 3) retratos de aliados políticos do bolsonarismo; 4) representações de inimigos políticos 5) celebridades e, por fim 6) a reprodução de obras canônicas da história da arte europeia. Entre estas, causam especial impacto as quatro primeiras, por motivos distintos, mas em geral relacionados aos objetivos políticos de suas pinturas: incentivar e criar recursos visuais para fortalecer as narrativas messiânicas e maniqueístas do bolsonarismo no Brasil. Nota-se que, das quatro categorias destacadas, três fazem apoio direto a Bolsonaro, seus aliados e ao cristianismo, enquanto apenas a última diz respeito aos inimigos. Porém, é notável também que o “inimigo” para o bolsonarismo é uma categoria diabólica e literal. Ao deixar de ser aliado, torna-se imediatamente inimigo satanizado, percepção polarizada e simplista do campo político que causa confusão no discurso e atuação dos seguidores do ex-presidente.

Os recursos visuais escolhidos pela artista para representar inimigos, desde as cores sombrias, passando pelos traços faciais distorcidos e a presença de animais peçonhentos, caracterizam um modo de atuação que flerta com a invenção do inimigo ao torná-lo repugnante. A técnica e método de representação que usa são inspiradas em clássicas representações animais de bestas infernais e do Juízo Final, como nas obras de Hieronymus Bosch ou Fra Angélico (artistas da baixa Idade Média, século XV).

A aversão estética torna-se repulsa moral, afinal é incabível que tal acúmulo de características ora assustadoras, ora nojentas, ou os dois, possa resultar em algo positivo, benéfico, agradável, seguro, construtivo para a nação, para o cidadão de bem e para os valores cristãos. O caráter binário e polarizado fica explícito na imagem publicada por Lucy na véspera do segundo turno das eleições presidenciais de 2022. A ilustração (Imagem 2) apresenta o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva “(...) visivelmente alcoolizado, portando uma garrafa de cachaça transfigurada em “mamadeira de piroca”, acompanhado de um escorpião com o rosto da falecida ex-primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva e um emoji do Diabo.”⁴ (MENESES, 2022, p. 86). O estado de terror necessário para a criação de um contexto em que a população passe a suplicar por um líder, passa, historicamente, pela invenção de um inimigo interno que torna constante e latente a sensação de perigo iminente dentro de uma sociedade.

4 Análise completa pode ser vista em MENESES, Maria Luiza. O inimigo político nas obras de Lucimary Billhardt. In Pedro Fiori Arantes [org], et al. Guerras culturais em verde e amarelo. São Paulo, 2022, p. 85 – 90. Disponível em <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/66086>. Acesso em 11 de julho de 2023.

Especialistas neste tipo de representação foram os ideólogos nazistas e a difusão ficou por conta dos comunicadores e artistas do III Reich nazista, que ao criarem caricaturas repugnantes de judeus, vincularam a estética distorcida, com grandes narizes e corpos desproporcionais, com traços morais e psicológicos depravados, caracterizando-o como seres inferiores, gananciosos, de índole

O MODO COMO LUCY RETRATA OS INIMIGOS POLÍTICOS TÊM FORTE INSPIRAÇÃO NA PROPAGANDA NAZIFASCISTA.

O APELO DEPRECIATIVO NAS CAMPANHAS DA EXTREMA-DIREITA É VISIVELMENTE MAIS AGRESSIVO DO QUE AQUELES ENCONTRADOS EM QUALQUER OUTRO CAMPO POLÍTICO.

duvidosa, pervertidos. Um exemplo do uso deste recurso em cartazes nazistas está em análise feita por Thaynara Tanganelli Oliveira, ao afirmar que:

Ainda em 1936, podemos observar cartazes de propaganda Nazista que misturam os dois polos transmitindo uma mensagem bem clara: não compre de judeus, que são um povo mercenário, sujo e perverso, mas compre de alemães, arianos que vendem a preço justo e com qualidade. (OLIVEIRA, 2023, p. 42)

A pesquisadora torna evidente que além de um recurso frequente, a propaganda negativa contra judeus tem como resultado tanto impactos políticos como objetivos econômicos, valores transmitidos através da cultura estabelecida no regime nazista. Em outras palavras, a propaganda nazista foi um recurso que afetava o próprio modo de construção da identidade nacional, uma vez que estava imbricado no modo como as pessoas passavam a perceber política, economia e sociedade, identificando umas às outras em grupos sociais “legítimos” e “não legítimos”.

Como o “ovo da serpente”⁵, alegoria já adotada por Shakespeare na peça Macbeth⁶ para a necessidade de sua destruição antes da eclosão, o nazismo

⁵ Sobre a incorporação nazista na sociedade alemã, ver filme “O ovo da serpente” (1977), dirigido por Ingmar Bergman. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MOWqyFnN-siE&t=4s> Acesso em 11 de julho de 2023.

⁶ No Ato IV, Cena I, quando as Três Bruxas estão conjurando seus feitiços, uma delas menciona “ovo de serpente de dente de víbora”. Embora a frase não seja usada da mesma maneira que usamos a metáfora “ovo da serpente” para se referir ao nazifascismo, o feitiço, premonitivamente, já envolve referência aos judeus: um “figado de blasfemando judeu” é jogado no caldeirão do feitiço das Três Bruxas.



Ilustração representando o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva publicada por Lucy na véspera do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

(Crédito: Lucimary Billhardt / Reprodução)

e suas práticas tiveram substrato não apenas para desenvolver e demarcar seu espaço na história do mundo, como fez herdeiros de sua miséria no ninho peçonhento da política contemporânea. Os rastros de seu rastejo se fazem presentes na performance bolsonarista, desde ilustrações como feitas por Lucy e outros artistas, passando pelas fake news e tentativas de sabotagem eleitoral.

O pesquisador Felipe Borba utiliza o conceito de propaganda negativa para definir o tipo de estratégia utilizada por ambos os lados dos polos políticos, à esquerda e à direita, desde as eleições de 2010. No entanto, é evidente que o tipo de pânico moral gerado desde as eleições presidenciais de 2018 tem como característica principal o absurdo, como no caso das “mamadeiras de piroca” que foram associadas ao então candidato e atual Ministro da Economia, Fernando Haddad.

Assim como no Reich, o modo como Lucy retrata os inimigos políticos têm forte inspiração na propaganda nazifascista. A maneira como este recurso é utilizado pela esquerda seria um outro estudo e indícios podem ser encontrados nos artigos de Felipe Borba, mas de saída é possível afirmar que o apelo depreciativo visto nas campanhas da extrema-direita são visivelmente mais agressivos do que aqueles encontrados em qualquer outro campo do espectro político, da direita à esquerda, passando pelo centro e variações.

Do Cristo Messias ao Messias Bolsonaro: alegorias do salvador

Seguindo os ensinamentos polarizantes da extrema-direita, do bolsonarismo e de Lucy, após comentar a criação demoníaca do inimigo político, tomaremos como campo de análise as pinturas de Jesus Cristo e Bolsonaro, os dois Messias e seus espelhamentos. Uma passada desatenta pelo perfil de Lucimary em qualquer uma de suas redes, evidencia a admiração que a artista tem por Jesus, reforçado pelo seu relato de que Ele é seu “exemplo de vida” em entrevista a Marie Declercq⁷. A fé não será discutida aqui. O que colocaremos em debate são os modos de representação da figura religiosa e seus significados possíveis.

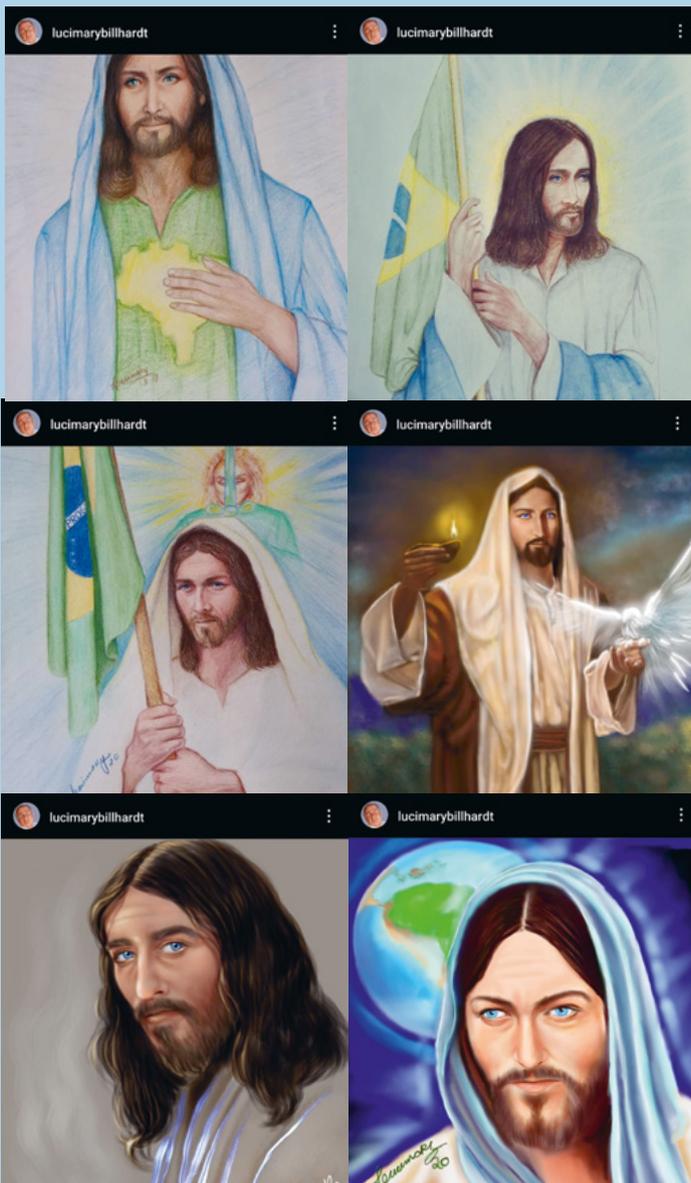
⁷ Ver: “Arte de direita – ‘Conservadora, realista e com toque espiritual’: quem é Lucimary Billhardt, pintora que retrata figuras da direita brasileira”. Disponível em: https://tab.uol.com.br/stories/arte-de-direita/?utm_source=twitter&utm_medium=social-media&utm_content=geral&utm_campaign=uol. Acesso em 11 de julho de 2023.

Um homem branco, com traços faciais bem definidos, cabelos ora loiros, ora platinados, muitas vezes castanhos e olhos azuis vibrantes, devolve intensamente o olhar para o observador. Se não fosse pela variação das cores de cabelo, esta seria facilmente a descrição de diversas imagens de Jesus Cristo encontradas em representações católicas, uma vez que evangélicos se posicionam contra o culto de imagens. Normalmente, apenas o rosto de Cristo bastaria para que sua imagem fosse colocada em um lar católico, além de reproduções de pinturas clássicas como *A última ceia*, de Leonardo da Vinci, que inundam os lares brasileiros. Com exceção das obras de arte e dos folhetos informativos de Testemunhas de Jeová, menos usuais são as representações de Jesus Cristo exercendo atividades ou apresentado em cenas que o coloquem em situações e contextos em que o corpo inteiro e sua gestualidade se façam presentes.

Em geral, o retrato é a forma representativa mais comum. As imagens mais comuns sobre Cristo apresentam um homem loiro, com olhar sereno e apaziguador, uma figura criada para gerar a sensação de paz, acolhimento e acalanto. Tais sensações podem ser encontradas nas primeiras ilustrações de Lucy, publicadas em seu perfil no ano de 2020. Em algumas imagens, Jesus já aparece carregando símbolos nacionais, ora com as mãos, no caso da bandeira, ora sobre o peito, no caso da silhueta do mapa do país. Na maioria das pinturas e desenhos feitos sobre papel ou papelão, Jesus não encara o espectador e a cor geral é um azul céu. Os fundos aparecem abstratos, sendo a tonalidade geral das pinturas os tons pastéis, com exceção da única pintura digital, na qual o fundo é composto por um azul intenso e claro, em tom próximo àquele aplicado para os olhos de Cristo. Em uma das imagens, enquanto Jesus apresenta o rosto mais firme e compenetrado do conjunto, mas ainda sereno, atrás dele há uma figura resplandecente, irradiando luz e segurando uma espada, em gestualidade parecida com a de Cristo ao segurar o mastro da bandeira brasileira logo à frente. Veremos à frente que em diversas pinturas o Jesus de Lucimary aparece em representação bélica, seja ao portar espada ou segurar a bandeira nacional como uma arma de guerra, seja ao receber continência do ex-presidente Bolsonaro, até mesmo pelo tom discursivo das legendas que a artista relaciona às imagens, e, por fim, à mudança no olhar. Na imagem em que Jesus veste uma camisa verde com o mapa brasileiro em amarelo, sua mão pousa sobre o peito, enquanto em outra um passarinho pousa em seus dedos.

As primeiras representações de Jesus Cristo presentes no Instagram da artista.

(Crédito: Lucimary Billhardt / Reprodução)



Após a adesão da artista à técnica digital, além de produzir mais rápido e publicar com maior frequência, nota-se que suas obras ganharam mais e novos elementos. No conjunto seguinte (Imagem 4), as representações de Cristo aparecem com traços mais definidos, com iluminação e brilho sobre cabelo e face mais bem trabalhados, e primeiro aumento na expressividade, todas com a coloração principal em azul acinzentado, em temperatura fria. Aparecem as primeiras representações de corpo inteiro. No desenho feito à mão, em que Cristo segura uma vela e uma balança, os tons pastéis são acompanhados pelo baixo contraste, enquanto na pintura digital a mesma gestualidade é utilizada para segurar a vela e o Espírito Santo, utilizando panejamento mais elaborado, em composição com tons terrosos e pastéis, porém maior contraste e melhor uso de luz e sombra. Apesar de mais expressivo

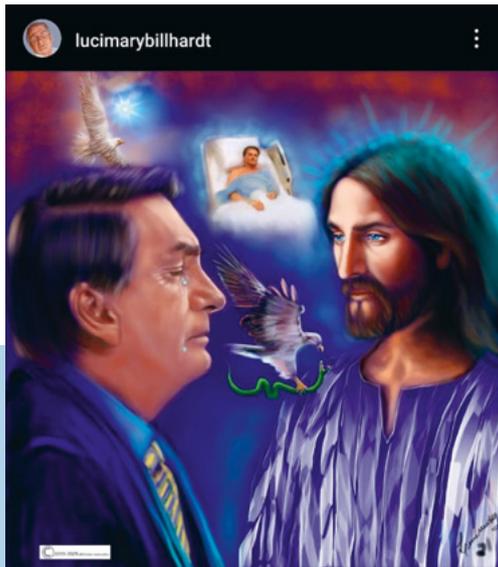
que o conjunto anterior, a serenidade de Cristo ainda se faz presente, com certa distinção na imagem onde seu rosto aparece à frente do planeta Terra, mais especificamente sobre o Brasil. Nesta imagem, seus olhos aparecem mais acirrados e levemente estrábicos.

São diversas e polissêmicas as representações de Jesus do cristianismo nas pinturas da artista, desde aquelas onde Cristo aparece patriota carregando a bandeira do Brasil, passando por suas aparições celestiais sobre o Palácio da Alvorada, outras em que Jesus não aparece, mas sim anjos, o Espírito Santo e mãos mágicas a curar, abençoar, guiar e proteger Bolsonaro, até animais orando.

Em muitas pinturas de Lucy, Jesus Cristo aparece face a face com Bolsonaro, orientando-o, guiando e acolhendo suas lágrimas. Em outras, aparece armado, ora com a bandeira nacional, ora com espadas reluzentes (o que é uma representação incomum de Jesus na História da Arte). Vejamos imagens em que ambos os Messias são representados.

**O JESUS DE LUCIMARY
EM REPRESENTAÇÃO
BÉLICA: AO PORTAR ESPADA
OU SEGURAR A BANDEIRA
NACIONAL COMO UMA ARMA,
AO RECEBER
CONTINÊNCIA DE
BOLSONARO, NO
TOM DISCURSIVO
DAS LEGENDAS E,
POR FIM, NA MUDANÇA
EM SEU OLHAR.**





Cristo salva milagrosamente o Messias brasileiro após a facada, confirmando-o como predestinado.
(Crédito: Lucimary Billhardt / Reprodução)

A primeira delas mostra Bolsonaro em prantos de frente com Jesus Cristo. Entre eles, uma águia americana carrega uma serpente para longe de Bolsonaro. Ao fundo, o Espírito Santo voa em direção ao leito em que Bolsonaro aparece internado, possivelmente em decorrência da facada supostamente ocorrida em 2018. A presença destes elementos reforça a ideia de que seria o Jair abençoado e acompanhado pela Santíssima Trindade, estando Deus presente através da luz, como no foco brilhante ao fundo da imagem, atrás do Espírito Santo. Toda a cena acontece sobre brumas azuis e roxas. Noutra imagem do conjunto, aparece em primeiro plano Jair Bolsonaro deitado, sem camisa, internado e com o ferimento da facada à mostra. Mãos luminosas estariam a tocar seu abdômen a fim de auxiliar na recuperação do Messias, confirmada com a presença do Espírito Santo ao fundo, surgindo em meio à luz e às brumas. Estaríamos diante de um milagre, a ressuscitação do Messias brasileiro.

Depois de salvo da morte, a narrativa de Lucy para a aliança entre os dois messias segue em sua preparação para tornar-se apto a agir, como escolhido. Numa das cenas, Bolsonaro reza e medita observado por Cristo, em um jardim ao nascer do sol, que desponta na montanha ao fundo. Explica Lucy na legenda da imagem: “aquele que foi o escolhido para missão difícil, tem a retaguarda perfeita [Cristo]”. Noutra cena, o eleito aponta o dedo indicador para o céu, em direção a Cristo, que segura o globo (e o Brasil) em suas mãos. A luz já é de pôr do sol, estrelas aparecem, Bolsonaro de terno e gravata, pronto para assumir a presidência, está em paisagem árida, de caatinga, cercado por cactos e espinhos. Literalmente: “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”. E que venha a batalha!

Nas duas últimas pinturas, vemos Bolsonaro já com a faixa presidencial batendo continência para Cristo, Senhor dos Exércitos e orientador do Messias capitão no seu cumprimento da missão de governar o Brasil. Cristo o olha nos olhos, e Bolsonaro mira o horizonte, o futuro do país, como fiel cumpridor das ordens divinas. A hierarquia aqui é evidente. O Messias brasileiro é apenas um instrumento da ação do Senhor nessas terras. Na imagem seguinte o cenário é Brasília. Bolsonaro reza, em primeiro plano, ajoelhado em plena Praça dos Três Poderes. Atrás dele está a estátua A Justiça, obra de Alfredo Ceschiatti. Ambos são observados por Cristo, ambos querem a justiça. Ao fun-

**Bolsonaro ora e medita acompanhado de Cristo
e se diz pronto para a batalha.**

(Crédito: Lucimary Billhardt / Reprodução)



do o Palácio da Justiça, sede do Supremo Tribunal Federal, considerado pelos bolsonaristas o bastião da oposição e que foi barbaramente depredado na invasão de 8 de janeiro.

O conjunto de obras de Lucy com os dois Messias é extenso, fizemos aqui um recorte narrativo, do milagre da salvação após a facada, sua preparação para assumir as responsabilidades como presidente e perante Deus, sua obediência ao comando do Senhor e sua luta em praça pública pela justiça no Brasil. Um desavisado acreditaria que o Brasil se tornou uma teocracia, um país governado por fundamentalismo cristão.

Conclusão

As obras de Lucy faziam parte da decoração do Palácio da Alvorada habitado então por Bolsonaro. São conhecidas as cenas das obras das mais estarrecedoras sendo embrulhadas e transportadas com sua saída da presidência. Alguns daqueles objetos podem apenas ser caracterizados como toscas e de mau gosto. Mas as obras de Lucy vão além dessa classificação, porque elas revelam ao seu modo a que pode ser chamado de “estética bolsonarista”.

A estética bolsonarista se constrói a partir e através dos referenciais cristãos em composições e narrativas maniqueístas e de inspiração “cristofascista” - termo criado pela teóloga alemã Dorothee Solle.⁸ Dorothee descreve o fenômeno a partir da compreensão de que as relações do partido nazista com as igrejas cristãs na Alemanha contribuíram para o Terceiro Reich e o Holocausto. Em diálogo com ela, Carolyn Baker escreveu um importante livro (*Confronting Christofascisms*) sobre as influências tóxicas entre cristianismo de direita e autoritarismo religioso, da política e à vida pessoal. Presenciando o bolsonarismo, o teólogo brasileiro Fábio Py defende que se trata de um governo cristofascista, com a gestão de corpos e vidas, baseadas no fundamentalismo cristão, no ódio aos diferentes e na guerra cultural/religiosa contra outras divindades e explicações do mundo. É a apropriação de uma teologia fundamentalista por

8 Ver entrevista com Dorothee Solle sobre cristofascismo nos EUA em <https://newtranscendentalist.medium.com/christofascism-by-dorothee-s%C3%B6lle-633273379b68>

um governo autoritário, uma teologia bélica e da repressão (em oposição à Teologia da Libertação).⁹

É neste contexto que a artista Lucimary vê-se impelida a criar suas composições de maneira livre e desimpedida, importando estéticas cristofascistas. Assim como o bolsonarismo, ela compõe um Frankenstein estético e discursivo que possa reconfortar a extrema-direita em suas práticas de ódio e armamentismo e sensibilizar os afetos cristãos nessa cruzada contemporânea. O resultado é uma visualidade do líder fascista empoderado por Cristo, tão cara ao nazifascismo.



⁹ Ver entrevista com Fábio Py sobre cristofascismo no Brasil em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/611116-bolsonaro-e-o-cristofascismo-brasileiro-relacao-cristianismo-e-politica-entrevista-com-fabio-py>

Audiovisual e arquitetura no Projeto de Poder Evangélico¹

Ana Beatriz Tavares Barbosa
André Okuma

Cinema Universal do Reino de Deus

Em meados de agosto de 2019, um ônibus de turismo adaptado para transportar equipamentos de projeção de cinema tem o objetivo de atravessar o país para realizar exibições gratuitas do filme *Nada a Perder 2: Não se Pode Esconder a Verdade*, lançado no mesmo ano, para pessoas que não tinham acesso a salas de cinema em suas cidades. Ao todo, o projeto passou por 10 Estados. Segundo reportagem do site *R7*, o projeto ainda levaria o filme não apenas às regiões mais pobres, mas também a penitenciárias e territórios indígenas, repetindo o que foi feito no ano anterior, na ocasião do lançamento da primeira parte do filme.

Em um país em que apenas 10% das cidades têm salas de cinema, entre as quais pouquíssimas contam com janelas de exibição para filmes nacionais, a iniciativa da Igreja Universal denominada *Cinema Solidário* surge, sem dúvida, como uma ação louvável. Entretanto, o projeto promove apenas um filme: a cinebiografia de Edir Macedo. Sua primeira parte é, até o momento da escrita deste artigo, a maior bilheteria do cinema brasileiro, e sua segunda parte ocupa a oitava posição³. É relevante notar que, quanto a isso, há muitos relatos de compras

¹ O presente capítulo é desenvolvimento de texto anterior realizado com Melissa Maria dos Santos Alejarra, “O Templo de Salomão e a Estética da Teologia da Prosperidade”, em *Guerras Culturais em Verde Amarelo*, Unifesp, 2022. Agradecemos a André Castro pelos comentários para esta nova versão.

² Disponível em <<https://entretenimento.r7.com/cinema/projeto-itinerante-leva-nada-a-perder-2-para-populacao-carente-01042023>> Acesso em 21/06/23.

³ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_filmes_brasileiros_com_mais_de_um_milh%C3%A3o_de_espectadores#cite_note-10> Acesso em 21/06/23.

antecipadas de ingressos e exibições com salas vazias⁴, o que não inviabiliza o fato desta película ter sido assistida por milhões de pessoas. Atualmente, as duas partes estão no catálogo da Netflix.

Os filmes foram dirigidos por Alexandre Avancini, um experiente diretor de novelas que há alguns anos vinha trabalhando nas novelas bíblicas da Rede Record de Televisão, emissora de propriedade do Bispo Edir Macedo, o personagem principal do filme e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. A cinebiografia do Bispo é uma adaptação de sua trilogia de livros autobiográficos publicados entre 2012 e 2014.



As duas partes de *Nada a perder*, apesar de serem uma ficção, têm seu roteiro “baseado em fatos reais”, colocando-se, portanto, como representação da realidade e registro documental. Edir Macedo, o protagonista, autor do argumento e financiador do filme, encontra na produção audiovisual uma ferramenta de propaganda de si e de sua igreja. Seu conteúdo, portanto, não seria exatamente uma obra cultural com algum grau de autonomia artística. Uma das suas funções de marketing, neste sentido, é transformá-lo em um herói que luta contra tudo e todos em nome de um ideal, ao mesmo tempo que busca se defender de acusações que sofreu ao longo de sua trajetória e, ao final, promover sua igreja e angariar mais fiéis. Macedo, mais do que qualquer um compreendeu que sua igreja foi fundada dentro da “Sociedade do Espetáculo”.

Do chute na imagem ao chute da imagem

Já na cena inicial do filme *Nada a perder 2*, uma mulher corre desesperada em uma rua deserta em algum bairro do subúrbio. É noite, e com uma fotografia de cores frias e pouca iluminação, vê-se que ela está fugindo de um grupo de homens que a persegue. A trilha sonora enfatiza o clima de terror que paira no ar enquanto trovões no céu acentuam ainda mais a tensão (demoníaca?) que a cena nos introduz. Encurralada em um beco, é cercada e agredida por um dos homens, com o impacto de um soco que atinge o seu rosto, a mulher se desequilibra sobre a lateral de um veículo quebrando uma das janelas, para então cair no chão sobre os cacos de vidro. A mulher está desacordada enquanto

⁴ Disponível em < <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/nada-a-perder-2-salas-vazias-na-cinebiografia-de-edir-macedo,3b94f3b10b3bd4e398d898b9adac20d7pneitgy3.html> > Acesso em 21/06/23.

A perseguição.



O pedido de desculpas.



O chute na Santa.



Frames do filme *Nada a Perder 2*, de 2019.

(Crédito: Record Filmes)

o grupo de homens foge. Caída no chão de braços abertos, permanece desacomodada enquanto começa uma chuva torrencial.

A cena de pânico e violência que conduz o espectador a um sentimento de horror e revolta é o prólogo do filme. Ela quer capturar o público para, de cara, escolher um lado, produzindo adesão acrítica.

Nada a Perder 2 abarca o período em que Edir Macedo já é uma das maiores lideranças evangélicas do país, período este também envolto em diversas polêmicas. O filme, como já dito, atua também como uma espécie de discurso de defesa diante destes fatos. Neste sentido, o caso do famoso “chute na Santa”, ocorrido em 1995, é um exemplo fundamental no filme, como narra a crítica de arte, curadora e professora Marisa Flório Cesar em seu texto *A ambivalência da Imagem* (2009): “[...] um pastor de uma igreja neopentecostal — portanto descendente de um protestantismo (ainda que desvirtuado) que séculos antes condenara o culto católico às imagens — “chutaria” em 1995 a imagem de Nossa Senhora Aparecida, no dia da padroeira do Brasil católico, em um canal aberto da tevê. O ato chocaria pela violência simbólica” (CESAR, 2009, p. 12).

Tal fato gerou grande repercussão e uma onda de protestos no país contra a Igreja Universal. No filme, Macedo afirma não saber da atitude do bispo até o momento do fato, e utiliza a narrativa como pedido de desculpas ao mesmo tempo que se coloca como uma vítima dessa onda de ataques. Aos 22 minutos do filme, Macedo entra em um estúdio e faz uma transmissão ao vivo dizendo que a ação foi um fato inconsequente de um pastor que agiu como um “menino” e pede desculpas por isto. Em um sutil jogo de câmera, no estúdio, Macedo em plongée⁵, colocando-se em um nível de inferioridade ao seu público (e a Deus), sugerindo neste contexto, uma ideia de humildade, enquanto o vemos falando em um tipo de enquadramento denominado na linguagem audiovisual de *close-up*, que é quando a câmera enquadra o rosto da personagem em detalhe. Tal enquadramento, segundo o teórico e crítico de cinema Bela Balázs, atinge uma intimidade imediata entre personagem e espectador, que pode revelar uma sensibilidade acentuada, neste sentido, “Os bons close-ups são líricos, é o coração, e não os olhos, que o percebe” (BALÁZS *apud* XAVIER, 1983, p. 90-91).

Logo na sequência, vemos a transmissão sendo vista por diversos aparelhos de televisão espalhados por casas, restaurantes e outros espaços públicos.

5 Ângulo de câmera que enquadra o personagem de cima para baixo.

Em um desses planos, uma TV enquadrada de frente, mostra Macedo olhando diretamente para a câmera do estúdio, que por sua vez, no televisor, olha para o espectador no filme e do filme, quebrando de forma sutil a quarta parede e dirigindo-se diretamente ao público.

Neste contexto, a cena terrificante de abertura do filme é retomada e exibida novamente, desta vez com mais detalhes e novos sentidos. A mulher em fuga, agora nesta repetição, é apresentada como uma fiel da igreja de Macedo perseguida por supostos católicos em fúria. Depois de cair no chão pelo golpe que sofreu, quebrando inclusive a janela de um veículo, é ainda chutada diversas vezes enquanto está caída, recebendo não apenas chutes, mas também diversos socos, mostrados de vários ângulos e em câmera lenta.

Por outro lado, na cena do “incidente” com a imagem da santa, mostra-se uma TV sintonizada no programa religioso e em um plano geral com a TV distanciada do enquadramento, quando o bispo levanta o pé para chutar, há um corte para a cena seguinte, ou seja, o chute propriamente dito, não é sequer mostrado no filme. O ato de violência é, assim, providencialmente interrompido antes de consumado.

A forma como o filme retrata este episódio apresenta ao espectador um contraste, uma comparação grotesca, mas que a princípio parece óbvia, de que o chute simbólico em uma estatueta de cerâmica é menos grave que uma sequência de vários chutes “reais” em uma pessoa inocente⁶. O que o filme propõe, portanto, é que a Igreja Universal do Reino de Deus, ao invés de praticar a intolerância religiosa, foi, no fim das contas, a vítima da intolerância e de violência ainda mais atroz.

Macedo compreendendo exatamente o poder da imagem que criticava, agora manipula-a a seu favor. Desloca, neste sentido, a imagem intolerável

EDIR MACEDO ENCONTRA NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL UMA FERRAMENTA DE PROPAGANDA DE SI E DE SUA IGREJA, AO TRANSFORMAR-SE EM HERÓI QUE LUTA EM NOME DE UM IDEAL. MAIS DO QUE QUALQUER UM, COMPREENDEU QUE SUA IGREJA FOI FUNDADA NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.



6 Não há relatos na imprensa da época sobre este fato narrado no filme, apenas protestos de católicos sobre a ocasião do chute na santa.

do chute na imagem de Nossa Senhora para o espancamento de uma mulher indefesa. O filósofo Jacques Rancière ao refletir sobre a *imagem intolerável* propõe que é preciso pensar não apenas o intolerável na imagem, mas também, e principalmente, o intolerável *da* imagem, ou seja, compreender “que espécie de ser humano a imagem nos mostra e a que espécie de ser humano ela é destinada, que espécie de olhar e de consideração é criada por esta ficção” (RANCIÈRE, 2014, p. 100), sendo assim, “O tratamento do intolerável é, assim, uma questão de dispositivo de visibilidade” (p.99)

Em outras palavras, é preciso olhar não apenas no conteúdo e discurso inseridos nas imagens, mas também, questionar sobre quem, por que e para quem estas imagens se destinam, pois, é neste deslocamento do foco de análise que podemos perceber a estratégia de produção e difusão das imagens que no limite se tornam o senso comum, alterando a nossa percepção da verdade.

O conteúdo do filme, exaltando um herói que luta contra tudo e todos em nome de Deus e dos indefesos (e cenas e inversões como as que destacamos neste texto, se multiplicam nos dois filmes), utiliza uma estratégia de difusão de imagens e discursos do “cinemão”, visando atingir diversos públicos, incluindo os não evangélicos. Pois, como mencionado no início deste texto, as imagens da mulher indefesa sendo agredida por homens enfurecidos com a Igreja Universal, foi exibida em diversas cidades que nem existem cinemas, incluindo aldeias indígenas, além de estar acessível a todos os lares com acesso à Netflix em sua Smart TV.

Da Cristofobia ao Cristofascismo

Ao utilizar a imagem como instrumento de poder, a fim de promover a adesão de um determinado pensamento, se configura também, na perspectiva evangélica neopentecostal, um comportamento fundamentalista⁷. O fundamentalismo cristão, de caráter anti moderno, entende que a Bíblia, em especial o Antigo Testamento, deve ser compreendida como uma verdade absoluta e inquestionável, negando e combatendo tudo o que vai contra os escritos bíblicos.

⁷ O termo fundamentalista, cujo seu uso tem sido bastante banalizado nos últimos tempos, deve ser compreendido neste artigo sob a sua perspectiva restrita, oriunda do movimento protestante ortodoxo estadunidense em reação ao modernismo em curso, de caráter escriturístico e autoritário.

Entretanto, a mediação destas leituras por líderes religiosos, sem levar em consideração contextos históricos e culturais, têm “desvios interpretativos” ou segundas intenções (como vimos na astúcia da inversão do chute, no filme) que conduzem seus fiéis a entendimentos que muitas vezes atendem aos interesses das igrejas e seus líderes. O fundamentalismo, ao mesmo tempo que literal, é refém de quem interpreta a literalidade a seu favor, no contexto presente, e torna-se força política para projetos particulares de poder.

Essas estratégias, no campo neopentecostal, têm ascendido de forma eficaz e evidente inserindo-se também na política. *Nada a Perder 2* ter sido lançado em 2019, no primeiro ano da gestão Bolsonaro, não é uma mera coincidência. Ocorre em um governo cujo *slogan* era “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” e que, no Congresso da ONU no ano seguinte, Bolsonaro faz um apelo à comunidade internacional para ajudá-lo no combate à “Cristofobia”⁸. Tal fato é a materialização de um processo de ascensão do fundamentalismo neopentecostal que ocorre há décadas.

Parte deste grupo, convertido em um fundamentalismo cristão em diálogo com o que a teóloga Dorotee Sölle denomina como “Cristofascismo” (PY *apud* FACHIN e SANTOS, 2020), que em linhas gerais é a apropriação da teologia fundamentalista por governos autoritários que sob uma pretensa defesa dos valores cristãos, dissemina-se práticas de perseguição e combate ao diferente.

É relevante mencionar que neste contexto, sob o discurso da cristofobia no período Bolsonaro, as religiões de matriz africana tiveram um aumento de 270% de ataques sofridos por intolerância religiosa⁹. Em determinadas cidades ou regiões, terreiros têm sido expulsos e banidos, sofrendo depredações e ameaças de fundamentalistas cristãos apoiados pela omissão da polícia, da justiça e governos.

⁸ Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4877033-bolsonaro-faz-apelo-mundial-contra-a-cristofobia-em-discurso-na-onu.html>> Acesso em 29/06/2023.

⁹ Disponível em <[119](https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/casos-de-ataques-religioes-de-matriz-africana-crescem-acima-de-270#:~:text=Em%202021%2C%20as%20notifica%C3%A7%C3%B5es%20contra,mu%C3%A7ulmana%2C%20judaica%20e%20a%20ind%C3%ADgena.> Acesso em 21/06/2023.</p></div><div data-bbox=)

Luz, Câmera, Louvação

Mesmo sob a contradição de compreender a imagem de santos católicos como objetos de adoração, nas cenas aqui analisadas da cinebiografia de Macedo fica evidente o uso estratégico do audiovisual como instrumento de poder.

Foi essa igreja que, desde muito cedo, percebeu o poder do instrumento que ela mesma condenara: a imagem. Com a aquisição de uma rede de televisão, construía um dos ardis mais eficazes de sua missão: é também pela imagem que se ganham as batalhas pelos corpos e os espíritos, pelas almas e pelos bolsos. (CESAR, M. F. 2009).



Entretanto, não é somente Edir Macedo com sua igreja que investe na utilização da produção audiovisual – ou de suas técnicas – como difusor de ideologias. É relevante mencionar que a utilização da técnica audiovisual como propagador de ideologias não é algo novo. Desde as primeiras décadas do século XX o cinema já vem sendo utilizado para tal fim, obtendo resultados avassaladores em seus objetivos. Neste sentido, o audiovisual tem se tornado cada vez mais comum entre as denominações religiosas que flertam com o discurso neopentecostal e fundamentalista.

A produção de conteúdo digital como *videocasts*, *webdocumentários* e *vlogs*, além dos já consolidados tele evangelismos transmitidos na TV aberta, são alguns dos conteúdos recorrentes e rapidamente disseminados por uma massiva quantidade de igrejas da atualidade, nos mais diversos canais de mídia. Como exemplo recente dessa prática, podemos citar o caso do episódio chamado “Podcast Collab” que reuniu líderes religiosos, artistas e apresentadores de diversos videocasts e podcasts cristãos em uma entrevista de mais de 4 horas de duração com o até então candidato à reeleição Jair Messias Bolsonaro. A produção elaborada que contou com cenário e estrutura que aludia à um programa de TV e bancada de jornal, no dia 12 de setembro de 2022, durante o período de campanha do ex-presidente, foi transmitida ao vivo no canal “Dunamis Music” (selo musical do chamado *Movimento Dunamis*¹⁰), que possui mais de 1,8 milhões de inscritos. Até o momento o vídeo possui mais de 700 mil visualizações.¹¹

10 Dunamis é um movimento cristão para-eclésiástico de alcance internacional que possui escolas de treinamento, editora, selo musical, loja, agência de branding, marketing e criação, além de pequenos grupos em escolas e universidades.

11 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BEPbQLkFCAs&t=95s>> Acesso em 27/06/2023.

Interior e fachada da Igreja Lagoinha, em Belo Horizonte.
(Crédito: Facebook / Igreja da Lagoinha)





**O INVESTIMENTO NA
PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
AUDIOVISUAL INTERFERIU
NAS NOVAS CONFIGURAÇÕES
ARQUITETÔNICAS DOS
TEMPLOSEVANGÉLICOS.
O INTERIOR DOS
TEMPLOS PASSA
A SERVIR COMO
UM ESTÚDIO
PENSADO PARA A
CAPTAÇÃO DE IMAGENS.**

O investimento na produção em massa de conteúdo fotográfico e audiovisual interferiu também nas novas configurações arquitetônicas dos templos evangélicos. A nova estética de paredes pretas aponta um objetivo comum: o aperfeiçoamento técnico¹². Segundo o pastor André Valadão, em uma entrevista¹³ no programa *The Noite*, apresentado por Danilo Gentili, as novas mudanças são tratadas como uma “tendência”: “Eu quebrei o púlpito da igreja, fiz um palco, e pintei a igreja de preto”, diz ele. O interior dos templos passa a servir como estúdio, onde as cores utilizadas em suas paredes, bancos e palcos, e até mesmo lâmpadas e painéis são pensados intencionalmente para contribuir na captação de imagens de suas reuniões.

Pode-se entender essas práticas como uma tentativa do meio evangélico de promover sua crença se colocando a par da era digital, “acompanhando o seu tempo”, a fim de espalhar a palavra de salvação. Porém, o que se vê simultaneamente a essa ideia, é a constante utilização da imagem como instrumento de manipulação, onde a produção de conteúdo objetiva cativar os fiéis, e assim difundir, gradualmente, ideologias que podem favorecer líderes religiosos e os interesses de suas instituições.

O crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil é parte de um expressivo processo de midiaticização, que cada vez mais conta com aparatos para difundir seus discursos e vender seus produtos. [...] Os templos ainda são os espaços principais de fruições e interações. Os dispositivos midiáticos, por sua vez, servem para captar o fiel e divulgar ofertas. (FACHIN, 2017).

Com isso, não somente os interiores dos templos apresentam transformações. O discurso difundido pela teologia neopentecostal se manifesta também nas chamadas “megaigrejas” ou “megatemplos”, grandiosas e luxuosas

¹² Disponível em <https://www.instagram.com/reel/Ci9jn-0p8xY/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA> Acesso em 27/06/2023.

¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LKd_c50Xwrk> Acesso em 30/06/2023.



Fachada da Assembleia de Deus do Brás, em São Paulo.
(Crédito: gospelmais.com.br)

Interior da Assembleia de Deus do Brás, em São Paulo.
(Crédito: guiadecarapicuiiba.com.br)



Templo da Igreja Mundial do Poder de Deus em Santo Amaro, São Paulo.
(Crédito: gospelmais.com.br)



construções arquitetônicas que comportam um número cada vez maior de membros. Para sustentar sua ideologia de domínio e prosperidade, os líderes dessas igrejas investem alto no aumento exponencial da quantidade de templos¹⁴, e na expansão e modernização deles. Impérios religiosos são construídos a partir da ênfase nos discursos pró “dízimos e ofertas de generosidade”, além do constante lançamento e venda de produtos, promoção de eventos e até serviços.

Nesse sentido, a arquitetura promove um “fascínio”, uma distração. O que se percebe é que esses templos surgem como um espetáculo total, uma performance. Como definiu Walter Benjamin, as afinidades entre cinema e arquitetura são grandes, por serem, em especial, as duas grandes “artes de massa”, as mais passíveis de servirem a interesses do poder e da propaganda.

O novo templo de Salomão, de Jerusalém ao Brás

O templo de Salomão tem na perspectiva deste artigo uma relevância simbólica fundamental, pois, no desfecho de *Nada a Perder 2* a redenção do herói é proclamada com a coroação da vitória através da inauguração do Templo de Salomão na região do Brás em São Paulo, uma igreja que se impõe não apenas como local de culto, mas como a própria *imagem* midiática e espetacular. Um templo que, ao mesmo tempo que é um estúdio de TV e um set de filmagem bíblico, é um ponto turístico de peregrinação de cristãos e monumento que se impõe na paisagem de um bairro industrial paulistano.

O Templo de Salomão, neste sentido, é um símbolo de todo esse movimento e ideologia. Ainda mais quando observamos os acontecimentos e implicações que perpassam sua construção, é perceptível algumas das frações que caracterizam a ascensão e a influência do movimento neopentecostal no Brasil, significando a “materialização” dessa teologia.

O complexo do Templo de Salomão é formado por um grande espaço cenográfico, em sua área externa, que apresenta o “Jardim Bíblico”, o “Jardim das Oliveiras”, uma representação do Tabernáculo de Moisés, e o “Memorial”. As visitas ao Templo são pré-agendadas, com venda de ingressos, e são divulgadas como atração turística no site da Prefeitura da cidade. Nem sempre é possível, na mesma visita, conhecer o interior do Templo.

¹⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/08/malafaia-investe-din-dim-forte-e-expande-imperio-religioso-na-pandemia.shtml>> Acesso em 01/07/2023.

O Tabernáculo de Moisés no Templo de Salomão.
(Crédito: redealeluia.com.br)



Guia vestido com trajes sacerdotais.
(Crédito: otemplodesalomao.com)

Essas visitas são mediadas por guias que, vestidos com trajes sacerdotais e encenando com vozes enfáticas os acontecimentos bíblicos, conduzem os visitantes a uma simulação de aproximação literal com o contexto histórico propagado. Esta simulação colabora na imersão do público ao ambiente, transformando o Complexo do Templo de Salomão numa espécie de espetáculo desconectado com o presente e com o entorno, numa tentativa de “viagem ao passado” e à “Terra Santa”, como num Parque Temático religioso.

O complexo arquitetônico tem espaços de exposição, réplicas de objetos, projeção audiovisual, estratégias de mediação e até uma loja, imitando loja de museu. Mas, apesar das aparências, não se trata de um museu ou galeria de objetos de arte ou históricos. As visitas não são mediadas por educadores, mas por evangelizadores, não existe um investimento em pesquisa, e sequer uma preocupação com os acabamentos do cenário e dos objetos expostos. O “acervo” é de réplicas baseadas em textos bíblicos e não em objetos materiais reais. Uma das peças de maior destaque é a Arca da Aliança, descrita no Êxodo, mas nunca encontrada.

O que parece importar, de fato, é o excesso de cenografia, de imagens e de discursos, um misticismo espetacularizado, uma simbologia exagerada. Entretanto, a materialização teatralizada de um imaginário místico, dando-lhe concretude e “realismo”, torna o percurso atrativo para a grande maioria do público. A “visita guiada” certamente é eficaz ao despertar a curiosidade dos que já tiveram contato com algumas das passagens bíblicas, principalmente do Antigo Testamento, e dão aos crentes a evidência real de que tudo teria de fato existido como narrado.

Além disso, ao final da visita é exibido um pequeno filme de animação (mais uma vez o audiovisual como instrumento de convencimento e encantamento), que narra uma “cronologia bíblica” desde Adão e Eva até o Templo de Salomão original. Com saltos temporais grotescos e com muita ênfase nos patriarcas do Antigo Testamento, a produção induz o espectador à ideia de que a reconstrução do Templo, agora em São Paulo, faz parte de um plano idealizado pelo próprio Deus, plano este abraçado e realizado por Edir Macedo.

Vale também ressaltar as visitas político-partidárias ao novo Templo de Salomão que podem ser entendidas como uma parte significativa do contexto da sua recente história e utilização estratégica para ampliar o espaço, visibilidade e poder de seu idealizador no campo político.



Memorial e Edificação do Templo de Salomão.
[Crédito: mvp.fretamais.com.br e site da Igreja Universal]



Não apenas sua grandiosidade, como também os elementos que remetem à riqueza e o poder do “povo de Deus” são destacados pela obra arquitetônica. As pedras utilizadas na construção do Templo e as oliveiras do “Jardim Bíblico” foram importadas da Palestina¹⁵, como os próprios guias enfatizam, bem como cores predominantes de tons dourado e amarelo colocados nos corrimãos, paredes e luzes do ambiente, fazem parte da construção de um espaço que visa exalar prosperidade. Aquele que vive uma realidade completamente diferente da apresentada ali, teria todos os motivos para atrair-se à ideia de que é possível uma mudança de vida radical, e uma aproximação, seja ela mínima, de toda a riqueza como a que constitui o Templo.



O Templo de Salomão, portanto, é o símbolo de uma junção de todas as características predominantes de um projeto de poder político-religioso que vêm se articulando e ganhando espaço ao longo das últimas décadas: a capitalização e instrumentalização da fé numa corrida por estratégias de domínio e expansão, através da intensa midiaticização, uso de imagens e deturpação de textos bíblicos por meio de uma retórica performática e fundamentalista, e do alto investimento em atrair as massas através de seus canais de comunicação, cinema e arquitetura.

Conclusão

A Igreja Universal do Reino de Deus, atenta à “sociedade do espetáculo” na qual estamos inseridos, percebeu o uso do audiovisual, não só no cinema, mas também na cadeia de emissoras de TV (além do grande número de igrejas e a imponência do Templo de Salomão como símbolo da prosperidade e poder pela imagem), como uma tática de convencimento desta visão de mundo, fundamentalista e espetacular, promovendo na construção da imagem midiática e sacra um discurso vendido como verdade absoluta.

No próprio filme aqui analisado a fascinação e a inquietação de Macedo pela imagem é perceptível, pois foi pela TV que ele ganhou fama e poder, mas também foi pela TV que um pastor “chutou” a imagem de Nossa Senhora, e no seu final apoteótico são mostradas imagens reais da transmissão ao vivo do culto à época da inauguração.

¹⁵ Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/03/31/pedras-do-templo-de-salomao-de-onde-vieram-e-por-que-sao-sagradas.htm>> Acesso em 06/07/2023.

O domínio dos meios de produção de imagens, no caso de Macedo não é um acaso, faz parte de uma estratégia de expansão da igreja para além dos limites da religião, como pode ser constatado em um livro de sua autoria chamado Plano de Poder, publicado em 2008, no qual revela que Deus tem desde o Antigo Testamento o plano de criar uma nação estadista comandada por cristãos, e que para tal é preciso um plano que objetive uma tomada de poder na política, utilizando como uma das principais ferramentas a comunicação. É latente, que cada vez mais igrejas, principalmente as neopentecostais, seguem esta tendência.

Percebe-se, cada vez mais, que as mais diversas denominações e vertentes evangélicas têm abraçado e reproduzido esses discursos e práticas. As igrejas têm ascendido como uma instituição disseminadora de ideologias, discursos moralizantes e políticos, que influenciam pessoas de variadas classes sociais, na qual a ligação entre elas se estabelece na crença religiosa.

O centro é a imagem-espetáculo, que carregada de uma força sedutora irresistível, onde a aparência é mais valorizada e convincente que o real, a imagem torna-se objeto de culto, assim como uma imagem sacra. A fé na imagem é o pilar do fundamentalismo. Nas palavras do filósofo alemão Feuerbach “a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o cúmulo da ilusão fica sendo o cúmulo do sagrado (FEUERBACH *apud* DEBORD, 2012, p. 13).

O conteúdo desse artigo e as imagens apresentadas são reveladoras no entendimento do alcance e da tamanha força desse projeto de poder que transbordou da religião e inundou a política, culminando numa guerra cultural perversa e intensa na qual se insere o atual cenário brasileiro.

Há ainda outras questões que devem ser consideradas e que não se encerram neste artigo, como refletir e compreender a eficácia na recepção desse projeto midiático fundamentalista nos fiéis, que por sua vez não são uma simples massa passível de ser manobrada. É preciso, principalmente, não generalizar os evangélicos a grupos fundamentalistas. Assim como todos os grupos sociais, os evangélicos são heterogêneos, no qual muitos aderem a pautas progressistas.

É necessário, portanto, em prol de uma sociedade mais diversa, democrática e justa, combater o fundamentalismo, que por sua vez, é um dos braços

de um “fascismo eterno” e renovado que segue à espreita. Compreender os interesses que movem os mecanismos de financiamento, produção e circulação da imagem espetacular enquanto discurso conservador e reacionário travestido de defesa de Deus (vingativo), família (“estruturada” e heteronormativa) e propriedade (nos moldes neoliberais), é um começo.



Os (des)caminhos da direita segundo a *Brasil Paralelo*

André Okuma
Fernando Frias

Depois das jornadas de junho de 2013, emergiu no Brasil uma direita difusa, porém radical, que se mobilizou e ganhou força no *impeachment* de Dilma Rousseff. Na própria votação do afastamento da presidente, surgiu uma figura escatológica que se tornou a liderança (e mito/messias) dessa direita-radical, ao votar/trollar homenageando o torturador de Dilma, quando presa pela ditadura. No discurso desta parcela extrema alimentada por discursos de ódio travestidos de *memes* e notícias falsas, negam-se recorrentemente a verdade factual e evidências históricas e científicas. Tal negação, que explodiu na pandemia de Covid-19, construiu nesta bolha um universo paralelo cheio de narrativas conspiratórias e revisionismos históricos. Chegou-se ao ponto de forjar uma História do Brasil revisionista, neocolonial e cruzadista, silenciando as vozes e lutas dos oprimidos, para elogiar a conquista, a colonização, a Igreja, a Monarquia, os Militares, os golpes internos e submissões internacionais. A ofensiva desses grupos revisionistas caiu, portanto, preponderantemente sobre os historiadores e cientistas sociais, e foi pilhada pela tática de combate do Escola sem Partido¹. Professores de história também foram constantemente acusados de doutrinação ideológica marxista e contra os valores cristãos, patriarcais, heteronormativos, eurocêtricos e capitalistas da “civilização ocidental”.

Se por um lado, a palavra negacionismo virou sinônimo de anticiência durante a pandemia de coronavírus, ela também significou movimento contrário a história como problema. Nesse sentido, como ressaltou o historiador francês Marc Bloch, ao adquirir a história, o historiador se vê diante dos fatos não como mera descrição, mas sim como uma “história – problema” na qual a construção da temporalidade histórica não se dá pela sucessão de acontecimentos ou pelo

¹ Ver capítulo neste livro sobre o Escola sem Partido, de autoria de Patrícia de Paula.

positivismo dos fatos. Ao contrário, a formulação de uma “história – problema” passa pela construção das temporalidades por meio de processos de investigação nos quais passado e presente se articulam como movimento da história.

Produzindo uma “história paralela” ou a velha história de quem manda



A eleição de Bolsonaro em 2018 foi um momento crucial do despertar de um imaginário adormecido (e regressivo) em parcela da sociedade brasileira, em especial a presença das Forças Armadas como “poder moderador” (com o direito a dar a última palavra em relação aos demais poderes) e, o desejo da ordem e proteção dos valores da família “cristã tradicional”. Contudo, o desejo de ordem não opera sozinho neste imaginário, à medida que é preciso mobilizar afetos e eleger representações e narrativas. É preciso construir e difundir o imaginário conservador e colonialista, como uma “saída” para a “decadência da sociedade”, retomando os ideais de uma grande nação com seus heróis herdeiros do Império Colonial Português, da civilização lusitana e da Monarquia Imperial brasileira.

Para cumprir essa missão de propaganda dos valores reacionários brasileiros re-energizados pela extrema direita, destaca-se a atuação da produtora *Brasil Paralelo*, fundada em 2016 por três jovens gaúchos estudantes de *marketing* e simpatizantes do discurso ultraliberal disseminados por *Think Tanks* e da visão anticomunista dogmática e delirante de Olavo de Carvalho. O guru Olavo foi (e ainda é) uma figura central na atuação da *Brasil Paralelo*, pois, além de ser um de seus primeiros incentivadores, foi também o mentor intelectual da produtora, que no fim das contas, apenas repercute a partir da linguagem audiovisual as ideias e discursos disseminados por ele nos últimos 30 anos. Não por acaso, grande parte de seus colaboradores foram seus ex-alunos.

A produtora *Brasil Paralelo* por meio de suas séries documentais, portanto, reproduz e difunde o que o professor João Cezar de Castro Rocha denomina de “Sistema de Crenças Olavo de Carvalho” (ROCHA, 2021). De forma geral, trata-se de um conjunto de narrativas baseadas em teorias da conspiração que apontam para uma infiltração comunista no campo da educação e cultura desde a ditadura militar. Segundo Olavo, universidades, imprensa, artes e cultura foram progressivamente dominadas pela esquerda desde os

anos 1970, quando esta recua da luta armada para ingressar em uma “guerra de posição” (de inspiração gramsciana) e não mais de “tomada do poder”. Essa mudança de estratégia, destruiu por dentro tudo o que foi construído e mantido até então pela tradição cristã e humanista, impondo sorratamente uma hegemonia cultural de esquerda. Por fim, de acordo com essa formulação conspiratória, a esquerda e o petismo/lulismo seriam responsáveis por toda a degradação moral, cultural e de valores que o país viveu nas últimas décadas. Desse modo, torna-se urgente que a direita se organize para retomar o comando ético e simbólico nessas áreas da reprodução cultural da vida, numa guerra em defesa da tradição, de Deus, da família e da propriedade – não somente pela força das armas, mas também pelas armas da Cultura, sendo uma de suas linhas de atuação, reescrever a história do Brasil.

A produtora Brasil Paralelo tem como slogan a frase “*Resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros*”². O que se vê no seu discurso é um desejo de “retomada” dos valores tradicionais; um retorno à arte clássica em oposição à degeneração moderna e pós-moderna; um suposto resgate dos ensinamentos cristãos e ocidentais, patriarcais e por vezes racistas, como caminho para salvar o país de sua decadência moral. Mobiliza, nesse sentido, uma comunidade imaginária e elege suas representações da grande nação brasileira indo ao encontro de uma civilização única nos trópicos e que teve na figura de seus Imperadores a única monarquia das américas. Qualquer semelhança com o Luso-Tropicalismo de Gilberto Freyre e a afirmação de uma civilização única nos trópicos não seria exagerada pois em ambos o colonialismo português é visto com complacência ou até mesmo um feito civilizatório sobre indígenas e africanos. Isso posto, é preciso dizer que a produtora *Brasil Paralelo*

A BRASIL PARALELO TEM COMO SLOGAN “RESGATAR BONS VALORES, IDEIAS E SENTIMENTOS NO CORAÇÃO DOS BRASILEIROS”. O QUE SE VÊ NO SEU DISCURSO É UM SUPOSTO RESGATE DOS ENSINAMENTOS CRISTÃOS E OCIDENTAIS COMO CAMINHO PARA SALVAR O PAÍS DA DECADÊNCIA MORAL.



2 Disponível em <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em 20/06/2023.

pratica uma historiografia de invenção sem nenhuma pesquisa relevante em documentos históricos como um todo que abarcam desde documentações escritas e iconográficas entre outros. Pelo contrário, a *Brasil Paralelo* parte de achismos de supostos especialistas em sua maioria alinhados com o pensamento conservador e reacionário.

Ao tratar da relação entre Documento e Monumento, o historiador francês Jacques Le Goff ressalta que o documento em si quase sempre é produzido pelo poder e pelos poderes constituídos e cabe ao historiador sempre interrogá-los. Não é isso que faz a *Brasil Paralelo*, pois suas produções têm como ponto de partida a história oficial (aquela mais empoeirada e já questionada nas faculdades de História há ao menos meio século) e a aceitação das fontes históricas do poder, mando e subalternização. A escravidão pode até ser uma “chaga” na História do Brasil, mas é tratada como acidental ou circunstancial, sem se investigar o caráter estrutural do tráfico negreiro no projeto colonial português. A história, portanto, é vista como sucessão de contingências (muitas delas de origem divina) ou acúmulo de acontecimentos sem uma relação de causa e efeito. Sem base histórica e documental real, sem historiadores reconhecidos entrevistados, recorrendo a falseamentos sobre lacunas e apagamentos, a *Brasil Paralelo* age no limite da invenção e mesmo da pura ficção.

Assim sendo, a fabulação, negação e o relativismo histórico da *Brasil Paralelo* e suas produções em mídias sociais formam uma narrativa histórica reacionária na qual o ponto de vista dos vencedores (colonizadores, desbravadores, genocidas) é condição fundamental para construção do imaginário conservador da história do Brasil, com a mitificação de personagens históricos associados ao poder e defensores de uma ordem social natural com forte hierarquização social. Não é por acaso que a *Brasil Paralelo* em uma de suas mais famosas séries documentais, *Brasil: a última cruzada* (2019), elege a defesa da Igreja Católica, do Império e da Monarquia Brasileira como seus maiores representantes na busca de um tempo perdido da civilização brasileira; uma Igreja salvadora de almas e uma Monarquia com valores liberais e herdeira das tradições nobiliárquicas europeias.

A história brasileira, sob o ponto de vista paralelo, só pode ser contada pelos representantes das tradições e ordens naturais estabelecidas e que precisam urgentemente ser reestabelecidas. Deste modo, as produções da *Brasil Paralelo* se coadunam com a direita brasileira ao assumir as desigual-

dades e hierarquias sociais (entre gêneros, raças, crenças e classes) como fenômenos naturais ou apenas como contingências históricas. Assim, a história política do Brasil tem uma longa tradição a ser recuperada e reativada: a de permanente luta contra qualquer projeto de resistência ou alternativa popular. E deixar claro que nessa história tem quem manda e quem obedece, quem vive e quem morre.

Uma “escola paralela” que toma partido

A produtora inicialmente tinha como foco produzir vídeos com personalidades da direita falando de temas pertinentes a este espectro político, chegou a produzir logo no começo conteúdos com nomes como o próprio Olavo de Carvalho, Hélio Beltrão do Instituto Mises, o filósofo Luiz Felipe Pondé, o economista Rodrigo Constantino, o jornalista Felipe Moura Brasil entre outros. Seus fundadores e equipe inicial mudam-se para São Paulo e tornam-se em pouco tempo uma das maiores produtoras do Brasil, realizando documentários de viés reacionário e narrativas conspiracionistas. Eduardo Bolsonaro, na ocasião de sua quase nomeação a embaixador do Brasil nos Estados Unidos, chegou a declarar que estava estudando a história do Brasil para sabatina no Senado Federal assistindo os vídeos da Brasil Paralelo.³

Em seus sete anos de atuação e com um crescimento meteórico, consolidaram-se no mercado como a “Netflix da direita”⁴. Seu canal no YouTube, até junho de 2023, contava com 3,43 milhões de inscritos e seus vídeos superavam a marca de 300 milhões de visualizações. A produtora possui ainda uma plataforma de *streaming* própria, a *BP Select*, que conta com mais de 600 mil assinantes, superando plataformas da mídia tradicional como *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Nela, o assinante tem acesso a versões estendidas de suas produções, além de cursos de formação em política, filosofia, cultura etc. *A Brasil*

3 Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-estuda-historia-em-canal-acusado-de-fake-news> Acesso em 20/06/2023.

4 Expressão utilizada pelo colunista Fabio Zanini. Disponível em <https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2021/10/19/produtora-conservadora-brasil-paralelo-oferece-filmes-e-escola-da-familia-a-paraisopolis/>. Acesso em 05/07/2023.

Paralelo hoje é a maior anunciante do Facebook e Instagram no país⁵.

A produtora conta já com uma substancial produção de séries documentais e tem como estilo de linguagem o documentário clássico surgido nos anos 1930, também conhecido como documentário expositivo (NICHOLS, 2005). O objetivo deste estilo de documentários é fundamentalmente educativo, como exemplos, podemos citar os documentários produzidos pelo canal *National Geographic* e *Discovery Channel*. No caso da *Brasil Paralelo* o objetivo (des)educativo se mantém, seus conteúdos têm um apuro didático. Funciona como uma *think tank*⁶, ou ainda, uma “escola paralela” e que toma claro partido. Mesmo que bastante criticados por seu viés revisionista e negacionista, vêm formando centenas de milhares de adeptos dos ideais político-ideológicos da extrema-direita.

Os filmes, tecnicamente bem-acabados, privilegiam uma montagem sugestiva com imagens que ilustram as informações e comentários narrados por uma voz onisciente, chamado no cinema como *voz over*, no documentário clássico é também conhecida como a “Voz de Deus”, uma narração feita majoritariamente por uma voz masculina, que fala em tom neutro e impassível. “Fica implícita a ideia de superioridade coerciva em relação aos outros elementos da articulação fílmica, sejam eles sonoros ou visuais, estando metaforicamente acima” (CHAVES, 2019, p. 85), impondo assim um tom de autoridade que conduz o filme a partir das informações e comentários inseridos na narração, dando fluidez ao mesmo tempo em que convence o espectador sem grandes incômodos.

Diferente de seus pares *youtubers* e *influencers* de extrema-direita na internet, apesar de aderir praticamente às mesmas teorias conspiratórias, seu conteúdo tem um tom mais ponderado e menos agressivo exaltando uma “civilidade” eurocêntrica e cristã. Nesse sentido, as críticas feitas pela produtora aos movimentos de esquerda, apontados como os grandes inimigos da nação, é reiterar a crise moral, quase terminal, que pode ser vista na corrupção, no

⁵ Disponível em <<https://nucleo.jor.br/interativos/2022-05-27-brasilparalelo-anuncios-facebook/>> Acesso em 20/06/2023.

⁶ Think Tanks são instituições que produzem pesquisas, análises e recomendações que inclusive, formadores de políticas públicas tenham ferramentas para tomar decisões mais embasadas, além de ter um papel importante na disseminação de conhecimento à sociedade. Disponível em <https://www.enap.gov.br/pt/acoincete/noticias/afinal-o-que-e-um-think-tank-e-qual-e-a-sua-importancia-para-politicas-publicas-no-brasil> Acesso em 20/06/2023.

feminismo, na “ideologia de gênero” e até no rock e no funk. Criticam também de forma reiterada a vocação da esquerda-comunista para protestos violentos, instauração do caos e a ruptura com a ordem institucional, ou, quando vitoriosos, a imposição de regimes autoritários. Tal discurso é bastante enfático na série *As Grandes Minorias* (2020), na qual criticam o movimento antifascista e o movimento *Black Lives Matter* exatamente por “propagarem” o vandalismo e a “destruição do sistema”.

Entretanto, com a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, em um clima de tensão permanente desde o início de seu mandato, eleitores do ex-presidente foram inflando cada vez mais o seu ódio, alimentados por uma avalanche de *fake news* que iam do descrédito nas urnas eletrônicas até a espera por uma “intervenção federal”, culminaram de forma catártica nos atos golpistas conhecidos como o episódio de “8 de janeiro”. Tal evento coroou de forma emblemática o fim da era Bolsonaro. As cenas de destruição e selvageria da invasão aos edifícios públicos da Praça dos Três Poderes registradas em tempo real, fez a extrema-direita brasileira cristalizar sobre si uma imagem associada ao caos e a barbárie, ou seja, cumprindo o papel que supostamente era esperado da esquerda revolucionária.⁷

Direita vou ver, o revisionismo continua, ainda em 2023

Neste contexto, a produtora *Brasil Paralelo* lança a série documental *A direita no Brasil* (2023). O documentário, produzido sob o clima da derrota de Bolsonaro (e da extrema-direita) busca traçar um panorama da direita nos últimos 10 anos no país a partir das jornadas de junho e a ascensão deste heterogêneo espectro político, que foi se unindo em defesa de pautas como a anticorrupção, os valores morais e o anticomunismo. O documentário contextualiza de forma breve a diferença entre conservadorismo e liberalismo no Brasil, a união destas vertentes contra o PT, passando pelas manifestações pró impeachment, a Lava-Jato, eleição de Bolsonaro, rachas internos no governo e na direita, a crise da pandemia e o fim do governo Bolsonaro.

Mais do que um histórico da direita brasileira na última década, a série tenta construir a partir de sua linguagem, escolha de entrevistados e es-

⁷ Ver neste livro os dois capítulos sobre os ataques do 8 de janeiro em Brasília.



As vozes da Brasil Paralelo. Frames de *A Direita no Brasil*.

(Crédito: Produtora Brasil Paralelo)



tética, o imaginário de uma novíssima direita liberal e conservadora, civilizada e distanciada dos militantes de extrema-direita que acamparam em frente aos quartéis do exército e destruíram Brasília. É notório que neste contexto, a produtora encontrou-se em situação delicada, pois parte de seu público-alvo e diversos parceiros e colaboradores estavam envolvidos nos atos de vandalismo que, como dito, são exatamente tudo o que eles tanto criticavam na esquerda.

Porém, o discurso de autocrítica que é colocado em alguns momentos do documentário, já vem de um movimento sutil que a produtora tem traçando há alguns anos, uma espécie de “reposicionamento de mercado” (político?), afastando-se da imagem agressiva de Jair Bolsonaro⁸ e também de Olavo de Carvalho⁹.

No documentário *A Direita no Brasil*, a produtora faz um desvio de forma aparentemente mais direta. Com uma paleta de cores análogas centradas no azul e no cinza, a atmosfera é sóbria, serena e comedida, sem o tom alarmista e conspiratório de outros documentários da produtora. Sob um sentimento de frustração e melancolia, esboça um discurso supostamente autocrítico apontando os erros de Bolsonaro na condução do governo, as contradições de Sérgio Moro e os desentendimentos entre as diversas correntes da extrema-direita.

Dos entrevistados que participam do documentário há diversos expoentes da direita, como os deputados federais Nikolas Ferreira e Marcel Van Hatten, o vice-prefeito de Porto Alegre e importante figura de *think tanks* liberais, Ricardo Gomes, o ex-juiz Sergio Moro, o ex-assistente de Olavo de Carvalho, Silvio Grimaldo, o jornalista Alexandre Garcia, o jurista Ives Gandra Martins, o economista ultraliberal Hélio Beltrão, entre outros. Dentre os 21 entrevistados, há apenas três mulheres, brancas: a professora de direito e ex-deputada estadual Janaína Paschoal, a deputada federal Bia Kicis e Adelaide de Oliveira do movimento Vem pra Rua. Entre os entrevistados há apenas um negro, o ex-deputado estadual e ex-integrante do MBL Fernando Holiday. Os únicos “representantes” à esquerda (mas considerados por esta como traidores) são o ex-deputado federal e ex-ministro da defesa

8 Em 2022, Valerim chegou inclusive a participar de um jantar de empresários com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Questionado nas redes sociais, disse que tinha ido colher informações para produção de conteúdo.

9 Disponível em <https://theintercept.com/2021/12/09/brasil-paralelo-lanca-ofensiva-judicial-para-calar-criticos-e-reescrever-a-propria-historia/> Acesso em 28/06/23.



Patriotas da terceira idade também acampam.

Família descansando antes da tentativa de golpe.



Oração antes do ataque aos palácios em Brasília.



Frames de *A Direita no Brasil*.

(Crédito: Produtora Brasil Paralelo)

Aldo Rebelo¹⁰ e o jurista e um dos fundadores do PT Helio Bicudo, que foi também um dos autores do pedido de impeachment de Dilma Rousseff.

Uma das críticas recorrentes à *Brasil Paralelo* é a de que seus entrevistados, para falar sobre qualquer tema, são quase todos homens brancos, em geral da elite ou de grupos de extrema-direita. Muitos deles não são especialistas nos temas abordados, reaparecem para falar de qualquer assunto, garantindo apenas o corte ideológico, sem vínculo com o que está sendo tratado. Não há acadêmicos, autores e pesquisadores universitários de reconhecido saber em suas áreas. O objetivo é dar imagem e voz a personagens histriônicos, publicistas e agitadores da direita. São em geral perfis, quadros políticos e influencers bolsonaristas e/ou olavistas. Mas, ao tirá-los das redes, pretendem reposicioná-los em um formato “sério” de documentário bem filmado, dando uma “autoridade” que antes não possuíam.

A versão paralela do 8 de janeiro

No terceiro e último episódio da série, ao abordarem o fim do Governo Bolsonaro, não omitem o “8 de janeiro”, esquivam-se de defender o indefensável, mas justificam o injustificável. Ou seja, não negam e lamentam que os atos golpistas tenham sido feitos por manifestantes de direita, mas relativizam os motivos que conduziram ao fatídico episódio.

Um dos sócios da produtora, Filipe Valerim, é o narrador, a “voz de Deus”. Enquanto imagens de “patriotas” de terceira idade, e famílias vestidas de verde e amarelo caminham tranquilamente por Brasília, diz:

E então, no dia 08 de janeiro de 2023, com um fatalismo inexorável de um enxadrista que se colocou em xeque, mais de 100 ônibus levando mais de 3900 pessoas chegaram à Esplanada em Brasília, dispostos a não se sabe o quê. Era domingo, e portanto, não havia nenhum político trabalhando. Tampouco os manifestantes levavam armas, apenas uma vontade difusa de impedir o que acreditavam ser uma catástrofe. Muitos, alheios à seriedade do que faziam, provavelmente não sabiam que incorriam nos crimes de abolição violenta do Estado Democrático de

10 É relevante mencionar que Rebelo apesar de ter um histórico em partidos de esquerda, tem flertado com movimentos ligados à extrema-direita, como é possível perceber na matéria do Metrôpolis. Disponível em <<https://www.metrolopes.com/blog-do-noblat/o-movimento-de-extrema-direita-que-se-aproxima-do-pdt-de-olho-em-2026>> Acessado em 20/06/2023.

Direito (...). Em meio aquela multidão, era possível encontrar desde senhoras devotas até baderneiros inconsequentes. Desorientados, vagando a esmo, apelando a pedidos de intervenção militar. Era a imagem fiel de um órfão à espera na casa de um padrasto, sem recurso e sem saída. Ainda era apenas o começo de um processo de luto, a negação tinha ficado para trás para alguns e para outros já tinha chegado a hora da raiva (BRASIL PARALELO, 2023).¹¹

A seguir, surgem imagens do “8 de janeiro”. Os entrevistados determinam o fato como um ato estúpido e inconsequente. Nesta construção narrativa, é relevante pontuar também que na sequência que antecede o contexto daquele dia, o documentário apresenta ainda uma série de eventos inseridos em sequência de forma a criar um tom de similaridade aos atos golpistas, como manifestações de indígenas, MST e policiais nos edifícios da Praça do Três Poderes em anos anteriores, apresentando a justificativa de que a invasão dos edifícios da Praça dos Três Poderes não foi iniciado pela direita, mas pela esquerda ao longo da história, conectando assim a partir de um malabarismo retórico as críticas de outrora sobre os vandalismos propagados pelos movimentos sociais já citados em outros documentários da produtora.¹²

A Brasil Paralelo ao produzir documentários que fazem um revisionismo e negacionismo histórico, ao encarar a realidade que explode no cotidiano e ter de lidar com a contradição, no caso de 8 de janeiro, apenas relativiza. A depredação ao patrimônio público é “apaziguada” por imagens complementares de famílias acampadas com crianças, mostrando que, se houve um “deslize” ou “equivoco”, fizeram isso ao fim, por amor, pensando no futuro de seus filhos.

A máquina de propaganda bolsonarista tem futuro?

Dentre os objetivos atuais (2023) da *Brasil Paralelo*, é ser a principal referência de produção cultural e intelectual da direita pós-bolsonaro (mas ainda olavista), sem parecer radical demais ao mesmo tempo que não rompe com

¹¹ Trecho de narração inserido aos 27m. do terceiro episódio da série *A Direita no Brasil*. Disponível em <<https://plataforma.brasilparalelo.com.br/playlists/a-direita-no-brasil/media/6411de13355d84002712c3fa>> Acessado em 20/06/23.

¹² Esse é também o argumento desenvolvido e problematizado por Pedro Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Mendes no capítulo “8/1: A Revolução dos Manés”.



2006
MIST INVADE A CÂMARA
DOS DEPUTADOS

ABRIL
2013
MANIFESTANTES INVADIM O PLENÁRIO
PARA PRESSIONAR VOTAÇÃO

JUNHO
2013
NÃO SAIAM MEDICOS!

2014
MIST TENTA PODERAR O STF

2016
INTERVENCIONISTAS INVADIM
A CÂMARA DOS DEPUTADOS
COM O SENADOR CARLOS BELTRA

2017
POLÍCIAS TENTAM INVADIR
A CÂMARA DOS DEPUTADOS

Retrospectiva da depredação.

Pelo futuro do Brasil.



Frames de *A Direita no Brasil*.
(Crédito: Produtora Brasil Paralelo)

o extremismo anterior. Por isso, iniciam 2023 relativizando os atos mais criminosos da direita, pois, o seu público-alvo precisa se recompor como “cidadãos de bem”, depois de se ver nas imagens de vândalos em Brasília.

Na série documental sobre a Direita, aqui analisada, o que se viu foi uma pretensa autocrítica que disfarça seu viés radical, pois quer balançar a poeira e ajudar a direita a dar a volta por cima. É a partir do uso de imagens

e palavras astuciosas, que apresenta os atos golpistas defendendo os agitadores como pessoas de bem que perderam a cabeça e criando uma narrativa em busca de culpas, nestecaso, opróprio Bolsonaro, crescentemente visto como descartável por seus próprios aliados¹³. Percebe-se que a produtora usa a desunião como problema e solução, desfazendo-se de Bolsonaro como resolução do problema da sobrevivência



**PERCEBE-SE QUE A PRODUTORA,
DESAZENDO-SE DE BOLSONARO,
INDICA UM CAMINHO POSSÍVEL
PARA UMA LIDERANÇA
MENOS TÓXICA E
A FORMAÇÃO DE
UMA NOVÍSSIMA
DIREITA RADICAL
PÓS-BOLSONARO (MAS AINDA
OLAVISTA).**

da direita. Querem, com isso, indicar um caminho possível para uma liderança menos tóxica e a formação de uma novíssima direita pós-Bolsonaro.

Como conclusão do documentário, a série aponta que a direita precisa se institucionalizar de forma mais eficaz e fazer formação de base, o que a Brasil Paralelo tem feito, como escola de formação suprapartidária neste campo político. E o mais incrível, indicam que o caminho a seguir é o de quem tanto criticam: a esquerda que, esta sim, sabe formar novas lideranças a partir de um projeto de educação, cultura e comunicação. Por isso, uma nova geração da direita deve seguir aprendendo com a esquerda (o que já dizia Olavo, aliás), para fazer o oposto. Um dos últimos passos da Brasil Paralelo foi aproximar-se de movimentos sociais e entidades civis em favelas, como é o caso da parceria com a ong G10 Favelas em Paraisópolis, onde levou os conteúdos da *BP Select* para

13 Disponível em <<https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/panorama/2023-01-02/alias-dos-querem-descartar-bolsonaro.html>> Acesso em 05/07/2023.

500 famílias gratuitamente, ofereceu bolsas para jovens, além de dar cursos de formação no local¹⁴.

A direita no Brasil, diferente dos outros documentários produzidos pela *Brasil Paralelo*, não foi postada no Youtube, sendo apenas disponibilizada em sua própria plataforma de *streaming*, apenas para assinantes. Tal restrição, se por um lado propõe incentivar a inscrição de novos assinantes, por outro, sugere que o material deva ser visto apenas por pessoas que se identifiquem com o espectro da direita. Até então, as produções disponibilizadas no YouTube, se alcançaram amplo público, permitiram que a esquerda assistisse essas produções e se mobilizasse para denunciar seu caráter revisionista, colonialista, elitista, misógino e racista.

Em um documentário que se propõe fazer um raio-X da direita no Brasil, é relevante também notar as ausências de lideranças como Kim Kataguiri e o MBL (Fernando Holiday aparece, mas como dissidência do movimento), militares, pastores evangélicos e a família Bolsonaro. Há uma depuração da *Brasil Paralelo* para uma nova fase, sem os raivosos e perigosos de antes, quer fazer valer agora uma posição mais ponderada, menos extremista e mais ultraliberal, alinhada a *think tanks* e discípulos menos histriônicos de Olavo de Carvalho.

Como uma estratégia de negócios visando uma ampliação de seu público-alvo para além dos radicais, evitando defender veementemente temas polêmicos, apenas relativizando e apontando que os adversários são ainda piores, seguem disfarçando seus verdadeiros ideais. O conhecido e pretenso discurso da produtora como imparcial e apartidária, aparentemente moderada, ganharia agora evidência com as críticas que passaram a fazer a seus antigos aliados da extrema-direita golpista.

É pertinente perceber a similaridade de discursos e atitudes da *Brasil Paralelo* em perspectiva internacional, com reposicionamentos da extrema-direita e “peles moderadas de cordeiro”. O *Rassemblement National*, partido de extrema-direita liderado por Marine Le Pen na França é um exemplo: nos últi-

¹⁴ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gabriel-kanner/2021/10/parceria-entre-brasil-paralelo-e-g10-favelas-une-propositos-e-desperta-esperanca.shtml>> Acesso em 03/07/2023.

mos anos aumentou seu espaço no parlamento graças à suavização e omissão de discursos polêmicos, e até a adesão a pautas consideradas progressistas, o que não necessariamente indica que o partido tenha mudado sua ideologia, mas sim ampliado sua camuflagem.

Por fim, o que vemos são sinais de uma reconfiguração da direita pós-Bolsonaro, que apesar de enfraquecida, não está extinta e busca formas de se reinventar. A *Brasil Paralelo*, a principal máquina de propaganda da direita, com seu poderio midiático, quer liderar esse *rebranding* ou *facelift* do reacionarismo brasileiro. Não se trata de baixar a guarda, apenas de, no corner, enxugar o suor e retomar a luta. Pois, o que está em jogo é a guerra cultural e a propaganda ideológica, como estado de mobilização permanente para conquista de hegemonia, poder e capacidade de dirigir o sentido da história. Não deixa de ser também uma cruzada messiânica, cujo inimigo precisa ser sempre nomeado, combatido e eliminado. Nesse sentido, o projeto também é revolucionário e de formação de consciência de classe no campo da direita. Uma revolução reacionária e conservadora com vistas a uma reescrita da história, seja no passado, no presente e no futuro.

8/1: A rebelião dos manés ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília¹

Pedro Fiori Arantes
Fernando Frias
Maria Luiza Meneses

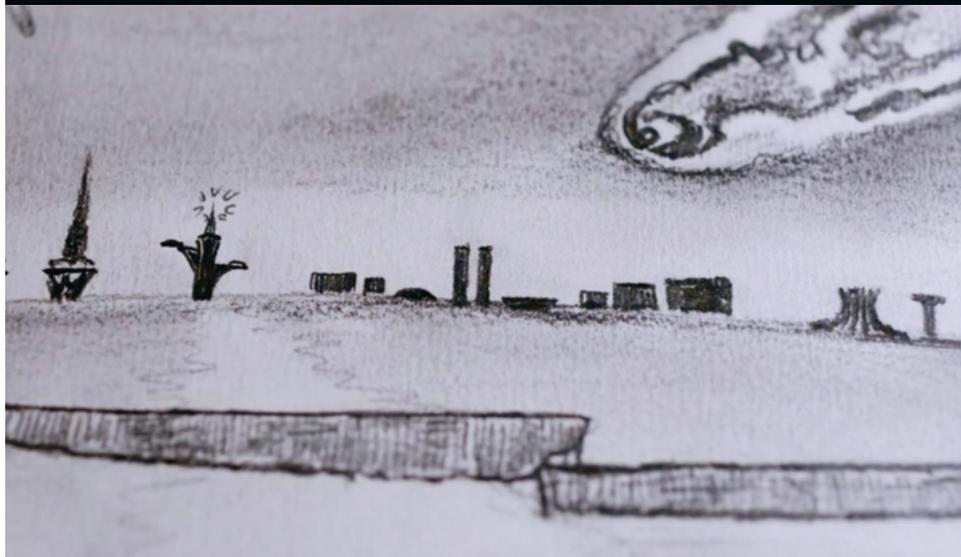
Um ataque aos palácios de Brasília nunca integrou o imaginário das esquerdas brasileiras, a não ser na ficção de Adirley Queirós, cineasta e morador de Ceilândia, e mesmo assim na condição de pesadelo de jovens excluídos. Nos 21 anos de ditadura entrincheirada em Brasília, nenhum atentado relevante, muito menos ameaça de tomada de palácios – talvez porque a derrota e um massacre seriam inevitáveis. Com grandes avenidas, esplanadas, horizontes desimpedidos, Brasília não pode ser facilmente tomada por grupos insurgentes e barricadas: tropas militares rapidamente reagiriam e reprimiriam qualquer rebelião. Na redemocratização, marchas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e outros movimentos populares, dos povos indígenas, sindicatos e estudantes, mesmo com anseios antissistêmicos, sempre respeitaram a intocabilidade de Brasília e em diversas ocasiões foram violentamente contidos.

Um dos motivos sabidos da construção de Brasília era justamente afastar o governo federal e o mundo político de um grande centro urbano, como o Rio de Janeiro, muito mais explosivo e cheio de ameaças, levantes e revoltas. Símbolo do país moderno e de uma suposta integração nacional, a “capital oásis” foi um refúgio do poder e da classe política encastelada em torres e palácios em uma região desértica, longe da pressão popular e difícil de ser atacada por inimigos externos ou internos. O padrão de apartheid “modernista” de Brasília sempre foi dos mais brutais no Brasil, como demonstraram diversos pesquisadores, depoimentos de antigos “candangos” ou tem alegorizado em seus filmes Adirley Queirós.

¹ Esse capítulo é um resumo de um ensaio mais amplo dos mesmos autores, publicado em livro pela Editora Hedra, 2024.

Frames dos filmes de Adirley Queirós, *Branco Sai, Preto Fica* (2014), em que uma “bomba cultural” vinda das periferias (cidades satélites) atingiria os palácios de Brasília; e *Era Uma Vez Brasília* (2017), em que personagem atira com bazuca contra o Congresso, ao som da sessão de impeachment de Dilma Rousseff.

(Crédito: Reprodução)



Mas, o Congresso e os Palácios de Brasília foram finalmente atacados em 8 de janeiro de 2023. Os três poderes da República e seus símbolos foram violentamente tomados e depredados por uma horda verde-amarela, sem quase nenhuma resistência militar ou policial. Quem executou esse feito insurgente não foram os sem-terra, os sem-teto, os povos indígenas, tampouco os Black Blocs, os petistas, os estudantes ou os comunistas. A autoria foi dos autodenominados “patriotas” e “cidadãos de bem”, enrolados em bandeiras nacionais, quebrando e estilhaçando os edifícios-símbolos do poder nacional, em uma demonstração de cólera antissistema e fúria milenarista².

O que o ataque às sedes dos três poderes da República explica sobre o Brasil contemporâneo? O que revela da capacidade de pensamento e ação da esquerda e da direita, no sentido de atuar para mudar a história em seu favor? O 8 de janeiro é um caleidoscópio de forças e vertigens, em imagens e atos, que apresenta de forma fugaz e impactante os dilemas e fraturas do Brasil atual. Daquele espetáculo, entre o grotesco e o surpreendente, há importantes aprendizados sobre o que motiva e o que impulsiona a indignação e a capacidade de assumir riscos em defesa de causas e crenças para transformar o rumo da história.

Na medida do possível, evitaremos a denominação corrente do 8 de janeiro como mero “ato golpista” (apesar de não negarmos essa dimensão, evidentemente). Procuraremos indicar outras visões sobre os acontecimentos em Brasília. Estimularemos o “estranhamento” ou “distanciamento” (no sentido brechtiano), isto é, provocaremos o leitor a ir além do familiar, do senso-comum estabelecido (e naturalizado) sobre aqueles acontecimentos, podendo fazer novas perguntas e refletir de forma crítica. Segundo o dramaturgo Bertolt Brecht, “distanciar um acontecimento ou um caráter significa antes de tudo retirar do acontecimento ou do caráter aquilo que parece óbvio, o conhecido, o natural, e lançar sobre eles o espanto e a curiosidade” (citado por BORNHEIM, 2008, p. 243). Pensemos por um momento que o 8 de janeiro foi um ato insurrecional e olhemos para ele por esse ângulo, tão caro à esquerda.

² Segundo uma das manifestantes, Rosely, em depoimento colhido pela Polícia Civil, “Quem veio para Brasília veio [...] para tentar salvar o Brasil de um governo que quer acabar com a família e as igrejas, veio para proteger seus filhos e netos, para impedir as mulheres e crianças de se tornarem escravas sexuais”. Folha de São Paulo de 2 de julho de 2023, “Golpe militar evitaria comunismo, escravidão sexual e daria salvação espiritual, dizem presos no 8/1”. https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-escravidao-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa

“Cidadãos de bem” em fúria: a direita tornou-se insurgente?

Entre gritos de cólera, frenesi destrutivo, selfies autoincriminatórios, pedidos de intervenção militar, facadas e pauladas em obras de arte, defecação simbólica, focos de incêndio etc., destacava-se a inscrição feita a jato de extintor nas vidraças do Supremo Tribunal Federal (STF) e pintada na escultura da Justiça: “Perdeu mané” ou “Perdel mané”. Desde novembro de 2022, uma parcela dos “patriotas” passou a se apresentar como “manés em revolta” contra a malandragem do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e do STF, conjurados com o PT, com o comunismo e com o globalismo internacionais, que assolariam o Brasil.

A autodenominação “Mané” teria se dado depois que o Ministro do STF, Luís Roberto Barroso, abordado por um bolsonarista após a eleição que deu a vitória a Lula, virou-se para ele com leve sorriso e disparou: “Perdeu, mané, não amola”³. A frase gerou uma avalanche de memes, muquinhos de deboche e um enorme ressentimento nos perdedores, o que reforçou sua teoria de que o STF estava envolvido na conspiração que fraudou as eleições para derrotar Bolsonaro. De outro lado, a esquerda eufórica com a vitória transformava Barroso “em herói da lacração” e esquecia que um ano antes Barroso fora algoz de Lula, em um novo jogo de inversão de posições⁴.

Do lado dos “manés”, a alcunha também foi invertida e assumida: afinal, os perdedores de uma eleição para eles fraudada se sentiram mesmo como os manés submetidos à “malandragem” dos juízes. Para eles, o STF e TSE agiam como principal barreira à ascensão e métodos da extrema-direita, de forma a limitar a “liberdade de expressão” na agitação política e na campanha do seu candidato. Pouco dias depois, alguns acampamentos em frente a quartéis já assumiam em faixas, falas e mensagens, a condição de manés em revolta⁵. O que levou um colunista da Jovem Pan a anunciar “A ‘Revolta dos Manés’ na Primavera Brasileira” em 21 de novembro de 2022⁶. O ato de 8/1 também foi convo-

3 Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XJx5--sepyo>. Consulta em 5 de junho de 2023.

4 Meses antes, no julgamento da suspeição do Moro no STF, o mesmo Barroso chamava o PT de quadrilha e Lula de criminoso. Ver o voto do Barroso, a partir do minuto 12 em <https://t.co/2kVpRRozzy>

5 No acampamento defronte ao comando militar do Sul, em Porto Alegre, foi estendida a faixa: “Manés não aceitam mais pagar os salários do STF”, conforme se vê no vídeo “Manifestação no RS – A revolta dos manés”: <https://www.youtube.com/watch?v=0N?T4kwvGE4>. Consulta em 2 de junho de 2023.

6 Jorge Serrão, “A ‘Revolta dos Manés’ na Primavera Brasileira. Jovem Pan, 21/11/22. <https://jovempan.com.br/jorge-serrao/a-revolta-dos-manes-na-primavera-brasileira.html>



Vidraças Supremo Tribunal Federal (STF) com “Perdeu Mané” e Estátua da Justiça, obra de Alfredo Ceschiatti também com “Perdeu, mané”.

[Créditos: Joedson Alves e Renato Guariba]



Artigo na Jovem Pan e postagem em 4/1, antes do ato de 8/1, no Twitter e grupos bolsonaristas, assumindo a alcunha de “manés” em “levante”.

[Créditos: Jovem Pan e Twitter / @Cerqueira1965]

AP • **AP NEWS** Política Brasil Economia Mundo Esportes Entretenimento Colunistas Pro

A ‘Revolta dos Manés’ na Primavera Brasileira

Maioria da população não aceita o “semi-presidencialismo” sem amparo constitucional, no qual o ativismo do Judiciário (poder não-eleito) desequilibra a relação com o Executivo e o Legislativo

Por **Jorge Serrão** 21/11/2022 13h56 - Atualizado em 21/11/2022 13h57

REUTERS/Unas Manas

A photograph of a protest. A man in the foreground is wearing a green and yellow hat and holding up a sign that reads "S.O.S. FORÇAS ARMADAS". He is surrounded by other people, many of whom are also wearing green and yellow clothing. The background shows a large crowd of protesters.

A stylized poster for a protest. It features a central figure holding a Brazilian flag, surrounded by silhouettes of people. The text reads: "GREVE GERAL", "LEVANTE dos MANÉS", "DIAS 07 E 08 DE JANEIRO 2023", and "TOMADA PELO POVO (CONGRESSO NACIONAL) SEM DATA PARA TERMINAR". There is a logo for "SELVA" in the top right corner.

cado como “Revolução dos Manés” e “Levante dos Manés” em posts nas redes sociais.

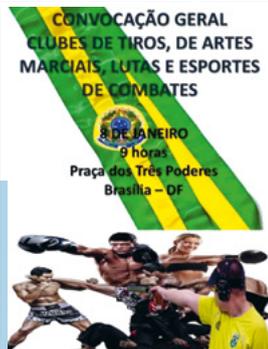
A memética de convocação para o dia 8/1 é reveladora do ethos de insurgência e sentimento de urgência assumidos pela extrema-direita e sua máquina de captura imagética e palavras de ordem da de esquerda. O uso da expressão “Tomada do Poder” torna-se recorrente. A mensagem em código para sinalizar a ação de ocupar é imitada das ações de sem-teto e sem-terra: em dia de ocupação, a senha para a troca de mensagens é chamá-la de “dia de festa”. Para o 8/1, criaram a senha “Festa da Selma” (em alusão ao grito militar “Selva”)⁷. Em um dos posts, o punho esquerdo erguido e fechado, símbolo da esquerda, aparece tingido de verde-amarelo. Em outro post, nova ironia: a citação a uma frase de José Dirceu, mas “agora apropriada pelos patriotas de todo o Brasil”: “Vamos tomar o poder, o que é diferente de ganhar uma eleição!”. O jogo de espelhos é percebido e enunciado: a direita agora luta como a esquerda insurgente. Mas “será maior!”.

Ataque ao Capitólio: o roteiro a ser importado (e superado)

Desde a Queda da Bastilha na Revolução Francesa, em 1789, a insurgência é associada às classes populares tomando a história em suas mãos e depondo os poderes instituídos das classes proprietárias. O famoso assalto ao Palácio de Inverno, em São Petersburgo, na Revolução Russa de 1917, tornou-se o arquétipo da derrubada da velha ordem e o estabelecimento de um novo regime. No imaginário das esquerdas, desde então, uma revolução envolve a tomada épica dos palácios do poder, o confronto entre a plebe inculta revolucionária e o elitismo opulento do antigo regime a ser derrubado.

A menos que estejamos enganados, data de apenas dois anos a primeira ação direta de multidões direitistas no ataque e tomada de um dos principais símbolos de poder do Ocidente: a invasão do Capitólio, nos EUA, em 6 de janeiro de 2021. Não se tratou de uma ação revolucionária propriamente dita, mas de uma insurreição da massa de partidários do presidente Donald Trump, que invadiu o edifício do Congresso em um esforço para contestar a certificação dos resultados da eleição presidencial de 2020, que Joe Biden havia vencido.

⁷ Bruno Fonseca e Laura Scofield, “Bolsonaristas usam código ‘Festa da Selma’ para coordenar invasão em Brasília”. Agência Pública, 8/1/23. <https://apublica.org/sentinelas/2023/01/bolsonaristas-usam-codigo-festa-da-selma-para-coordenar-invasao-em-brasilia/>



Posts de “Tomada do Poder” nas redes bolsonaristas dias antes do 8/1.
(Crédito: Reprodução / Redes Sociais)



QAnon Xamã, figura-ícone dos invasores do Capitólio, em 2021, e sua cópia brasileira, no 7 de setembro do mesmo ano.

(Créditos: Manuel Ceneta e Guilherme Gandolfi)



Bolsonaristas tomam o Congresso pedindo intervenção millitar.

(Crédito: Edison Bueno)

Foram inúmeras as manifestações e claros indícios de que o Brasil viveria um 6 de janeiro semelhante ao americano no caso de derrota da direita – e vivemos no 8 de janeiro, dois anos depois. E fomos além do Capitólio: foram invadidas, depredadas e ocupadas as sedes dos três poderes da República, em um feito histórico sem precedentes. Mas, diferentemente do “roteiro original” importado, aqui é preciso não esquecer o “dedo dos militares”, como alertou Piero Leirner⁸. Até certo ponto, os “manés” foram também marionetes nas mãos de alas radicalizadas do exército que estimularam sua revolta nas ruas⁹.

O planejamento do golpe, ou autogolpe, já estava em andamento desde 2018. Foram quatro anos de ataques sistemáticos às instituições para desestabilizar a democracia brasileira e criar um clima de paranoia, revolta e insurgência de massas. Era o governo e parcela significativa dos militares, incluindo generais, quem autorizava e insuflava as ações de rua, nos atos de 7 de setembro e, depois, na escalada em 2022 que levou ao 8 de janeiro.

Com a derrota de Bolsonaro para Lula, silenciamento do presidente e depois sua fuga (ou recuo estratégico) para os EUA, coube às parcelas indignadas com o resultado escalar nas ações de insubordinação: produzir o caos nas rodovias, com centenas de interrupções pelo país; acampar na frente de quartéis lançando “SOS às Forças Armadas”; incendiar ônibus e carros e atentar contra a sede da Polícia Federal (no 12/12/22); planejar explosão no aeroporto de Brasília em plena noite de Natal; e, enfim, a tomada dos palácios no 8 de janeiro. A expectativa em todas as ações era a “perturbação da ordem”, e o caos instalado pela somatória dessas ações exigiria a ação militar direta, por meio, por exemplo, da decretação de Estado de Sítio e/ou operação militar de Garantia da Lei e da Ordem (GLO). Com os militares então nas ruas, o passo seguinte seria a tão demandada “intervenção”.

Uma imagem insuportável: Lula sobe a rampa

Desde a eleição de Lula, um dos temas mais especulados nas redes bolsonaristas é se Lula subiria ou não a rampa. Bolsonaro já havia declarado que

⁸ “Comparar ataques em Brasília a Capitólio oculta dedo de militares, diz antropólogo”, Folha de S.Paulo, 14 de janeiro de 2023. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/comparar-ataques-em-brasilia-a-capitolio-oculta-dedo-de-militares-diz-antropologo.shtml>

⁹ Diante do silêncio do presidente Bolsonaro após a derrota, o General Braga Netto falou aos acampados em Brasília que algo estava por vir: “Vocês não percam a fé, tá bom? É só o que eu posso falar para vocês agora.” em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/18/braga-netto-conversa-apoiadores-bolsonaro.htm>

não passaria a faixa, tanto assim que saiu do país às vésperas da posse. Dias antes, General Heleno, um dos principais apoiadores de Bolsonaro e da tentativa de golpe e herdeiro da antiga “linha dura” da ditadura, perguntado na saída do Planalto se “bandido sobe a rampa”, respondeu: “não!” e acelerou o carro. Na CPI dos Atos Antidemocráticos, ele posteriormente declarou que não se referia a Lula em particular, mas a um bandido genérico. Mas o *dog whistle* tinha sido dado.

No imaginário da ampla maioria dos eleitores de Bolsonaro, Lula “é ladrão”, e só sai da prisão por vias contestáveis do STF. Angaria o apoio da grande mídia (que vira a casaca e abandona o lava-jatismo) e retoma os laços com as multidões (em especial nordestinas). Dá a volta por cima, torna-se amplo favorito para derrotar o Messias e é, por isso tudo, uma encarnação do malandro,

trapaceiro, cachaceiro etc. Lula teria feito pactos com organizações criminosas e ditadores comunistas, mas sobretudo pacto com o Diabo.

Por isso, foi literalmente demonizado pelo bolsonarismo como encarnação de satanás¹⁰, chamado de “9 dedos”, desumanizado enfim.

O efeito de recusa do resultado das eleições é central. Tal nível de negação vinha sendo preparado desde anos antes, por meio de ataques às urnas, ao STF e ao TSE – ataques que, inclusive, resultaram na inelegibilidade de Bolsonaro por oito anos, em julgamento de 30 de junho de 2023. O eleitor bolsonarista estava sendo treinado para negar a derrota. Tanto é que 90,1% dos eleitores de Bolsonaro consideram que houve fraude e Lula não ganhou a eleição¹¹.

A transmissão televisiva da posse de Lula e, em especial, sua subida da rampa, ato de consumação final da posse, deveria ser barrada a qualquer custo. Alguma força deteria Lula: Bolsonaro, os militares, a mão de Deus e até extraterrestres. Chegaram a acreditar que Lula estava morto e substituído por um ator, que Alexandre de Moraes havia sido preso, que General Heleno tinha virado presidente, entre outros delírios salvacionistas, alguns inspirados pelas tramas golpistas que circulavam em Brasília e quartéis.

Mas a festa da posse ocorreu normalmente, em dia ensolarado, com uma multidão acompanhando a cerimônia, shows, recepção de Lula no Congresso, até a chegada do momento mais simbólico e que resume a transferência

10 TSE multa Flávio Bolsonaro em R\$ 5 mil por divulgar vídeo associando Lula a demônio
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/tse-multa-flavio-bolsonaro-em-r-5-mil-por-divulgar-video-associando-lula-a-demonio/>

11 Pesquisa AtlasIntel de 10/01/23, p.23. Disponível em:
https://static.poder360.com.br/2023/01/Pesquisa_Atlas_Invasao_do_Congresso_do_STF_e_do_Planalto_08_09.pdf



O presidente Luiz Inácio Lula da Silva toma posse em Brasília e sobe a rampa do Planalto. A catadora Aline Sousa entrega faixa presidencial para Lula.

[Créditos: Hermes de Paula e Ricardo Stuckert/Divulgação]



Cidadãos de bem em fúria. Quebra-quebra estilhaça o espelho em que a direita se via.
[Créditos: Ton Molina e Adriano Machado]



do poder. Lula sobe a rampa lentamente, ladeado pelos Dragões da Independência e acompanhado da primeira-dama, de uma catadora de recicláveis, um jovem negro periférico, um líder indígena, um metalúrgico, uma cozinheira, um rapaz com paralisia cerebral e uma cachorra vira-lata. Ou seja, é acompanhado por um pequeno grupo que representa a diversidade do povo brasileiro, do ponto de vista étnico, de gênero, classe e condição – corpos que não se enquadram no modelo “cidadão de bem”, *pater* família cristão, em geral branco, do imaginário colonial brasileiro que ainda persiste.

A subida da rampa e a passagem da faixa, em uma cerimônia inusual e potente, tornou-se uma imagem espetacular de altíssimo poder comunicacional. Talvez seja uma das performances políticas e de construção publicitária mais engenhosas da história da democracia brasileira. Imagens que estamparam jornais do país e do mundo no dia seguinte e circularam incessantemente pelas redes. De imediato, transmitiam uma nova ordem social pós-Bolsonaro: simbolizavam a manutenção da democracia brasileira – e da ordem institucional –, depois de tantas ameaças, indicando um horizonte de inclusão, garantia de direitos, apoio à diversidade e às camadas populares.

Assistindo à cena, bolsonaristas choravam, oravam, prostrados ou enraivecidos, viam-se diante do “intolerável”. Eduardo Bolsonaro tuitou imediatamente um: “Fora Lula!”. Tratando de outro conjunto de imagens que denunciam tragédias humanitárias (embora a categoria transcenda os exemplos dados), o filósofo francês Jacques Rancière (2021) definiu a natureza das “imagens intoleráveis” como “intensidade estética de um espetáculo monstruoso”, daí a tendência a considerar tais imagens “intoleráveis porque mentem”. São imagens que exigem do espectador que saia da passividade, que se revolte, se torne sujeito atuante: “a ação é apresentada como única resposta ao mal da imagem”, despertando a vontade de colocar as coisas de volta em seu lugar, o mundo em ordem.

No domingo seguinte, a turba de manés, cidadãos de bem em fúria, subiria a rampa, invadiria as sedes dos poderes, quebraria tudo, em um desrecale de ódio e brutalidade. O choque entre o 1/1 e o 8/1 seguiu reverberando.

A direita se vê no espelho trincado: “cidadão de bem” vandaliza?

Direitistas moderados e mesmo parcela bolsonarista de cidadãos comportados e ordeiros passaram a se ver no espelho da vanguarda ativista e violenta da extrema-direita. Nas pesquisas realizadas nos dias seguintes, a imensa

maioria rechaçava as invasões e depredações, incluindo bolsonaristas. Segundo o Instituto AtlasIntel em pesquisa no dia 10/1, 76% da população discordava dos ataques; no DataFolha de 12/1, 93% condenavam os atos. Entre bolsonaristas, a maioria também era contrária. Estaria a direita, diante do reflexo de sua própria imagem, não mais se reconhecendo?

As cenas filmadas em tempo real, e depois coletadas a partir das redes e celulares dos extremistas, inundaram a mídia e os brasileiros no mesmo dia e nos dias e semanas seguintes, produzindo não apenas a inversão no espelho da rebeldia insurgente esquerda-direita, mas o seu estilçamento para uma parcela da direita.

Como fica, então, diante do quebra-quebra em Brasília, a “direita ordeira”? Viu-se em um reflexo distorcido: “patriotas”, “cidadãos de bem”, “manés” seriam capazes de tais atos de depredação e vandalismo? Defensores da ordem, da tradição, família e propriedade seriam agentes de tanta violência? A resposta escapista foi: havia esquerdistas infiltrados. Ou seja, existia o desejo de reverter aquela ordem invertida, de colocar os espelhos e os sujeitos nos seus devidos lugares. E devolver à esquerda o ônus histórico da insurgência, prática que fora sequestrada momentaneamente por alguns “alopradados”.

Mané e malandro no espelho da (des)ordem

Dias antes, circulou nas redes bolsonaristas um infográfico explicando qual deveria ser o “uniforme” para a ação. O jornal online *O Bastidor*, de Diego Escosteguy, revelou o material no dia 5/1/23, três dias antes dos ataques¹². Era a descrição de um black bloc patriótico, ou um green-yellow bloc:¹³ paramentado para um enfrentamento com forças policiais que, na verdade, sabia-se que não ocorreria. Daí o caráter teatralizado. A justificativa para o uso da bandeira como capa autoprotetora era baseada em decreto-lei, de 1969, que impede a destruição da bandeira e símbolos pátrios, sob risco de prisão, cuja

¹² Samuel Nunes, “A bandeira antibombas”, 5/1/23, em <https://obastidor.com.br/politica/a-bandeira-antibombas-4988>

¹³ Cabe a distinção, para além das cores. Os black blocs atacam símbolos do poder capitalista, prédios corporativos, franquias de fast-food, lojas de grife, bloqueiam reuniões da OMC, FMI e Banco Mundial. Os “yellow-green blocs”, como estamos chamando, jamais atentariam contra o capital, que em geral veneram na posição de “empreendedores” do reacionarismo. E também não atacaram as casamatas do Estado: militares e polícias. Restando a eles as vidraças dos palácios civis.

ESTEJA PRONTO PARA O GÁS LACRIMOGÊNICO

infográfico do revolucionário pacífico

ÓCULOS DE NATAÇÃO
Óculos de natação **vedam bem a região dos olhos** e não parecem tão suspeitos quanto máscaras de proteção.

LENSES DE CONTATO
Evite usar lentes! Elas prolongam o tempo de ação do gás lacrimogêneo e aumentam o risco de ulceração da córnea.

BLUSA EXTRA
O gás **impregna na roupa**. Leve uma blusa extra para trocar depois de ter contato com o gás.

BANDEIRA DO BRASIL
Use-a para se proteger! Qualquer ato **contra a bandeira nacional é crime**, conforme o art. 44º do Decreto-lei nº 898, de 29 de setembro de 1969. "Destruir ou ultrajar a bandeira, emblemas ou símbolos nacionais, quando expostos em lugar público: Pena: detenção, de 2 a 4 anos."

LIMONADA + LENÇO
Encharque um lenço com **suco de limão** e guarde em um **saco plástico**. Ao menor sinal de gás, cubra a boca e o nariz e respire normalmente.

CALÇAS COMPRIDAS
Vá de calças compridas. O gás irrita a pele e mucosas, então quanto **menos partes** do seu corpo estiverem **expostas**, melhor. O mesmo vale para os seus braços.

TÊNIS CONFORTÁVEIS
Use um bom par de calçados para aumentar o **conforto** e ajudar você a se locomover com maior **destreza**.

EM CASO DE CONTATO COM O GÁS, SIGA AS INSTRUÇÕES ABAIXO:

- 1. RESPIRE**
Coloque um **lenço encharcado com limonada** sobre o nariz e a boca e **respire através dele**.
- 2. FUJA**
Saia do local e depois **caminhe de braços abertos** para eliminar o químico das roupas.
- 3. COMPANHIA**
Se você estiver sozinho, **maior a chance da polícia ir atrás de você. Fuja em grupo!**
- 4. VENTO**
Mantenha-se **contra o vento** para **dispersar rapidamente o gás**.
- 5. ENXÁGUE**
Enxágue **abundantemente a área afetada com água**, mas tenha cuidado para **não esfregar**.

“Infográfico do revolucionário pacífico” circula dias antes nas redes bolsonaristas orientando a paramentação do yellow-green bloc.

[Crédito: O Bastidor]

pena varia de dois a quatro anos. Portar a bandeira, em geral amarrada ao pescoço como capa de super-herói, seria uma forma de impedir que o manifestante apanhasse da polícia.

Na véspera do 8/1, mais de uma centena de ônibus, vindos de vários Estados do Brasil, e patrocinados em geral por indivíduos e empresas ligadas ao agronegócio e igrejas evangélicas, chegavam em Brasília e mantinham contato com o QG da rebelião: o enorme acampamento diante do complexo militar de Brasília. A Polícia Militar escoltava os manifestantes até a Praça dos Três Poderes, e mesmo com abundância de evidências de que não seria uma manifestação pacífica, nada fizeram – ao contrário. O sentido de que as forças policiais e militares estavam ao lado e camufladas entre os manifestantes e que não haveria confronto direto, muito menos derramamento de sangue, permitiu que os ataques aos palácios tivessem um ar de “parque temático” para desrecalcar ressentimentos e ódios acumulados. De um lado o quebra-quebra geral, de outro, um certo voyeurismo da barbárie, como um turismo de ocasião, instagramável e com selfies, em meio ao caos e da destruição dos palácios – entremeadas por orações e gritos de guerra, euforia e descarrego.

Sabendo que não seriam reprimidos com violência, como mereceriam os sem-teto ou sem-terra, os “cidadãos de bem” estavam, de outro modo, em um playground de uma revolução sem repressão. Enfim, um teatro da produção consentida da baderna, uma rebelião *gamificada* e sem punição, transmitida ao vivo pelos “jogadores” para suas plateias particulares em seus perfis e canais. E, como em todo *game*, os jogadores esperam “pular de fase”, consumando a “tomada do poder”.

Senhoras andando pelas rampas, evangélicos orando, patriotas alinhados com suas camisetas da CBF depois do quebra-quebra, todos se filmando e postando em tempo real, tinham cumprido sua parte. Eram “perfis” ambulantes em comportamento de algoritmo emergindo das redes sociais e que

TINHA UM AR DE ‘PARQUE TEMÁTICO’: DE UM LADO O QUEBRA-QUEBRA GERAL, DE OUTRO, UM CERTO VOYEURISMO DA BARBÁRIE, INSTAGRAMÁVEL E COM SELFIES, ENTREMEADO POR ORAÇÕES E GRITOS DE GUERRA, DE EUFORIA E DESCARREGO.





Parque temático: invasores fazem selfies e tour pelos palácios invadidos. Abaixo, se sentam com bandeiras do Brasil diante de militares aguardando a GLO e aplaudindo a chegada da tropa.

(Crédito: Adriano Machado e Eraldo Peres)



estavam ali, agora, produzindo conteúdos, selfies e evidências da ação direta, do caos instaurado, e, involuntariamente, se autoincriminando.

Enquanto circulavam pelos palácios, entre socos, chutes e selfies, aguardavam militares entrarem em cena, aí sim para valer, no segundo ato golpista¹⁴. Seria o momento da metamorfose: o mané então seria novamente o malandro, aquele que dá a volta por cima, aquele que engana o público escamoteando suas reais motivações. A pirotecnia destrutiva, as traquinagens nos palácios, os moleques travessos tinham feito sua parte, para agora chamar a figura do “pai”: as Forças Armadas. O mané, agora malandro, fez sua performance para que, enfim, saiam os militares às ruas para travar a batalha real de um golpe a ser consumado. E, como na música de Chico Buarque, terminado o que tinha que fazer, o malandro “acha graça e dá no pé”, não quer ser pego pelo que aprontou – mas, como veremos, será “julgado e condenado culpado pela situação”.

A direita, assim, recompõe seu espelho, teria sido mané, mas no fundo é malandra. Uma oscilação oportunista entre ordem e desordem, própria de quem quer levar vantagem na situação. Com “Perdeu mané” pichado na arquitetura monumental de Brasília, a turba raivosa quer se diferenciar no mané-perdedor, como diria o sambista Bezerra da Silva: “Malandro é malandro e mané é mané.” O “cidadão-de-bem-malandro” oscila entre a ordem e a desordem, entre a aceitação das regras sociais e a sua quebra, legalidade e a ilegalidade, a norma e a transgressão. O próprio Bolsonaro, com seu clã familiar envolvido em todos os tipos de pequenas e grandes trapagens, ao mesmo tempo posando de bom cristão e pai de família, é esse camaleão de mané-malandro que a multidão encarnou na sua irrupção de fúria medida para gerar o caos planejado. Afinal, lembremos que o bolsonarismo também criou o herói da incorreção política, o herói malandro, bombado, tóxico, trollador, xingador etc.

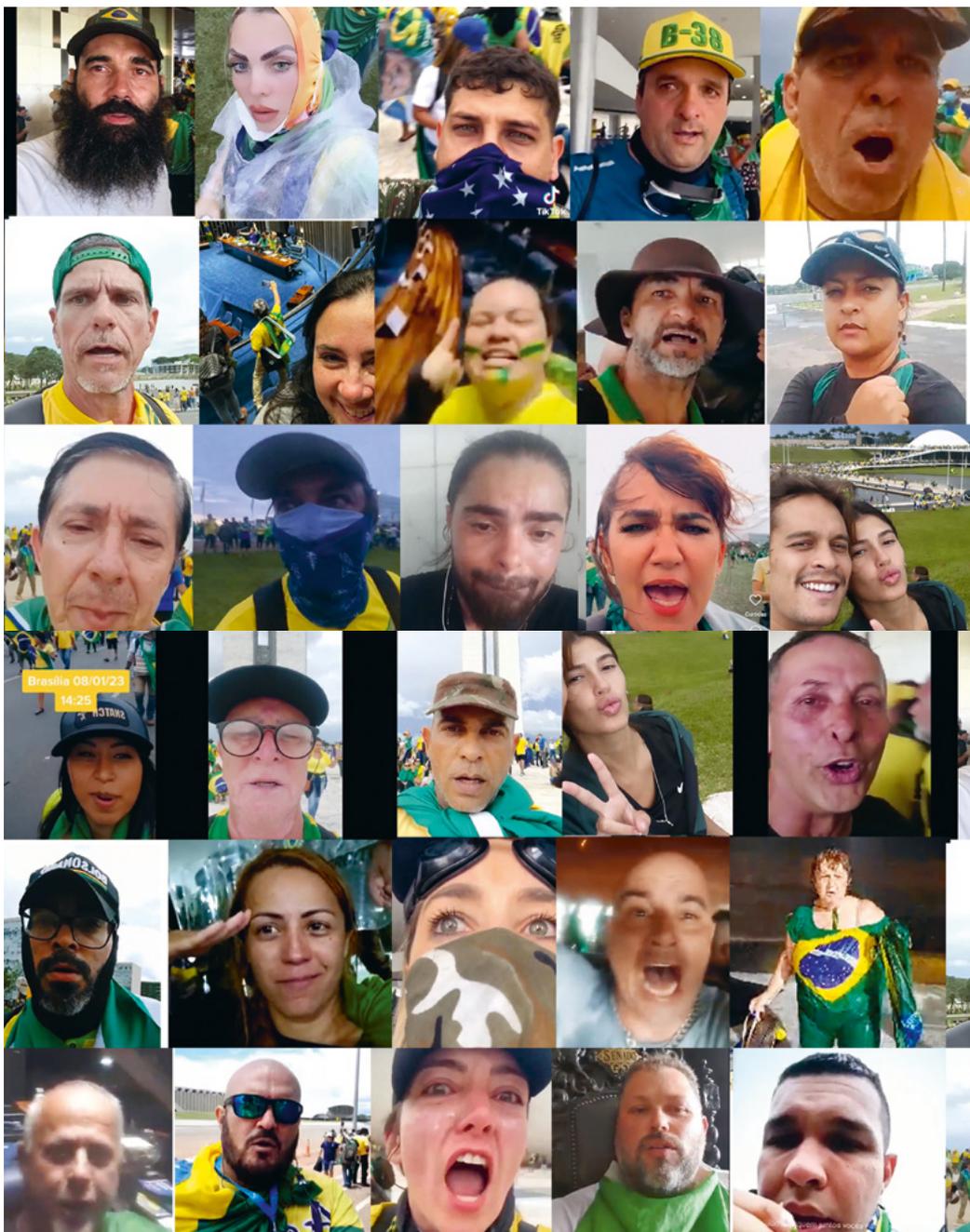
Depois de janeiro, a paz será total?

Depois de quase quatro horas de destruição, a chegada de reforços militares e policiais para interromper o quebra-quebra produziu reações antagônicas. Para alguns, já era perceptível que a prisão em flagrante iria ocorrer –

14 Segundo relato do delegado da Polícia Civil do DF que ouviu os depoimentos dos detidos, foi recorrente a informação de que “O objetivo era apenas ocupar os prédios, sentar e esperar até ‘vir uma intervenção militar’ para não deixar o Lula governar”. Folha de São Paulo, 2 de julho de 2023. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/07/golpe-militar-evitaria-comunismo-es-cravidade-sexual-e-daria-salvacao-espiritual-dizem-presos-no-81.shtml>

A vanguarda revolucionária do atraso, em selfies tirados pelos próprios invasores das sedes dos três poderes.

(Crédito: Estadão)



e procuraram escapar (o malandro “acha graça e dá no pé”, como na letra de Chico Buarque). Os que fugiram para o acampamento defronte ao QG de Brasília conseguiram ser protegidos pelos militares e ganhar tempo para sair da capital. Outros, contudo, aplaudiam os militares, cantavam, rezavam e comemoravam que a tropa tinha finalmente saído da caserna e tomava as ruas. Mas a ilusão durou pouco.

O Coronel da reserva Adriano Testoni, um dos envolvidos no quebra-quebra ao lado da esposa, ambos com camisetas da CBF, percebendo que a entrada em cena dos militares não era no sentido de aprofundar a crise em sentido golpista, tem um ataque de fúria contra o alto comando e aos berros gravou um vídeo de desabafo que viralizou: “Bando de generais filhos da puta. Covardes. Olha o que está acontecendo com a gente. Alto Comando do caralho [cosp]. Olha o povo, minha esposa (...) Forças Armadas, filhas da puta. Bando de generais filhas da puta. Covardes. Esse nosso Exército é uma merda, que vergonha. Vergonha de vocês, militares, companheiros de turma, vão tudo tomar no cu. Vanguardeiros do caralho, vanguardeiros do cu”.¹⁵ Consequência: foi exonerado e tornou-se réu por injúria na Justiça Militar.

Cerca de 40 ônibus levaram os manifestantes presos em flagrante para a superintendência da Polícia Federal, onde foram fichados e enviados para o Complexo Penitenciário da Papuda e para a Penitenciária Estadual Feminina do Distrito Federal, conhecida como Colmeia. Dos mais de 2 mil detidos, 684 acabaram liberados por “questões humanitárias”, como velhice e problemas de saúde, mães de criança etc. Os demais foram encaminhados para a prisão preventiva ou mantidos supervisionados com tornozeleiras enquanto os processos corriam. Até junho de 2023, 350 seguiam presos e 1.390 foram denunciados e estavam sendo julgados.¹⁶

Na prisão, os “patriotas” reclamavam de falta de wifi, de água gelada, falta de conforto nas celas, sujeira nos banheiros e da qualidade da comida. Muitos estavam estarecidos com a situação, pois jamais imaginaram ser presos e processados. Um dos bolsonaristas detidos se queixou, durante a audiência de custódia, que foi preso “contra sua vontade”. O juiz rebateu: “Não sei se o senhor sabe, mas é assim que a prisão funciona”.¹⁷

15 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ckbJ6LDfXlg>

16 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-06/stf-inicia-depoimentos-em-processos-sobre-atos-golpistas-de-81>

17 https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/16/interna_politica,1445569/bolsonaristas-presos-reclamam-da-falta-de-wi-fi-e-de-agua-gelada.shtml



**POR QUE A DIREITA RADICAL SE
TORNOU AUDAZ E INSURGENTE
ENQUANTO A ESQUERDA
ESTÁ PRESA AO REALISMO
POLÍTICO E À GESTÃO DO
SISTEMA? É O CAMPO
PROGRESSISTA QUE
EXIGE 'PUNIÇÃO
EXEMPLAR' E A
NORMALIZAÇÃO
CAPITALISTA.**

A situação era inusitada para os que agora se viam encarcerados e para os bolsonaristas que assistiam, incrédulos na TV e nas redes sociais, os “cidadãos de bem” atrás das grades de ferro. Afinal, algumas das bandeiras que unificam grande parte da direita brasileira são “bandido bom é bandido preso (ou morto)” e “direitos humanos para os humanos direitos”. O que fazer agora, quando os cidadãos de bem são tratados como (ou são de fato) bandidos e terroristas? Quando os heróis do povo brasileiro passam a ser vistos como vilões e depredadores do bem público?

O que deu errado na insurgência? Bolsonaro faltou com o compromisso de defender o Brasil da ameaça comunista e dos corruptos? Os militares se acovardaram, recuaram diante da falta de apoio externo, em especial dos EUA? Quem fez quem de mané? Os “patriotas”, agora “patriotários”, foram abandonados pelos seus pares, ficaram isolados, foram cercados e presos. A fantasia de que o estopim popular geraria a mobilização necessária para o golpe, teatralizada pela vanguarda (vã-guarda) bolsonarista, agora retorna ao real.

Além de Lula eleito, empossado, fortalecido pela reação em defesa das instituições e da nossa ainda frágil e incompleta democracia, tinha dado a volta por cima. Os apoios internacionais foram inúmeros e imediatos. A justiça seria feita com os revoltosos, com prisões em massa e julgamentos céleres. As tecnologias de informação e identificação facial funcionaram rapidamente, alimentadas pela própria geração incessante de imagens autoincriminatórias dos vândalos em ato.

Foram pegos em uma arapuca? Foi tudo uma montagem? Quem, afinal, era o diretor daquele teatro de fúria consentida? Caso militares tenham autorizado que fizessem, por que não seguiram o roteiro combinado? O que falhou e quem faltou ao encontro? De fato, o último ato não se consumou como previam: o feito heroico tornou-se farsesco e vexatório. Os patriotas verde-amarelos não foram salvos pelo exército profissional brasileiro para consumir o golpe.

Voltamos ao ponto de partida do nosso texto: por que a direita (ou a direita radical) se tornou audaz e insurgente enquanto a esquerda está presa ao realismo político e à gestão comportada do sistema? Mais do que ver os ativistas do 8/1 como um submundo pitoresco, é preciso reconhecer na direita radical uma capacidade de atuar em favor de suas visões (mesmo que persecutórias e apocalípticas), o que tem faltado abertamente à esquerda, em geral cooptada pelos acordos institucionais e com frações do capital. A esquerda radical e insurgente foi esmagada e isolada pela própria esquerda institucional. É necessário reconhecer o jogo de inversões de que estamos tratando, que envolve a transferências de impulsos políticos e estéticos da esquerda para a direita. Como disse Ricardo Dudda: “hoje a direita é punk e a esquerda é puritana” (*apud* STEFANONI, 2022, p. 53).

Eles estão em luta, na batalha das ideias (ou guerra cultural) e em praça pública. De outro lado, por um giro, mesmo que o combate em Brasília tenha sido antidemocrático e suicidário (e a fração radical da direita empurrada para ser, ao fim, queimada), a reação da ordem depois de janeiro foi exemplar e veio pela esquerda. Com prisões em massa e julgamentos expressos, quem terá coragem de novo levantar?

Será que, depois de janeiro, “a paz será total” (parafrazeando Paulo Arantes, em seu ensaio sobre pacificação e insurgência em junho de 2013)? Entramos no império da lei e da ordem, do combate ao “terrorismo”, e o campo progressista exige “punição exemplar”, enquanto gerencia a pacificação social, a normalização capitalista e colabora para ampliar os ganhos rentistas, do agronegócio, da Fiesp, da Faria Lima e da fisiologia política. Estes seguem erguendo novos prédios espelhados e empilhando vitórias – entre elas, a de colocar as forças progressistas na posição de conservadoras, resignadas a gerir o status quo. Os vitoriosos dos 8 de janeiro, ao final, não foram o governo Lula, as forças populares ou a nossa precária e limitada Democracia, mas os donos do poder e do dinheiro, que mais uma vez impõe sua agenda sem oposição, chantageiam e transferem à esquerda o custo de manter tudo como está.

Aqui encerramos o exercício brechtiano de estranhamento. Exigir julgamento e punição exemplar dos golpistas é apenas uma resposta parcial ao problema, já dada pelas forças da ordem (polícia federal, ministério público, tribunais, sistema penitenciário etc.). Talvez o 8/1 permita indagar, neste jogo de

espelhos e inversões brechtianas, se o grande problema hoje não está na própria situação da esquerda. Brecht empregou o efeito de estranhamento para desafiar os trabalhadores a verem o mundo sob uma nova perspectiva. Seu objetivo era provocar reflexão crítica para elevar a consciência política e, potencialmente, inspirar ações que contribuíssem para a revolução. O 8 de janeiro permitiria à esquerda, ao sair deste “espetáculo” de Teatro Épico, olhar-se novamente no espelho e perguntar-se por que parte da sua imagem esvaneceu, no limite do desaparecimento: a da capacidade de imaginar, se insurgir e lutar por outros mundos, para além do capital?

Em uma sociedade tão desigual, intolerante, violenta e racista como a brasileira, manter o horizonte emancipatório exige não abdicarmos da capacidade da indignação e da revolta – e da disposição à rebelião, ao levante, à insurgência ou o nome que queiramos dar para a capacidade de corpos e multidões se levantarem contra a opressão e a miséria.

A direita radical, mesmo amalucada, mobiliza mentes e corações e age de forma ousada para transformar a história a seu favor, mantendo, é claro, a ordem desigual. Nós, de outro lado, vendo nossas práticas de luta e agitação sequestradas, não nos reconhecemos mais nelas e recuamos. A ponto de assimilarmos as “regras do jogo” e passarmos a defendê-las, quando nos levam ao abismo. Que mundo estranho é esse em que os reacionários são combativos e lutam por seus ideais e os progressistas, na retaguarda, estão cada vez mais conformistas e passivos? Diante da iminência do “fim do mundo” – não o do apocalipse cristão, mas o apontado pela ciência e pelos povos indígenas –, o que faremos? Perdemos a capacidade de imaginar futuros pós-capitalistas e anti-apocalípticos? Seguiremos a reboque da história assassina do capitalismo global sem construir alternativas de fato? É preciso sair das cordas (e da retranca), retomar a imaginação coletiva, a crítica radical e a tradição rebelde das esquerdas para alterar o curso da história.

8/1: Fé e Fúria em Brasília

Maria Luiza Meneses
Fernando Frias

Uma cruzada contra o “Demônio de 9 dedos” e o “Capeta careca”

A caravana para Brasília que resultou nas invasões das sedes dos três poderes, em 8 de janeiro de 2023, também contou com impulso de pastores Evangélicos patrocinando a ida dos fiéis em uma cruzada contra o Demônio de “9 dedos” e o “Capeta careca”¹. A imagem do Lula demônio não é nova, pois nas eleições de 1989 na disputa pelo segundo turno, a igreja universal já exorcizava o então candidato à presidência com sessões de descarrego *avant la lettre*. De lá para cá, o processo de satanização de Lula e da esquerda se espalhou não só por igrejas evangélicas alhures, mas no movimento das direitas e extremas-direitas brasileiras. No roteiro dessa ascensão de massas da extrema-direita estava a escolha de uma liderança, o seu Messias.

Nos subterrâneos das redes e das casernas, a extrema-direita se movimentava de maneira raivosa guiada pelo guru Olavo de Carvalho, por militares da reserva e alguns da ativa, pastores evangélicos e novos comunicadores das redes pedindo intervenção militar contra a corrupção desenfreada do governo petista e o processo de implantação do comunismo no Brasil. Pequenas hordas iam se formando no pós-eleição de 2014 até o ápice verde-amarelo tomar conta das ruas no *impeachment* da Dilma em 2016. Uma frente ampla de raiz reacionária e conservadora colocava o seu o bloco na rua. A extrema-direita adormecida na tradição reacionária brasileira aparecia fantasmagoricamente como anjos ungidos de Deus contra a demoníaca esquerda e seus asseclas identitários na eterna luta do bem contra o mal.

Para cumprir a missão, era preciso um exército de mobilização permanente, altamente treinado em mídias sociais, composto por saudosistas da caserna, evangélicos neopentecostais, comediantes de stand-up, *influencers*

¹ Assim a ex-ministra Damarens Alves chamou Alexandre de Moraes. Vídeo disponível no YouTube: Consulta em 10 de junho de 2023.

anarcocapitalistas, machos alfas *redpill* e LGBTfóbico, monarquistas e toda uma sorte de fanáticos tomados por um transe-delírio anticomunista e LGBTfóbico numa cruzada pela Ordem e defesa da civilização cristã ocidental. Sob as bênçãos do Senhor dos Exércitos essa horda atuou para atrair os militares à ação em busca da Ordem perdida.

O ensaio e a atuação dessa Guerra Santa não são tão contemporâneos assim, de modo que uma rápida visita à curta duração histórica de nossa república nos levará a dois exemplos: Udenismo e Marcha com Deus pela Família. Em ambos, a moral cruzadista já estava presente. A história se repete como farsa, diria um marxista endemoniado. O problema é que na Terra de Santa

Cruz, farsa e a tragédia andam juntas, a marcar nossa combinação permanente entre modernidade e atraso. No imaginário social da obsessão pelas Cruzadas (a produtora extremista Brasil Paralelo, por exemplo, narra o sentido da história brasileira como *A Última Cruzada*, título dos seis episódios da série) é preciso purificar corações e mentes com a mensagem do Senhor dos Exércitos, que atuaria por meio de seus fiéis e, por que não, do exército verde-amarelo de patriotas cristãos. Rodrigo Nunes também destacou o “heroísmo fantasioso deste suposto ‘espírito das Cruzadas’”, agora “repaginado” contra novos alvos e ameaças difusas criando um “terror atmosférico” ao *pater* família cristão (2022: 65 e 67).

Já nos alertava o filme *Intervenção* dos cineastas Tales Ab’Saber e Rubens Rewald lançado em 2017, mas com captações em 2015, antecipando o imaginário dos “cidadãos de bem” saudosistas da Ordem perdida. Num conjunto de imagens recolhidas de redes sociais, podemos ver um desfile paranoico de depoimentos clamando por intervenção militar. Vemos militares da reserva, teóricos da conspiração, o guru Olavo de Carvalho e imigrantes brasileiros nos EUA com ódio atávico ao povo brasileiro e impropérios substituindo argumentos. Numa das cenas, um Comendador conclama, ainda em 2015 e na esteira do *impeachment*, os “cidadãos de bem” para uma invasão ordeira do Congresso. Ou seja, para uma parte da extrema-direita, o ataque a Brasília já era entrevisto como solução final para a degeneração da nação. Como veremos, na leitura evangélica, Brasília é também a Gomorra a ser destruída.

Eis aí a profecia do Senhor dos Exércitos se revelando, de modo que, só faltava o Messias, que apareceu sob a alcunha de Jair Messias Bolsonaro. Messias no sobrenome já indicava uma escolha do Senhor. O anticristo da esquerda

varreu durante quatro anos todo reformismo mínimo lulo-petista e com pregações golpistas nas redes ameaçou varrer e aniquilar todo aquele que não fosse cidadão de bem e de bens.

O enredo dessa trama é bem conhecido do público geral e não pretendemos retomá-la. Queremos, no entanto, voltar à profecia do Comendador e ao Senhor dos Exércitos. A profecia se realizou com três anos de atraso e aconteceu em 8 de Janeiro de 2023 sem nenhuma ordem. Os “manés”² cruzadistas marcharam sob os infieis, os inimigos a serem exterminados, o Demônio de “9 dedos” e o “Capeta careca” que comanda o TSE e processos do STF que incomodam os bolsonaristas. Seria preciso uma intervenção militar sob as bênçãos do Senhor dos Exércitos.

EIS AÍ A PROFECIA DO SENHOR DOS EXÉRCITOS SE REVELANDO, DE MODO QUE, SÓ FALTAVA O MESSIAS, QUE APARECEU SOB A ALCUNHA DE JAIR MESSIAS BOLSONARO. E MESSIAS NO SOBRENOME JÁ INDICAVA UMA ESCOLHA DO SENHOR.



A tomada de Sodoma-Brasília pelos bons cristãos

No campo simbólico e da iconografia cristã são algumas as analogias possíveis para explicar o 8 de janeiro. Uma delas é a comparação com a história bíblica de Sodoma e Gomorra, que em diversos pontos se relaciona, atualiza e sobre põe o imaginário bélico pentecostal e neopentecostal contemporâneo sobre política, poder e fé.

Na narrativa bíblica, entre as cidades no vale de Sidim, Sodoma e Gomorra teriam sido habitadas por pessoas de comportamentos duvidosos, perversos, desvirtuados e imorais. Os homens, “(...) desde o moço até ao velho; todo o povo de todos os bairros” (Gênesis, 19:4), são descritos como profundamente cruéis com estrangeiros, praticando violências diversas, inclusive sexuais. A fim de verificar a veracidade dos clamores recebidos por Ele contra as barbáries nestes locais, Deus envia três anjos a ambas as cidades, e informa a Abraão, que, por sua vez, Lhe pede piedade aos habitantes caso nelas encontrasse ao menos “dez justos”, pedido acolhido pelo Senhor. Os três anjos foram a Sodoma, de encontro com Ló, sobrinho de Abraão, e antes mesmo que pudessem dormir

² Ver neste livro o capítulo “8/1: A Revolução dos Manés”.

a primeira noite, a casa de Ló foi rodeada por homens de toda a cidade que buscavam pelos três forasteiros para “conhecê-los”. Tendo confirmados os clamores por meio de experiência própria, os anjos orientam Ló a reunir todos os familiares e fugirem. “Então, o Senhor fez chover enxofre e fogo, do Senhor desde os céus, sobre Sodoma e Gomorra” (Gênesis, 19:24), que foram destruídas. Deus disse não ter encontrado nem dez pessoas justas em ambas as cidades e teve seus anjos ameaçados, o que Lhe assegurava a destruição das cidades.

Além de Gênesis, os pecados cometidos em Sodoma e Gomorra são descritos em outras passagens como “opressão social” (Isaías, 1:10), “adultério, mentira e proteção aos criminosos” (Jeremias, 23:14), além de “soberba, complacência e falta de piedade” (Ezequiel, 16:49). Em todo o Velho Testamento, Deus, ou Senhor dos Exércitos, aparece como uma figura justa, bélica e voraz, que se comunica e lidera o seu povo, passando instruções e estratégias que devem ser seguidas à risca. Qualquer atitude do Povo de Deus deve ser antecedida por Suas ordens, caso contrário cairão em desgraça e perderão as batalhas.

É um fato que a narrativa de Sodoma e Gomorra habita o imaginário social e cristão. Em exemplo na história recente, durante os últimos anos do século passado foram chamados de “sodomia” os comportamentos homoafetivos masculinos, por grupos religiosos homofóbicos que classificavam tais relações como “antinaturais”. O apelido com referência bíblica é pejorativo porque o que praticavam os moradores de Sodoma e Gomorra não se tratava de relações consentidas, mas sim de estupros, abusos sexuais, comportamentos que teriam atraído a fúria de Deus. Pensando a história política recente no Brasil, o imaginário sobre a destruição destas cidades alcança outros lugares de compreensão.

Vigília de oração e clamor pelo Brasil

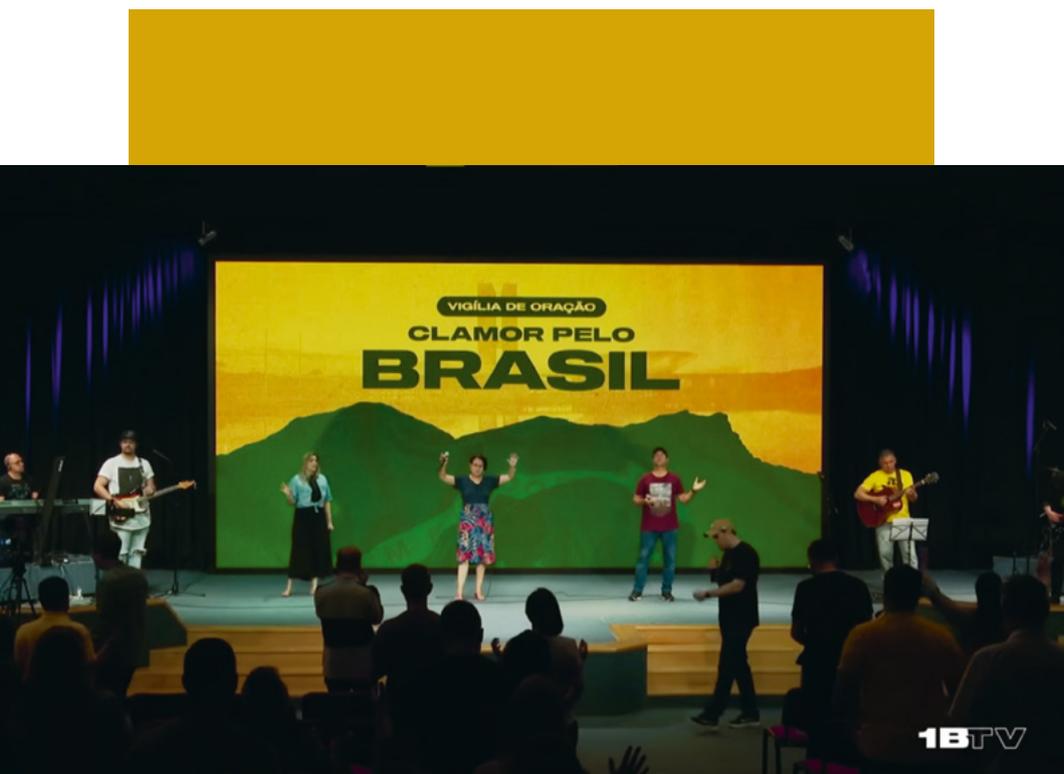
Entre os fiéis evangélicos, ao falar sobre suas dificuldades de vida, expressões como “batalhas” e “lutas” são utilizadas, bem como o clamor feito ao “Deus que dá vitória nas batalhas”, o “general”, “rei dos reis”, “Senhor dos Exércitos”, aquele que é “poderoso nas batalhas”. Tais termos fazem parte do léxico evangélico, reconhecidos por fiéis no exercício de sua fé, coerentes com o contexto bíblico e ao serem utilizados constroem conexão com as pessoas que habitam estes meios. É por esta última característica que o uso político de expressões religiosas evangélicas tem sido uma das principais ferramentas da extrema-direita para captar o interesse dessa população, misturando religião

e política. Outros recursos têm sido adotados politicamente, como a comunicação direta e simples, maior informalidade nos gestos e falas, além da espetacularização da fé que nos meios evangélicos vão desde os programas de televisão, passando pelo modo de pregação performático e amplamente gestualizado, até a onipresença estética e discursiva nas redes sociais. O modo espetacular de apresentar ideias é um ponto que conecta profundamente a direita com o modo de comunicação evangélico. O uso de uniformes (no caso político, com a bandeira e cores nacionais), a gestualidade e expressões religiosas, até mesmo o uso de palco, microfone, banda e clamores em contexto político são alguns dos recursos mimetizados pela extrema-direita.

Um exemplo desse uso está registrado na chamada “Vigília de oração – clamor pelo Brasil”³. A câmera para transmissão online está posicionada de modo a captar toda a extensão lateral do palco, bem como a altura para mostrar abaixo os fiéis que assistem ao culto. Sobre o palco há três cantores, sendo duas mulheres e um homem, e uma banda composta por guitarra, baixo, teclado e bateria. À frente do palco há três pastores que revezam em oração e, em primeiro plano, vê-se silhuetas pouco iluminadas de fiéis que acompanham o culto. Ao fundo, entre cortinas azuis e holofotes, projetada sobre o palco, uma imagem em verde e amarelo mostra o Congresso Nacional e a bandeira do Brasil, sobrepostas pelo título do culto. Durante as mais de duas horas de transmissão, orações, músicas e louvores entoam o clamor pelo país. Em certo momento do vídeo (21’26”), um pastor direciona a oração para os três poderes – porém lembrando que “quem é o Todo Poderoso é o nosso Deus” (idem) –, a começar “especificamente pelo judiciário” (24’48) “(...) porque Deus é o nosso justo juiz”. Ao longo da oração, Deus é convocado a realizar Sua “intervenção sobrenatural” sobre a nação.

Em seguida, outro pastor inicia a fala pedindo para que um fiel lhe entregue a bandeira do Brasil, que “não representa um partido, representa a nossa nação, é o nosso país. Eu e você podemos até discordar de partidos, mas não podemos discordar de princípios do Senhor” (27’14”), colocando a bandeira sobre as costas e seguindo em oração pelo legislativo. O entrelaçamento entre o léxico de um grupo como recurso político, diz respeito aos propósitos de quem faz esse uso intencional de expressões e gestos para cooptar pessoas de boa fé.

3 Realizada em formato híbrido e transmitido ao vivo pelo canal da Primeira Batista (https://www.youtube.com/watch?v=T6w8ir_MWaA), em 28 de outubro, sexta-feira anterior ao segundo turno das eleições de 2022



Pastores em oração pelo Brasil na véspera do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

[Crédito: Reprodução / 1BTv]

A gestualidade empregada repete como farsa a tragédia bem-sucedida na eleição anterior de emparelhar a fé e o conservadorismo à política. Após quatro anos de governo de Bolsonaro, o uso político das cores nacionais e a associação dos valores cristãos como construtores da nação foram consolidados no imaginário de forma que tais significados foram aderidos aos símbolos nacionais. Nesse contexto político-religioso, a bandeira torna-se simbolicamente o manto sagrado unguído por Deus para proteger o povo escolhido.

O Senhor dos Exércitos se prepara para a guerra

Antes de prosseguir, retomemos a análise da figura do Senhor dos Exércitos. Enquanto em músicas religiosas, orações, louvores e clamores de fiéis, o Senhor dos Exércitos é o líder que guiará o Povo de Deus para longe das trevas, o uso político deste imaginário fez com que a figura de um militar na presidência fosse o cumprimento de uma profecia. Isso aconteceu menos por uma crença religiosa de que Bolsonaro fosse de fato o escolhido, e mais pela conexão que a representação simbólica de um militar na presidência poderia fortalecer entre o léxico evangélico e a extrema-direita, afunilando simbolicamente tal relação no campo psíquico e afetivo. O documentário da BBC News Brasil⁴ sobre o voto feminino evangélico apresenta líderes religiosas falando sobre como foram convencidas a votar em Bolsonaro devido às questões relacionadas à família, algumas com o apelo ao presidente diminuído após a pandemia.

Por outro lado, o apoio masculino se manteve forte, principalmente devido à identificação com a pauta armamentista, com a lei de Talião (“olho por olho, dente por dente”) e com o comportamento direto e bruto do então presidente. Durante todo o governo, foram comuns tanto o aumento do porte de armas, facilitado pelo governo, quanto as cenas de seguidores bolsonaristas clamando por um “sinal”, alguma mensagem do presidente, que os indicasse algum caminho, quais passos seguir, o que fazer, bem como aguardavam que Bolsonaro desse ordens às Forças Armadas, declarasse Estado de Sítio, ordenasse intervenção federal e a Garantia da Lei da Ordem (GLO), como um Senhor dos Exércitos a liderar suas tropas – estrategicamente armadas.

⁴ Ver “Como pensam evangélicas, que podem definir eleição para presidente”, publicado em 11 de maio de 2022 e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ADriEhBG10&t=3s>. Consulta em 2 de julho de 2023.

Tais gestos, desde aguardar e desejar ordens, até a posição de subalternidade que admira e se vê representada no líder, ansiando ser igual a ele, podem ser compreendidas, em análise freudiana, na relação psicológica de temor, admiração e desejo pela figura paterna. Para Freud, “o líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, têm ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bron, sede de submissão”. Ainda em sentido freudiano, a ligação desejanter entre os seguidores e o líder estaria concentrada no símbolo de poder, fálico e armado, mimetizadas pelo presidente no gesto feito com os dedos desde a primeira candidatura, ampliado com a facilitação do porte de armas e com a marca de virilidade que os admiradores relacionam a ele. Simples, mediano, mas viril e capaz de proteger a família e os bons costumes, este é o líder a ser seguido, quem dará ordens para a batalha contra o mal.

Segundo o Velho Testamento, o Povo de Deus só poderia agir por ordem Dele, do contrário cairia em desgraça e perderia as batalhas. Em Apocalipse, Jesus é descrito como um rei e comandante de um exército celestial em batalha contra as forças do mal (Apocalipse 19:11-16). Embora o título “Senhor dos Exércitos” não seja usado diretamente a Jesus, a imagem é claramente evocada.

Trazendo para o campo político brasileiro, diversas características de Bolsonaro permitiram que fosse construída ao seu redor uma ideia de que ele seria o escolhido pela vontade de Deus, a começar pelo já comentado uso do segundo nome “Messias”, seguido pela crença cristã apreciada especialmente pelos homens de que Deus usará os mais imperfeitos e falhos como ferramentas para os seus feitos. Sendo o ex-presidente atrapalhado, “homem simples”, sem grandes aptidões, anseios e luxos, mas ainda sim com demonstrações de virilidade, patriotismo, devoção, amor à família, renascido na fé no Rio Jordão, estaria ele facilmente trajado de escolhido para guiar o povo brasileiro e cristão.

Além de utilizada na campanha e durante todo o governo de Bolsonaro, a formulação de que “os humilhados serão exaltados” foi mobilizada para justificá-lo como “menos capacitado” e ainda, sim, escolhido digno. Desta forma, ainda que Bolsonaro não seja Deus ou Jesus Cristo, por ser o suposto “escolhido”, seria ele o tradutor das vontades divinas e o único que poderia indicar os caminhos na batalha contra as forças do mal vindas da esquerda. Desta forma, os diversos pedidos de seus seguidores por um “sinal”

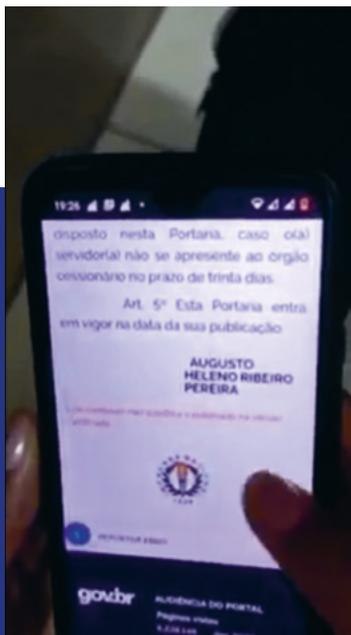
vindo de Bolsonaro, indicando como deveriam agir, o que poderiam fazer e quanto, habita um lugar muito estreito entre o líder revolucionário e o escolhido a traduzir os desejos divinos que guiariam o destino do país. Não foram poucos os casos de expectativas frustradas pela ausência de comando por parte do presidente, ou de tentativas de interpretar as “mensagens enigmáticas” em meio aos discursos vazios dele.

A horda se manteve fiel e esperançosa por comandos de Bolsonaro até meses após a eleição, porém ao perceber que dificilmente haveria alguma instrução dele para direcionar seus seguidores, prontamente surgiram em grupos bolsonaristas notícias falsas de que Lula não iria assumir a presidência, mas sim o General Augusto Heleno. Heleno cumpre muitos dos requisitos encontrados em Bolsonaro: também militar (mas de alta patente), com pro-pensão evangélica, pai de família, conservador e “cidadão de bem”. Essa busca incessante por um líder que pudesse dar ordens e orientar os caminhos para os seguidores fanáticos reforça o laço psíquico que a figura de um “pai primordial” freudiano representa para estas pessoas. Além desta, muitas foram as publicações nos grupos bolsonaristas anteriores ao dia da invasão. Uma delas pede para que os bolsonaristas não desistam e se mantenham nos QGs. Esta postagem, feita em 2 de janeiro, apresenta uma lista de informações que sustentariam a ideia de que Lula não assumiria a presidência e ao final pede para que os manifestantes não desistam, mantenham-se por “mais alguns dias”, em provável alusão à alguma providência para que a subida da rampa não ocorresse.

Súplica, comoção e dor da injustiça em vídeos nas redes

Nos aproximando do evento de 8 de janeiro, há dois vídeos que chamam a atenção, um publicado três dias antes da invasão das sedes dos poderes e outro quatro dias depois. O primeiro mostra uma mulher negra, de 81 anos, orando fervorosamente com uma bandeira do Brasil na mão esquerda⁵. No vídeo, ela está orando no início da manhã todos os dias em frente ao “QG” bolsonarista de Brasília desde o dia 2 de novembro de 2022. Seu gesto de devoção sob o sol causa comoção, como se o clamor nacionalista de uma pessoa idosa fosse o último sopro de fé e esperança. Publicar este vídeo, dentre outros similares,

⁵ Ver “Essa senhora orar deste [sic] 2 de novembro 2022 no QG Ex Brasília” in: <https://www.youtube.com/watch?v=XxLnrSpBFA8>



Posts da posse do General Heleno e de que Lula não assumiria viralizaram nas redes bolsonaristas. (Crédito: Reprodução / Redes Sociais)

Bolsonaristas orando durante a prisão após ataques a Brasília em 8 de janeiro. Print do vídeo “Presos em Brasília oração em conjunto – súplica pela liberdade”. (Crédito: Reprodução / YouTube)



dias antes do ataque que já estava sendo planejado, é uma estratégia de apelo emocional, recorrente nas redes sociais da extrema-direita. Este primeiro vídeo mobiliza sentimentos como esperança, resiliência e fé.

Outro vídeo, com o título “Presos em Brasília: oração em conjunto – súplica pela liberdade”⁶, sobrepõe orações ao fundo com uma música emotiva em primeiro plano. Dentro de um grande galpão aparecem em oração e acampadas centenas de pessoas detidas nos ataques de 8 de janeiro, e o objetivo do registro é mostrar que os “terroristas”, como nomeados pelas “emissoras e os esquerdistas”, na realidade são “um povo que se humilha diante de Deus e que estão sentindo na pele a dor da injustiça”. A oposição entre o termo pelo qual foram chamados os vândalos e o gesto de devoção ao Senhor tem a intenção de reverter o imaginário divulgado pelas mídias, num movimento estratégico e planejado de gerar dissociação com a realidade, diversas vezes praticado por Bolsonaro e seus seguidores. O apelo religioso é para apagar a memória coletiva sobre o ato de depredação de prédios públicos realizado dias antes pelas mesmas pessoas.

Orações para purificar Brasília

A invasão dos autodenominados patriotas em atos antidemocráticos em Brasília no dia 8 de janeiro, rendeu um turbilhão de imagens nas redes sociais, fossem elas publicadas por jornais que receberam imagens de fotojornalistas que registraram o processo de depredação, ou publicadas pelos próprios insurgentes. Vídeos mostram cultos sendo realizados no plenário do Congresso durante a invasão, pessoas entoando hinos da Congregação, orações sobre a bandeira do Brasil em frente às Forças Armadas, entre outras aparições da devoção evangélica durante os atos. Tais presenças foram tão marcantes que deram início a investigações sobre como se deu e quem financiou a participação de grupos evangélicos organizados.

A reportagem de Aguirre Talento para o *UOL*⁷ mostra que houve financiamento de igrejas evangélicas em todo o país para assegurar a presença de fiéis, com pastores organizando caravanas de ida a Brasília. Em depoimento

⁶ Ver “Presos em Brasília: oração em conjunto – súplica pela liberdade” in: <https://www.youtube.com/shorts/QiqcQW6mu1Q>

⁷ Matéria “Evangélicos presos no 8/1 dizem à PF que foram mobilizados por igrejas”, publicada em 15 de março de 2023, disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/aguirre-talento/2023/03/15/presos-no-8-1-dizem-a-pf-que-igrejas-pagaram-onibus-para-ato-em-brasilia.htm>. Consulta em 5 de julho de 2023.

BBC

Três mulheres em oração.



BBC

Invasores em oração no plenário do Congresso nacional.



Prints do documentário *Profetas do Bolsonarismo: Como Religião Foi Usada no 8 de Janeiro*, da BBC Brasil.

à Polícia Federal, um bolsonarista revela ter recebido R\$ 400, pagos por um pastor. Apesar do pastor e a Igreja Batista confirmarem a “ajuda”, discordarem do termo “financiamento” para a viagem que resultou nos ataques. A maioria dos vídeos e imagens que possibilitaram verificar a atuação dos invasores foram tirados do ar, restando apenas alguns poucos registros visuais da encenação litúrgica durante o vandalismo.

Dois deles estão presentes no início do documentário da BBC News Brasil sobre a participação evangélica na invasão⁸. No print feito de um dos vídeos, vemos três mulheres em oração em uma sala ou seção dos prédios públicos. A primeira está ao fundo, segurando uma bíblia com a mão direita e com o braço esquerdo levemente erguido, envolta na bandeira nacional, com boné e camiseta amarela. À esquerda, outra com os braços elevados, o rosto pintado nas cores da bandeira, óculos e, sobre a sua roupa branca, vê-se detalhes que remetem igualmente ao verde-amarelo. Da terceira figura, aparece apenas o rosto, mas nota-se que está com os olhos fechados e em oração, assim como as outras duas.

Caso parecido é visto no grupo que ocupou o plenário do Congresso. Em oração, todos utilizam o verde e amarelo como uniforme, muitos com a bandeira nacional. Foi reconhecido o hino da Congregação sendo cantado pelos invasores, estes espalhados entre pleito, mezanino e plateia, alguns com braços erguidos.

Em toda a gestualidade de ataque e unção aos prédios públicos, é possível observar a ânsia pela salvação de Brasília, que passa pela destruição das estruturas existentes no local, como se quebrar vidros, objetos, obras e móveis significasse quebrar o próprio modelo político vigente degenerado e tomado pelo Diabo. A República, podre e ineficaz, só pode ser substituída por um regime regido por militares ou por um escolhido de Deus. Destruir Sodoma-Brasília torna-se, portanto, a encenação contemporânea de uma narrativa bíblica presente logo no início do livro sagrado, como se salvar os palácios pútridos comandados pelo PT-satânico ou pelos capetas do STF fosse o início de uma nova história messiânica para o Brasil, iniciada em 2018 com a eleição do escolhido. Estariam ainda e novamente os palácios impregnados com toda a sujeira ideológica comunista, homossexual, feminista, indígena e negra, por corruptos

8 Documentário BBC News Brasil intitulado “Profetas do bolsonarismo: Como religião foi usada no “8 de janeiro””, publicado em 4 de março de 2023 e disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QVLYafGRvA4>. Consulta em 5 de julho de 2023



Bolsonaristas em oração sobre bandeiras do Brasil, de frente para as Forças Armadas, em 8 de janeiro de 2023.

[Crédito: Reprodução / TikTok]

Publicações em grupo bolsonarista na plataforma Facebook, datadas de 10 de janeiro.

[Crédito: Reprodução / Facebook]

PELO ANDAR DA CARRUAGEM, AS FORÇAS ARMADAS SE TORNARÁ A POLÍCIA REVOLUCIONARI A DO COMUNISMO QUE SE INSTALA NO BRASIL.

VIVI PRA VER UM MINISTRO NUMA CANETADA ORDENAR AS FFAA A RETIRAR O POVO PATRIOTA DA FRENTE DOS QUARTEIS. SE RENDERM.

Atualmente no Brasil GSI- POR HELENO E FFAA, TODOS SE CURVARAM PARA ESSE REGIME COMUNISTA QUE NOS GOVERNA HOJE NESSE BRASIL

e malandros, acumulada em quase duas décadas de governo petista, sujeira esta que inclusive impediu o presidente Bolsonaro de governar plenamente.

Sem o sopro divino e sem liderança, o exército de fiéis fracassou

Com a eleição de Lula e a derrota de Bolsonaro, considerada fraudada, e assim não autorizada por Deus, tornava-se urgente reencenar a história bíblica para combater a degeneração política e moral de retomar o poder... Contudo, sem o sopro de enxofre de Deus, a limpeza não se consumou, apesar da destruição realizada. No ataque a Sodoma-Brasília, mesmo adotando formas rudimentares, mas organizadas de ataque, não menos violentas, com direito a um ponto de incêndio atrás dos prédios, a redenção final pelo extermínio do outro não se consumou. Como em Eclesiastes 3:8, existe o tempo de paz e o tempo de guerra. Com a ânsia de purificação de Brasília, mas sem um “sinal” do líder (Bolsonaro, Heleno ou Deus), a performance em janeiro cumpriu com precisão a lei bíblica: agir sem o comando do Senhor dos Exércitos é se iludir e falhar. Por fim, aqueles que se sacrificam (em vão?) serão absolvidos no juízo final, mas não pelas leis dos homens, que tiveram início com a prisão e julgamento em massa dos vândalos.

Nos dias seguintes à barbárie, os grupos bolsonaristas nas redes foram inundados por publicações desiludidas, duvidando das Forças Armadas e do ex-ministro Augusto Heleno, porém sem mencionar Bolsonaro. Este parece ter adquirido um lugar de proteção afetiva para os seguidores. Sua traição como líder ao silenciar e se ausentar num momento de grande mobilização de sua base, não é comentada. As postagens lamentam os caminhos que o país terá com Lula na presidência e ao encontrar nas Forças Armadas a “polícia revolucionária do comunismo que se instala no Brasil”. O véu santo e crente na unção de Deus com o exército brasileiro parece

DESTRUIR SODOMA-BRASÍLIA TORNA-SE A ENCENAÇÃO CONTEMPORÂNEA DE UMA NARRATIVA BÍBLICA. SALVAR OS PALÁCIOS PÚTRIDOS COMANDADOS PELO PT-SATÂNICO OU PELOS CAPETAS DO STF DARIA INÍCIO A UMA NOVA HISTÓRIA MESSIÂNICA PARA O BRASIL, INICIADA EM 2018 COM A ELEIÇÃO DO ESCOLHIDO.



ter se rompido.

A iminência do Apocalipse desempenha um papel significativo na mentalidade de alguns grupos mais fundamentalistas. Eles podem ver os eventos atuais através da lente das profecias bíblicas e acreditar que estão vivendo os “últimos dias” antes do retorno de Jesus Cristo. O que estimula um senso de urgência e intensifica a sensação de que estão em uma “batalha espiritual” contra as forças do mal. Para alguns, isso pode justificar ações radicais ou combativas em nome de sua fé, como o 8 de janeiro.



O posicionamento dos evangélicos diante do Brasil pós-Bolsonaro será uma das principais questões políticas e culturais a serem decifradas e observadas atentamente. Para além das leituras bíblicas, mais ou menos literais ou fantasiosas, há movimentações ativas de pastores e políticos por influência e poder no Brasil atual. Ainda não está claro quais frações dos evangélicos seguirão em Guerra Santa e quais voltarão a dialogar com a realidade e colaborar para que o Brasil seja um país mais justo, solidário, fraterno e sustentável. Essa fração que deseja “adiar o fim do mundo” e construir um mundo melhor, que não está no transe guerreiro e maniqueísta da iminência do Apocalipse, parece ser com quem podemos e devemos dialogar, construir pontes e alianças.

Bibliografia comum

(de todos os capítulos)

AB'SABER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo, Hedra, 2015.

AB'SABER, Tales. **Temer e o fascismo comum**. São Paulo, Hedra, 2018.

ADORNO, Theodor W. Antisseminismo e propaganda fascista. Em **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ANJOS, Felipe dos; MOURA, João Luiz. **Contágio infernal: o apocalipse bolsonarista-evangélico**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

ARANTES, P.F; BARBOZA, I; OKUMA, A; VILA LOBOS, A. Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: Armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018. **Revista Eco-Pós**, v.24, n. 2, UFRJ, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27710>>. Acesso em: 1 jul. 2023.

ARANTES, Pedro; FRIAS, Fernando; MENESES, Maria Luiza. **8/1 A Rebelião dos Manés ou esquerda e direita nos espelhos de Brasília**. São Paulo: Hedra, 2024.

ARANTES, Paulo. **Depois de junho a paz será total**. São Paulo: Sentimento da Dialética, 2014 (ebook). <https://doi.org/10.34024/9786500201277>

ARANTES, Paulo. **Esquerda e direita no espelho das ONGs**. São Paulo: Sentimento da Dialética, 2000 (ebook). <https://doi.org/10.34024/9786500273182>

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadofera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Em **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BILENKY, T. O Deputado Marombado. **Jornal. Folha de São Paulo: revista piauí**, São Paulo, Julho 2019. Edição 154. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-deputado-marombado/>>. Acesso em 7 jun. 2023.

BIZAN, K. A Caixa do Homem: A Violência Masculina Como um Dever? In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, São Paulo, v. 24, n. 24, p. 227-238, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.15603/2176-0934/aum.v24n24p227-238>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

BONSANTO, A. Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5631, 2021.

BORBA, F e VASCONCELLOS, F. **A campanha negativa como estratégia eleitoral na perspectiva dos consultores políticos: quem atacar, quando atacar e como atacar**. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 45, e2022107, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022107pt>

BORBA, F. Propaganda negativa nas eleições presidenciais brasileiras. Revista **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 21, nº 2, agosto, 2015, p. 268 – 295.

BORNHEIM, Gerd. **Brecht: a estética do teatro**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CAMPOS MELLO, Patrícia. **A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter Sobre Fake News e Violência Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci**. 3ª ed., revista e aumentada; online, 2002.

CESAR, M. F. A ambivalência da imagem. **REVISTA POIÉISIS**, v. 10, n. 13, p. 11-26, 31 ago. 2009.

CESARINO, Letícia. **O Mundo do Averso: Verdade e Política na Era Digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHÁ, Ana Manuela. **Agronegócio e indústria cultural: estratégia das empresas para a construção de hegemonia**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CHAVES, Renan Paiva. Documentário clássico e a voz que não vemos: revisitando as noções de “voz de Deus” e “voz over”. **Doc On-line**, Covilhã. n. 26, p. 83-105, nov. 2019.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os Engenheiros do Caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DIEGUEZ, Consuelo. **O Ovo da Serpente – Nova Direita e Bolsonarismo: Seus Bastidores, Personagens e a Chegada ao Poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FACHIN, Patrícia e SANTOS, João V. Cristofascismo, uma teologia do poder autori-

tário: a união entre o bolsonarismo e o maquinário político sócio-religioso. **Instituto Humanitas**, Unisinos (online), jul 2020.

FACHIN, Patricia. Líderes das três principais igrejas neopentecostais travam “armagedom midiático”. Entrevista especial com Alexandre Dresch Bandeira. **Instituto Humanitas**, Unisinos (online), 2017.

FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. **Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2010.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle**. São Paulo, Ubu, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. A massa e a horda primeva. In **Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.

KALIL, Isabela. **Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro?** FESPSP: São Paulo, 2018.

KHALED JR., Salah H. **Videogame e Violência: Cruzadas Morais Contra os Jogos Eletrônicos no Brasil e no Mundo**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

KURTZ, Adriana Schryver. Holocausto judeu e a Estética nazista: Hitler e a Arquitetura da Destruição. **Comunicação & Política**, Rio de Janeiro, v. VI, n.2 e 3, p. 139-158, 1999.

KURTZ, Gabriela Birnfeld. **“Respeita aí”: os discursos e a subversão das regras como manifestações de violência simbólica de gênero nos jogos digitais Dota 2 e League of Legends**. Tese de doutorado em Comunicação-UFRGS, 2019.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. **O mito nazista**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2020.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. Em **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LEIRNER, Piero. **O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida – militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica**. São Paulo: Alameda, 2020.

LIGA (Laboratório de Impacto Gamer). **Identidade Gamer: novos paradigmas sobre comportamento e política dentro dos territórios gamers**. Purpose: São Paulo, 2023.

LIMA-SANTOS, A.V. S.; SANTOS, M. A. Incels e Misoginia Online em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 03, p. 1081-1102, 2022.

LINS, Consuelo. A voz, o ensaio, o outro. Em Borges (org.), **Catálogo da Retrospectiva de Angès Varda**. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil. 2006, p. 34-39.

MACEDO, Edir. **Plano de poder: Deus, os cristãos e a política**. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2008.

MARIANO, R., & GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, n.120, p. 61-76, 2019. Doi: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76.

MARTINS, C. Aspectos da individualidade em personagens de super-heróis: perspectivas sociológicas e o caso do Capitão América. **Revista Plural, USP**, v. 25, n. 1, p. 202-225, 2018. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.148915>

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech – A Ascensão dos Dados e a Morte da Política, o pesquisador Evgeny Morozov**. Ubu: São Paulo, 2018. P. 26.

NASCIMENTO, A. C. **A juíza, o deputado e o pastor – o discurso de ódio aos direitos humanos e a Marielle Franco**. 2022. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos). Instituto de Educação a Distância, Unilab, Redenção-CE, 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

NIGRO, C. B. C.; SANTANA, L. B; GOVEIA, F. G. Vitória do Mito: Análise Imagética de Bolsonaro no Twitter. **Intercom—Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Vitória, v. 5, n. 06, 2019.

NOGUEIRA, C; MIRANDA, M. A (re)produção das masculinidades hegemônicas-homens, famílias populares e violações dos direitos humanos. **Interritórios: Revista de Educação**. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, Brasil. v. 3, n. 5, p. 120-140, 2017.

NUNES, Rodrigo. **Do Transe à Vertigem. Ensaio sobre o Bolsonarismo e um mundo em transição**. São Paulo, Ubu, 2022.

OLIVEIRA, Thaynara Tanganelli de. **A falácia da higienização racial: uma análise dos cartazes antissemitas Nazistas sob a perspectiva arendtiana (1939-1944)**. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em História). Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2023.

PEREIRA, M. J.; GAMAS, L. C. Redes sociais, masculinidade hegemônica e violência: o machismo como elemento (des) civilizacional no Brasil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 8, n. 17, p. 215-234, 30 jun. 2021.

PIXLEY, Jorge. O que é fundamentalismo? **Revista Zelota**, 2022.

QUINN, Zoë. **Crash Override: How Gamergate (Nearly) Destroyed My Life, and How We Can Win the Fight Against Online Hate**. Hachette Book Group. EUA, 2017. P. 02.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

REICH, William. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo, Martins Fontes, 2019.

ROCHA, João Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Editora Caminhos, 1ª edição, 2021.

SALES GOMES, Paulo Emílio. Cinema: **Trajatória no Subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

STEFANONI, Pablo. **A rebeldia tornou-se de direita?** Campinas, Editora Unicamp, 2022.

VIDAL – NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Campinas, Papirus, 1988.

WOODCOCK, Jamie. **Marx no Fliperama**. Autonomia Literária: São Paulo, 2019.

XAVIER, Ismail (org). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal, Embrafilme, 1983.

Créditos das imagens

p.16 - Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional, em 2018, e atacando Haddad, em 2012. Créditos: Reprodução/ TV Globo (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/796um9nb) e Sergio Lima/Folhapress (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/yc6uj53f). As imagens com “mamadeiras eróticas” proliferaram-se em 2018 e tornaram-se visíveis em sites de sex shops e E-Farsas (tinyurl.com/bdcp4r74). Ao lado, foliões usando as mamadeiras no carnaval de rua em 2019. Crédito: Márcia Foletto / Agência O Globo (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/445ssrmj).

p.21 - Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel comemorando o ato da quebra da placa com o nome de Marielle Franco. Créditos: Reprodução (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/45r88dc4) e Reprodução (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/ykjsbsyj).

p.23 - Capitão B: na charge de Gabriel Renner (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/428c2bxx) e em montagem anônima (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/mx3ue87).

p.26 - O Capitão B e sua família de heróis na pirataria verde-amarela. Imagem Liga da Justiça (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/5xycx949) / Imagem Capitão América (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/5ujk9xfp).

p.34 - “Rambonaro” em montagem digital. Crédito: Giovane Falcone / Facebook (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/47v2kumj). “Rambonaro I” em outra montagem digital. Crédito: MohicanDogs (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/4h4wduxs).

p.37 - No topo, Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, deputado estadual pelo Rio de Janeiro, mostram a placa da Marielle Franco quebrada. Crédito: Divulgação / Veja (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/rcamdk8u). Abaixo, Daniel aparece fazendo pistola com as mãos em seu gabinete no Congresso, 2021. Crédito: Reprodução / Facebook (acesso em 8 de maio de 2024: tinyurl.com/2nvnjmr9).

p. 40 - No topo, Daniel Silveira sendo preso. (Crédito: Reprodução da TV Globo em www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/18/senadores-divergem-sobre-pri-sao-do-deputado-daniel-silveira). Abaixo, postagem *Capitão Bolsonaro até o último Mito* (Crédito: Reprodução/[instagram.com/manato_es](https://www.instagram.com/manato_es). Acesso em 8 de maio de 2024: tinyurl.com/3n5nrruc).

p.42 - Entre o mártir e o algoz: o corpo bombardeado do capitão, em foto de João Men-na (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/44vsrdsh).

p.50 - Mensagens de ódio direcionadas a Zoë Quinn em 2014, à época do Gamergate.

O teor dos ataques, em tradução livre do inglês, contém forte teor misógino, ao associar a ascensão profissional de Quinn à sua vida sexual, assim como ameaças de morte.

Crédito: Tumblr / Intelligencer / New York Magazine (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/4fawpnhk). Abaixo, adaptação feita por jogadores de GTA na qual Jair Bolsonaro aparece, na pele presidente do Brasil, como personagem do jogo. Crédito: Reprodução / Mods GTA SA (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/yc82dzy6).

p.53 - Acima, reprodução do jogo *Bolsomito 2k18*, no qual o então candidato à presidência aparece agredindo impunemente integrantes de grupos minorizados, como pessoas negras, mulheres, LGBTQIAPN+ e integrantes de movimentos sociais. Crédito: Divulgação / BS Studios. Trata-se de frame do jogo (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/57emp933). No meio, Jair Bolsonaro, em publicação no antigo Twitter como aceno à comunidade gamer. Crédito: Reprodução / twitter.com/jairbolsonaro (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/f8kf57mf). Abaixo, carreata virtual organizada por jogadores de GTA para a campanha de Jair Bolsonaro em 2022. Crédito: reprodução / twitter.com/jairbolsonaro (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/4cndpyyt).

p.56 - Personagem Abby, vilã de *The Last of Us 2*. Crédito: Jogo *The Last of Us 2*, PS4, captura de tela do jogo (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/5d8pb8ur). Abaixo, Ellie e sua namorada Dina, também do Jogo *The Last Of Us 2*. Crédito: Jogo *The Last of Us 2*, PS4, captura de tela do jogo (acesso em 8/5/2024: tinyurl.com/47xxd89r).

p.65 - Cartoon divulgado no perfil do Escola Sem Partido Crédito: autoria desconhecida (acesso em 12/5/2024: tinyurl.com/5n85ctjt). Abaixo: Cartoon sobre um professor cuja dinâmica de aula esteve condicionada aos interesses de grupos antidemocráticos. Crédito: Jota Camelo (acesso em 14/5/2024: tinyurl.com/2ak8pwwf).

p.69 - Olavo de Carvalho em live em defesa do Escola Sem Partido em 2016. E post do empresário da Havan, Luciano Hang, por ocasião dos 100 anos de Paulo Freire, em setembro de 2021. Créditos: Reprodução / YouTube (acesso em 12/5/2024: tinyurl.com/4j24d4fb) e Revista Fórum (acesso em 12/5/2024: tinyurl.com/ywjvpu43).

p.74 - Mensagem com imagem de Adolf Hitler encaminhada em grupo de WhatsApp de escola na qual um jovem negro sofreu racismo, e post do grupo “Todos a uma só voz”, movimento do Agro, em 2021. Créditos: Reprodução / Apologia 'livre' e criminosa a racismo e nazismo em colégios é reflexo de 'escola sem partido' e impunidade, analisa educadora da Unicamp, G1 (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4hcmckfv) e Portal Campo Vivo (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4a2497ft).

p.81 - Díptico com retrato de Goebbels e do ex-secretário da Cultura Roberto Alvim. Crédito: Governo suspende edital anunciado por Alvim em vídeo associado ao nazismo,

Folha de S.Paulo (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/y5x93cff). Pôsteres da Alemanha nazista na década de 1930 comparada com ilustração de manifestações bolsonaristas em 2022. Créditos: twitter.com/nesimachado (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/685xmfbd) e Jornalistas Livres (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/mr3c8xfm).

p.85 - MP-SC investiga saudação feita por bolsonaristas. Crédito: Carta Capital, 2022 (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/yf2skz2v). Abaixo Jair Bolsonaro assiste a uma partida de futebol usando camisa da Lazio, equipe italiana com histórico supremacista. Crédito: x.com/mfriasoficial (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/2s3ep2tm).

p.90 - Publicação da Secom, em 2022, com imagem personalista de Jair Bolsonaro e mensagem em tom de campanha sobre o tratamento precoce. Crédito: x.com/secomvc (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3xwaane3). Abaixo, Página do Governo Federal, gerida pela Secom, usada como instrumento de propaganda em favor do tratamento precoce. Crédito: Reprodução / Secom (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/2xz9a3r6).

p.94 - Na primeira imagem, Filipe Martins realiza gesto supremacista no qual emula a sigla WP (“poder branco”, em tradução livre do inglês). Crédito: reprodução / TV Senado (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/nft2yzk3). Abaixo, Mike Godwin, criador da “Lei de Godwin”, responde a um internauta sobre ser plausível associar os ideais defendidos por Jair Bolsonaro ao nazismo - a resposta foi positiva. Crédito: Criador da “Lei de Godwin”, sobre discussões usando nazismo, passa a usar #EleNão no antigo Twitter / BOL Notícias (acesso em 14/5/2024: tinyurl.com/mr3j5vs4).

pp.99, 103, 106, 108, 110 - Todas as imagens estão disponíveis no Instagram de Lucy Billhardt. Crédito: instagram.com/lucimarybillhardt (acesso em 13/5/2024).

p.115 - Frames do longa-metragem *Nada a Perder 2: Não se pode esconder a verdade*, de 2019. Crédito: Record Filmes e Paris Filmes.

p.121 - Interior e exterior da Igreja Lagoinha, em Belo Horizonte. Crédito: Facebook / Igreja Batista da Lagoinha (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3pxpmwb6 e tinyurl.com/4axdtzsu).

p.123 - Acima, fachada da Assembleia de Deus do Brás, em São Paulo. Crédito: noticias.gospelmais.com.br (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/zv9vyws4). No meio, Interior da Assembleia de Deus do Brás, em São Paulo. Crédito: guiadecarapicuiiba.com.br (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3wmtdw92). Abaixo, templo da Igreja Mundial do Poder de Deus em Santo Amaro. Crédito: Gospelmais, Justiça coloca templo luxuoso da Igreja Mundial a leilão por conta de dívida de R\$ 400 mil (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/).

com/5xsd8rbx).

p.125 - Tabernáculo de Moisés no Templo de Salomão. Crédito: redealeluia.com.br (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3nwr8e6m). Abaixo, guia vestido com trajes sacerdotais. Crédito: IURD (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/b37naxrr).

p.127 - Memorial e Edificação do Templo de Salomão. Créditos: IURD / Istoé Dinheiro (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/yeyubm3t) e Wikipédia (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/5a4p9d5c).

pp.138, 140, 143 - Frames extraídos da série documental *A Direita no Brasil*, de 2023. Crédito: Brasil Paralelo Entretenimento e Educação S/A.

p.148 - Frames extraídos dos longa-metragens *Branco Sai, Preto Fica*, de 2014 (Crédito: 5 da Norte, CEICINE e Vitrine Filmes) e *Era Uma Vez Brasília*, de 2017 (Crédito: 5 da Norte e Punta Colorada de Cinema).

p.151 - Acima, Supremo Tribunal Federal (STF) durante invasão de manifestantes com “Perdel Mané” e “Jesus”, grafados nas vidraças com jato de extintor. Créditos: Renato Guariba/Futura Press/Estadão Conteúdo. Acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4fb3m7kt. No meio, Estátua da Justiça, obra de Alfredo Ceschiatti, com a inscrição “Perdeu, mané”. Créditos: Joedson Alves/Agência Brasil (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/mwyy9ejj). Print de artigo na Jovem Pan e postagem logo antes do ato de 8/1. Créditos: jovempan.com.br. (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/mr3jfd3e). Abaixo: Post “Levante dos manés”. Créditos: Reprodução / Twitter @cerqueira1965 (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/2p8udn2x).

p.153 - Posts de “Tomada do Poder” nas redes bolsonaristas dias antes do 8/1. Créditos: Reprodução Redes Sociais diversas (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/ykue84hc, tinyurl.com/3vf7zxyd, tinyurl.com/4xtr5j5w e tinyurl.com/3katdbxz).

p.154 - Acima, QAnon Xamã, figura ícone dos invasores do Capitólio, em 2021. Créditos: Manuel Balce Ceneta / Associated Press (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3855uyy9). No meio, Cópia brasileira do Xamã QAnon, no 7 de setembro de 2021. Créditos: Guilherme Gandolfi/RBA (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/9dbxxcxh). Abaixo, Bolsonaroistas tomam o Congresso pedindo intervenção millitar. Créditos: Edison Bueno/Photopress/Estadão (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4rjz32pt).

p.157 - Acima, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva toma posse em Brasília e sobe a rampa do Planalto. Créditos: Hermes de Paula/O Globo (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3xyrx3cv). A catadora Aline Sousa entrega faixa presidencial para Lula. Créditos: Ricardo Stuckert (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/mu8zrndh). Abaixo, cidadãos de bem em fúria. Créditos: Adriano Machado/Reuters (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/).

com/39a5mzrn). Quebra quebra estilhaça o espelho em que a direita se via.. Créditos: Tom Molina/AFP (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/39hy236n).

p.160 - “Infográfico do revolucionário pacífico” circula dias antes nas redes bolsonaristas orientando a paramentação do yellow-green bloc. Créditos: O Bastidor (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3p9dwyh8).

p.162 - Parque temático: invasores fazem selfies e tour pelos palácios invadidos. Créditos: Adriano Machado/Agência Brasil (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3zr7ftaz). Abaixo, invasores se sentam com bandeiras do Brasil diante de militares aguardando a GLO e aplaudindo a chegada da tropa. Créditos: Eraldo Peres/AP (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/2rkj7xkr).

p.164 - A vanguarda revolucionária do atraso, em selfies tirados pelos próprios invasores das sedes dos três poderes. Créditos: Estadão (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4aj8e9ve).

p.174 - Pastores em oração pelo Brasil na véspera do segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Crédito: Youtube/Primeira Batista e 1BTV (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/4s4jzksx).

p.178 - Post da posse do General Heleno e de que Lula não assumiria que viralizou nas redes bolsonaristas.. Crédito: Reprodução Redes Sociais (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/3awrfc7a). Abaixo: Vândalos orando durante a prisão após ataques a Brasília em 8 de janeiro. Print do vídeo *Presos em Brasília oração em conjunto – súplica pela liberdade*. Crédito: Reprodução / YouTube.

p.180 - Prints do documentário *Profetas do Bolsonarismo: Como Religião foi usada no 8 de janeiro*, da BBC Brasil. Crédito: Youtube/BBC News Brasil (acesso em 13/5/2024: tinyurl.com/5n72tuk4).

p.182 - Bolsonaristas em oração sobre bandeiras do Brasil, de frente para as Forças Armadas, em 8 de janeiro de 2023. Crédito: x.com/delucca (acesso em 15/5/2024: tinyurl.com/2p9c69rv). Abaixo, publicação em grupo bolsonarista na plataforma Facebook, datada de 10 de janeiro. Crédito: Reprodução / Facebook.

Os/as autores/as

Alexandre Gomes Vilas Boas é artista visual e professor. Tem experiência em gravura, pintura, ilustração, maquete e cenografia. Pesquisa arte, política e hibridismo. Doutor em artes visuais pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp. Doutorando em História da Arte na EFLCH-Unifesp. Membro do Coletivo 308, de Guarulhos. Integra o grupo de pesquisa e estudos em Guerras Culturais da Unifesp.



Amanda Petronieri Feo é bacharel em História da Arte pela Unifesp. Tem interesse por estudos da moda, memória e do grotesco na arte, explorando a convergência entre o belo e o feio – o último tema fez parte da sua pesquisa como TCC (trabalho de conclusão de curso). Sempre aprendendo. Sempre do coletivo.

Amauri Eugênio Jr. é jornalista graduado pela Universidade Nove de Julho (2010) e pós-graduado em Jornalismo Contemporâneo e Digital pela Universidade Anhembi Morumbi (2020). Trabalha com comunicação de causas voltada à defesa de direitos humanos e da promoção da equidade sociorracial, econômica e territorial na Fundação Tide Setubal. Integra o grupo de pesquisa e estudos em Guerras Culturais da Unifesp. É mestrando em História da Arte na EFLCH-Unifesp (2023).



(Crédito: José Cícero / DiCampana Foto Coletivo)



Ana Beatriz Tavares Barbosa é graduada em História da Arte e Técnica em Museologia. Cristã protestante e natural de Santos (SP), atua com mediação cultural e arte-educação. Interessa-se por estudos teológicos e filosóficos da arte. Participa da luta por novas narrativas no cenário religioso brasileiro. Realizou TCC sobre "Imagens como instrumento de poder: o evangelismo high-tech e a nova estética neopentecostal".

André Okuma é do ABC, bacharel, mestre e doutorando em História da Arte pela EFLCH-

Unifesp. Atua como cineasta e arte-educador. Em 20 anos de carreira, produziu dezenas de curtas-metragens e ministra oficinas de cinema na periferia de Guarulhos. Integra o grupo de pesquisa e estudos em Guerras Culturais da Unifesp.



Fernando Rodrigues Frias é graduado em História pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e licenciado pela Faculdade de Educação da USP. É mestrando em História da Arte pela EFLCH-Unifesp. Integra o grupo de Pesquisa MAAR (Mídias, Artes, Afetos e Resistência), coordenado pela Profa. Yanet Aguilera e o grupo de pesquisa e estudos em Guerras Culturais da Unifesp.

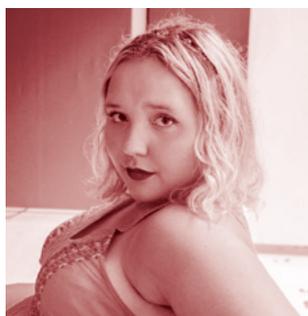


Isabel Barboza é arquiteta e urbanista, mes-tranda em estudos urbanos pelo programa 4Cities Erasmus Mundus. Nascida e criada na Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo, atua no movimento de mulheres Olga Benario e na cooperativa Mútua assessorando projetos de moradia junto aos movimentos populares. Integra o grupo de pesquisa e estudos em Guerras Culturais da Unifesp.



Isabella Mendes Marques dos

Santos é natural da Zona Leste de São Paulo (SP). Historiadora da arte em formação (Unifesp) e escritora. É oficinaira e socioeducadora na área de saúde mental da rede pública, constrói em sua função metodologias de ampliação de repertório cultural de usuários em situação de vulnerabilidade mental e social como conduta terapêutica. Atua e estuda nas áreas de arte-educação, arte e política contemporânea e arte-terapia.



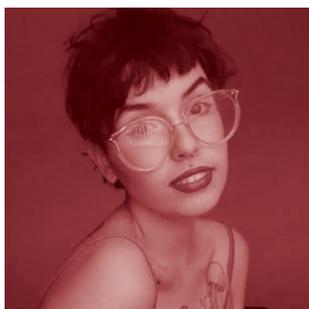
Maria Luiza Meneses é graduanda em História da Arte (Unifesp). Responsável pelos projetos Pinacoteca Digital Mauá (2019 -) e Falando em Arte (2020 -). Foi curadora da exposição Travessias do Moderno em Mauá (2022) e assistente pessoal da curadora Diane Lima, com ênfase em pesquisa, produção e curadoria durante a 35ª Bienal de São Paulo (2022-2023). Atua nos coletivos Rede Latino Americana de Estudantes de História da Arte (RedLEHA), Nacional TROVOA e Rede Graffiteiras Negras do Brasil.





Patricia Pinheiro Antunes de Paula é bacharel em História pela USP e graduanda em História da Arte pela Unifesp. Participou do projeto Reciprocitar junto ao Centro Cultural Ouvidor 63. Possui interesses em pesquisa de arte urbana, disputas simbólicas no campo artístico e curadoria de arte.

Pedro Fiori Arantes é arquiteto e urbanista (FAU-USP), professor de História da Arte na Unifesp, Campus Guarulhos. É autor de livros e artigos sobre movimentos sociais, arte e política, guerras culturais, direito à cidade, habitação popular e educação. Participa do coletivo USINA que assessora projetos e obras de movimentos populares e é membro do Centro SoU_Ciência. Coordena o grupo de estudos em Guerras Culturais da Unifesp.



Rebeca Nieves Inostroza é graduanda em Ciências Sociais (EFLCH-Unifesp). Já realizou três curtas metragens a respeito da vivência do indivíduo em sociedade e constantemente interage com ações que a fazem se sentir parte do todo, como ter participado por um ano da gestão do Centro Acadêmico Helenira Rezende. É membra da Congregação da Unifesp (CONG-GUA). Busca compreender o comportamento humano e sua evolução por meio de estudos antropológicos e cinematográficos.



Camila Dias fez o projeto gráfico do livro, é formada em Design de Moda e Comunicação Visual, estuda arte e criação desde 2008. Trabalhou em coletivos de produção cultural desde 2014 e, como graduanda em História da Arte na EFLCH desde 2023, também atua no projeto de extensão Reciprocitar. Atualmente, dedica maior parte do seu tempo à pintura e ao estudo da arte visionária.



inverso

Este livro utilizou as fontes Garamond e Conduit ITC,
em papel pólen natural 80g, e foi impresso em
maio de 2024, na gráfica Trust Gráfica e Editora, Guarulhos.